

Diogo Guedes Vidal

**Um Porto em cada Nós: Imagens, representações, semânticas e memórias
da cidade.**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora
Doutora Helena Carlota Ribeiro Vilaça.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

junho de 2016

Um Porto em cada Nós: Imagens, representações, semânticas e memórias da cidade.

Diogo Guedes Vidal

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Helena Carlota Ribeiro Vilaça

Membros do Júri

Professor Doutor Paulo Jorge Marques Peixoto
Faculdade de Economia – Universidade de Coimbra

Professora Doutora Helena Carlota Ribeiro Vilaça
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Natália Maria Azevedo Casqueira
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

*A Ti, por me ensinares que é
possível sonhar sem barreiras.*

Um Porto em cada Nós: Imagens, Representações, Semânticas e Memórias da Cidade.

Sumário

| | |
|---|-------------|
| Agradecimentos | v |
| Resumo | vii |
| Abstract | viii |
| Índice de Figuras | ix |
| Índice de Quadros | x |
| Lista de Abreviaturas e Siglas | xi |
| Introdução | 1 |
| Parte I | 4 |
| 1 Interpretar o Porto: uma abordagem transdisciplinar para fundamentar uma opção | 5 |
| 1.1. Breve itinerário sobre a produção científica em torno do Porto | 5 |
| 1.2. Cidade de memórias, cidade de sentidos: uma viagem pelo Porto | 11 |
| 1.3. Porto 2001: passos para uma reconversão identitária da cidade..... | 18 |
| 1.4. Porto, território(s) de memória(s) | 19 |
| 1.5. A “Cidade Líquida”: um outro Porto | 21 |
| 2 Para uma Sociologia da Cidade e das suas representações: contributos teóricos | 24 |
| 2.1. O Espaço Social da cidade: entre a produção e a reprodução..... | 24 |
| 2.2. Urbe: para uma sociologia sensível à cidade | 30 |
| Parte II | 38 |
| 3 Metodologia de Pesquisa: um vai e vem entre o quantitativo e o qualitativo | 39 |
| 3.1. Porto de Hipóteses | 39 |
| 3.2. A cidade a seus pés: o Porto como objeto | 41 |
| 3.3. Técnicas adotadas: uma visão plural | 45 |
| 3.3.1. A cidade documentada: a análise documental..... | 45 |
| 3.3.2. Inquirições estudantis: o inquérito por questionário | 46 |
| 3.3.3. A cidade aos olhos Deles: os mapas mentais dos estudantes..... | 47 |

| | |
|--|-----------|
| 4 Sou de Letras e trago um Porto em Mim: à procura das suas imagens, representações, semânticas e memórias..... | 49 |
| 4.1. A Amostra: breve caracterização de um mosaico estudantil | 49 |
| 4.2. O simbólico da cidade: elementos para reflexão | 53 |
| 4.3. A cidade, os prémios e as suas apropriações | 61 |
| 5 A Imaginabilidade do Porto: a cidade no imaginário simbólico dos estudantes .. | 66 |
| 5.1. Discussão em torno dos mapeamentos mentais do Porto | 66 |
| Notas conclusivas e Pistas em aberto para um outro Porto..... | 86 |
| Bibliografia..... | 90 |
| Anexos..... | 97 |
| 1. Cronograma de Pesquisa | 98 |
| 2. Inquérito por questionário | 99 |

Agradecimentos

“... olhei o movediço panorama urbano de onde emergia a algazarra imensa e compreendi que esse tumulto tinha a sua razão de ser: era o som da cidade...”

António Vitorino de Almeida. *O Som da Cidade* (1987)

No final de qualquer viagem há que realizar um balanço sobre a experiência. A elaboração de uma dissertação não é exceção e impõe-se a necessidade de salientar tudo e todos que, de uma forma ou de outra, tornaram esta viagem inesquecível.

Começo por Ti, fonte inspiradora e orientadora. Sem religião ou crença definível, Tornas a minha vida mais serena e completa. Único Confidente e secreto Amigo.

À minha orientadora, Professora Doutora Helena Vilaça, pelas palavras sinceras e incentivadores de um percurso a dois, permeado por percalços que, quando partilhados, se transformaram em desafios verdadeiramente aliciantes. Pela paixão mútua por fazer Sociologia e pela (re)descoberta, a cada instante, de uma Ciência bela. O meu sincero Obrigado!

Se a cidade é uma entidade viva, então o Porto merece ser relembrado. Pelo brotar inesgotável de inspiração. Força motivadora que não se esgota em cada rua e ruela em que ousei deambular. Percorri cada pedaço teu e encontrei-te, aos meus olhos, mais belo e mais enigmático.

Aos meus Pais. Pela possibilidade de sentir a força do afeto e do amor incondicional. Por me ensinarem a sonhar, sem fronteiras. Pela motivação e curiosidade. À minha mãe, uma pequena dedicatória pessoal: Eu sou aquilo que tu és e não poderia ser melhor. Por tudo e muito mais, obrigado

À minha princesa Catarina. Pelo Amor eterno de uma paixão eternamente correspondida. Pela partilha, aventura e viver a dois intensamente. Fazes parte de mim e eu de ti, Sempre!

À Joana, pela amizade construída a cada dia. Partilhamos desafios e incertezas de um percurso que iniciamos juntos. Quero o melhor para ti e sei que tu também o queres para mim. Aquilo que nos une não é só a paixão por Sociologia, é também uma forma de vida.

Aos Estudantes da FLUP pela disponibilidade em tão prontamente responderem ao inquérito e pela curiosidade demonstrada aquando a realização dos mapas mentais. Foram a condição essencial para que esta investigação chegasse ao fim. Obrigado.

E não podia deixar de fora todos os professores do departamento de sociologia pela capacidade de nos seduzirem com a paixão pela ciência e pela investigação. Estiveram sempre presentes, cada um, no trilhar do meu caminho enquanto jovem aprendiz de sociologia. Obrigado!

Resumo

A investigação aqui proposta insere-se numa lógica de interpretação sensível da cidade, no sentido Simmeliano do termo. Nessa medida, inevitavelmente a sua dimensão simbólica é uma constante. Numa sociedade marcada pela volatilidade e pela transfiguração rápida das paisagens físicas e dos espaços urbanos, a representação dos mesmos tende a sofrer (re)configurações. É uma abordagem assente em critérios sensoriais que se prende com uma viagem para perceber quais são as imagens, representações, memórias e semânticas da cidade do Porto.

O Porto é a cidade que será objeto de estudo, sendo que a escolha deste espaço urbano reveste-se de enorme pertinência visto terem sido vários os autores, desde o foro académico, passando pelo artístico e pelo literário, que se debruçaram sobre a cidade numa lente sensorial e interpretativa da mesma. Alicerçados nos contributos de Lefebvre e Soja, e inspirados por K. Lynch, nomeadamente nos seus mapas mentais, iremos perceber o modo como a cidade é (re)mapeada e como a mesma é elaborada aos olhos dos indivíduos que nela se movimentam. Considerando a relativa heterogeneidade geográfica e mesmo social da FLUP, elegemos os estudantes da mesma instituição como população alvo na medida em que a mesma se assume como palco de coexistência de atores provenientes de diferentes espaços do país e do mundo que, por conseguinte, resultam em diferentes formas de (re)apropriações da cidade. Neste sentido, a formação académica tem influência na forma como é construído o campo simbólico dos estudantes. Para tal, é acionada uma lógica de triangulação de técnicas como abordagens de foro quantitativo – inquéritos - e qualitativo – mapas mentais - dos dados. Desta forma é possível analisar e desconstruir as imagens, representações, memórias e semânticas da cidade, através de uma leitura das relações existentes entre os indivíduos e os espaços da mesma enquanto portadores de memórias, sentimentos e experiências.

Palavras-chave: Cidade; Representações; Imagens; Mapas Mentais; Espaço; *Thirdspace*;

Abstract

The investigation here proposed is inserted in logic of sensitive interpretation of the city, in Simmel's sense of the term. In this measure, inevitably his symbolic dimension is a constant. In a society marked by the volatility and by the quick transfiguration of the physical landscapes and urban space, the representation of same has a tendency to suffer (re)configurations. Is an approach based on sensory criteria which look like a travel to found the images, representations, memories and semantics of the city of Oporto. Oporto is the city that will be the object of study and the choice of this urban space is covered of enormous relevance seen they had been different the authors, from the academic forum, through the artistic and literary one, who pored over the city in a sensory and interpretative lens. Grounded by the contributions of Lefebvre and Soja, and also inspired by K. Lynch, particularly by his mental maps, we will see how the city is (re)mapped and how it is developed in the eyes of the individuals. Considering the relative geographical and even social heterogeneity of the FLUP, we elect the students of the same institution as target population to the extent that it is assumed as a space where coexistence actors form different country areas and from the world, therefore result in different forms of city (re)appropriations. By this way, the academic formation has influence in the construction of the students symbolic field. To do this we use a logical triangulation of techniques such as quantitative forum approaches – surveys - and qualitatively – mental maps - data. Through this is possible to analyse and deconstruct the images, representations, memories and semantics of the city, through a reading of the relationship between individuals and the spaces just as bearers of memories, feelings and experiences.

Key-words: City; Representations; Images; Mental Maps; Space; *Thirdspace*

Índice de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Mapa Sensorial do Porto..... | 17 |
| Figura 2 - Thirdspace: a conceção de um espaço..... | 27 |
| Figura 3 - Modelo de Análise..... | 41 |
| Figura 4 – Desenho de pesquisa do modelo intermétodos..... | 45 |
| Figura 5 – Meio de deslocação utilizado no trajeto residência-faculdade..... | 52 |
| Figura 6 – Zonas favoritas da cidade referidas pelos inquiridos..... | 57 |
| Figura 7 – Palavras associadas à cidade pelos inquiridos..... | 58 |
| Figura 8 – Personalidades associadas à cidade pelos inquiridos..... | 59 |
| Figura 9 - Mapa Mental nº1..... | 68 |
| Figura 10 - Mapa Mental nº2..... | 68 |
| Figura 11 – Mapa Mental nº3..... | 70 |
| Figura 12 – Mapa Mental nº4..... | 70 |
| Figura 13 – Mapa Mental nº5..... | 71 |
| Figura 14 – Mapa Mental nº6..... | 71 |
| Figura 15 – Mapa Mental nº7..... | 74 |
| Figura 16 – Mapa Mental nº8..... | 74 |
| Figura 17 – Mapa Mental nº9..... | 75 |
| Figura 18 – Mapa Mental nº10..... | 75 |
| Figura 19 – Mapa Mental nº11..... | 77 |
| Figura 20 – Mapa Mental nº12..... | 79 |
| Figura 21 – Mapa Mental nº13..... | 79 |
| Figura 22 – Mapa Mental nº14..... | 80 |
| Figura 23 - Mapa Mental nº15..... | 80 |
| Figura 24 – Mapa Mental nº16..... | 83 |
| Figura 25 – Mapa Mental nº17..... | 83 |
| Figura 26 – Mapa Mental nº18..... | 84 |

Índice de Quadros

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Premissas do Interacionismo Simbólico de Blumer..... | 30 |
| Quadro 2 – Curso dos Inquiridos e frequência dos mesmos..... | 49 |
| Quadro 3 – Sexo dos Inquiridos..... | 50 |
| Quadro 4 – Estado Civil dos Inquiridos..... | 50 |
| Quadro 5 – Zona de residência dos Inquiridos..... | 51 |
| Quadro 6 – Distância média da residência dos Inquiridos ao centro do Porto..... | 51 |
| Quadro 7 – Naturalidade dos Inquiridos..... | 51 |
| Quadro 8 – Memórias associadas à cidade pelos Inquiridos..... | 54 |
| Quadro 9 – Conhece as expressões? Expressões adequam-se ao Porto de hoje?..... | 56 |
| Quadro 10 – Já se sentiu perdido na cidade?..... | 60 |
| Quadro 11 – Cruzamento entre curso e sentimento vivido aquando a perda..... | 61 |
| Quadro 12 – Avaliação da cidade em categorias pelos Inquiridos..... | 62 |
| Quadro 13 – Prémios atribuídos ao Porto..... | 63 |
| Quadro 14 – Atividades realizadas na cidade pelos inquiridos por curso..... | 64 |

Lista de Abreviaturas e Siglas

AMP – Área Metropolitana do Porto

CITEM – Centro Investigação Transdisciplinar “Espaço, Cultura e Memória”

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

FCP – Futebol Clube do Porto

FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia

SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local

STCP – Sociedade de Transportes Coletivos do Porto

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura¹

UP – Universidade do Porto

¹ Tradução de: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Introdução

O Porto tem vindo, ao longo dos últimos anos, a ser alvo de inúmeros estudos e investigações que se debruçam nos diferentes quadrantes da esfera da cidade. As transformações de que a cidade tem vindo a ser alvo, no que se refere a revitalizações e requalificações urbanas, projetos interventivos a nível cultural e social e fenómenos turísticos, leva a que as paisagens da mesma sofram alterações. A par destas alterações a UP acolhe cada vez mais estudantes de fora da cidade que extravasam os limites da AMP e do próprio âmbito nacional, sendo por isso uma instituição de renome no panorama internacional. A FLUP, enquanto instituição da UP, agrega um número significativo de estudantes provindos de vários cantos do país e do mundo sendo, por isso, um espaço onde existem diferentes formas de apropriação da cidade resultantes deste fenómeno. Este fenómeno conduz a uma alteração do código identitário da mesma que, por conseguinte, altera a forma como os indivíduos a leem, sentem e a apropriam. O seu universo simbólico é, desta forma, sujeito a alterações que importa ter em linha de conta. Esta dissertação procura conhecer as imagens, representações, memórias e semânticas que os estudantes da FLUP possuem sobre o Porto.

Para este efeito o presente trabalho encontram-se dividido em duas grandes partes: uma primeira que corresponde a uma discussão teórica e científica sobre a problemática do espaço, da cidade e das suas representações; já a segunda parte compreende a concetualização metodológica e a apresentação e discussão dos resultados finais. O primeiro capítulo conjuga 4 subcapítulos de suma importância nesta investigação: um primeiro dá voz e relevo aos estudos e investigações que tiveram a cidade como objeto. Trata-se, por isso, de uma apresentação de trabalhos de campos disciplinares diversos – história, geografia e sociologia – que se ocuparam da cidade e que deram conta das suas transformações e modificações. Numa leitura como esta, o entendimento do espaço da cidade do Porto é um elemento importante a ter em consideração; o segundo dedica-se a analisar obras de foro literário, nomeadamente de autores clássicos como Júlio Dinis, Eugénio de Andrade, Vasco Graça Moura e Camilo Castelo Branco que emolduram os seus textos e poemas com a cidade do Porto. É uma análise de conteúdo, de desconstrução das imagens e representações patentes na escrita dos autores; no caso do

terceiro e quarto subcapítulo damos relevo à importância que a iniciativa Porto-2001 representou para a cidade bem como a figura cimeira de Paulo Cunha e Silva que a acompanhou até à atualidade.

O segundo capítulo, ainda integrante da primeira parte deste trabalho, apresenta e discute o manancial teórico utilizado, ou seja, o arcaboço teórico fundamental onde os contributos de Lefebvre, Soja, Lynch, Blumer e outros mais se encontram presentes. É por si só um capítulo fundamental que num primeiro momento apresenta a problemática do espaço e do território e, num segundo, dedica-se a entender a cidade sensorial e representacional, ou seja, a cidade dos sentidos.

Já na segunda parte desta investigação o terceiro capítulo expõe o modelo metodológico seguido, as técnicas utilizadas e a sua justificação e aplicabilidade nesta temática. Dá conta de uma primeira necessidade em que a extensividade e a adoção de uma lógica hipotético-dedutiva - com a utilização do inquérito por questionário - faz sentido e, uma segunda, onde os mapas mentais aprofundam a temática em análise. É por isso uma estratégia mista que se tornou fulcral para o sucesso da investigação.

O quarto capítulo apresenta e discute os resultados provindos do inquérito por questionário. Através da utilização de quadros e figuras procurou-se demonstrar os resultados de uma cidade histórica e romântica que conjuga ao mesmo tempo uma lógica de cosmopolitismo e internacionalização interessantes.

O quinto e último capítulo utiliza os mapas mentais, analisando e desconstruindo as imagens, representações e memórias patentes nos mesmos. Os mesmos encontram-se divididos em grupos que se justificam pela forma como os mapas se apresentam desenhados. Para a análise dos mesmos foi utilizada a tipologia de Lynch que entende 5 elementos como fundamentais para uma orientação na cidade: caminhos, limites, nós, marcos e bairros. É por si só, tal como o capítulo anterior, um capítulo fulcral e verdadeiramente elucidativo do imaginário simbólico que os estudantes possuem sobre a cidade do Porto.

Por fim são apresentadas as notas conclusivas finais, sintetizando os resultados a que a investigação chegou, percebendo as limitações e o que poderia ter sido feito, deixando em aberto caminhos para novas investigações.

Pretendemos ainda que o título desta dissertação não seja esquecido. Um Porto em cada Nós representa um trocadilho: por um lado a representação da cidade, o Porto,

que cada um dos estudantes possui; por outro, um Porto que se no seu interior, nos seus nós, se transforma e se torna num outro Porto.

“O Porto ergue-se em anfiteatro sobre o esteiro do Douro e reclina-se no seu leito de granito. Guardador de três províncias e tendo nas mãos as chaves dos haveres delas, o seu aspecto é severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada.”

Alexandre Herculano

Parte I

Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso.

Fernando Pessoa

1 | Interpretar o Porto: uma abordagem transdisciplinar para fundamentar uma opção

Toda a cidade, com as agulhas dos templos, as torres cinzentas, os pátios e os muros em que se cavam escadas, varandas com os seus restos de tapetes de quarto dependurados e o estripado dos seus interiores ao sol fresco, tem toda ela uma forma, uma alma de muralha. (Agustina Bessa Luís)

Dissertar sobre o Porto implica um esforço duplo. Temos de ter em linha de conta que se torna fulcral, ou pelo menos o devemos tentar, conhecer a cidade pelos seus diversos primas (ora não fossemos nós aprendizes de sociólogos). A verdade é que sendo o Porto de todos nós, muitos foram e são aqueles que se debruçam sobre a cidade, pelo seu carisma e caráter, pela sua beleza enigmática incalculável, por tudo. Falar e refletir sobre o Porto implica recuar e reexperienciar situações e vivências que fazem parte de nós. Procura-se neste primeiro capítulo apresentar os trabalhos que foram realizados até ao momento, dentro e fora do campo científico, bem como abrir pistas para realidades sobre a cidade que urgem ser observadas. Será um trabalho de análise sobre o que foi dito e escrito sobre a cidade através de lentes diferentes que possuem um objeto em comum - o Porto enquanto cidade -, iniciando um roteiro verdadeiramente aliciante.

1.1. Breve itinerário sobre a produção científica em torno do Porto

O Porto despertou, e continua a despertar, interesse por parte de diversos investigadores. Neste subcapítulo iremos dar visibilidade aos trabalhos realizados, tendo a cidade como objeto e que orientam, de certa forma, a nossa investigação. Será uma revisão do estado da arte sobre o Porto numa breve incursão que, embora seja difícil de avistar um fim, se assume como necessário estabelecer balizas temporais. Neste sentido, entendemos que devemos ter como início temporal o século XIX na medida em que a cidade dá conta de uma transformação da sua fisionomia desembocada pela

industrialização e consequente processo de urbanização, terminando nos trabalhos mais recentes. Não será por acaso que iniciaremos o nosso percurso pela mão dos trabalhos que têm sido produzidos no âmbito da História. Aliás, temos a noção que é a História um importante elo de ligação ao campo sociológico onde as barreiras se esbatem em estudos como o que propomos.

É capital referir o valioso contributo que os trabalhos de Gaspar Martins Pereira possuem no estudo do Porto no período do século XIX. Destacámos desde logo a versatilidade do autor em se debruçar sobre o Porto em diferentes prismas. No que diz respeito a capítulos de livros salientamos a obra “História do Porto” (1994) em parceria com Maria do Carmo Serén onde são coautores do capítulo “O Porto Oitocentista” e, igualmente, numa produção do CITEM – Centro Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” – onde participa com o capítulo “As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX” (2011) esboçando uma preciosa descrição da relação entre os famílias trabalhadoras e as ilhas enquanto nicho habitacional despoletado pela industrialização e, posterior, urbanização. Estas ilhas eram entendidas como “antros” de perigo moral e sanitário sendo, na sua maioria, habitadas por famílias de trabalhadores provindas do êxodo rural e que contrariamente ao que tem sido dito, funcionaram como um importante elo de socialização e integração das famílias no modo de vida urbano. No domínio das obras que publicou destacámos “No Porto Romântico, com Camilo” (1997) na medida em que se torna visível que o texto literário pode igualmente se assumir como fonte de conhecimento histórico sobre uma cidade. Ainda no domínio do Porto do século XIX acreditamos que é igualmente de suma importância referir o artigo de Célia Taborda Silva “A alteração do espaço e quotidiano citadino: o operariado do Porto Oitocentista” (2012) onde a autora apresenta as transformações que ocorreram no espaço citadino na cidade industrial e moderna, marcada pela dualidade de classes – burguesia e operariado - e pelas assimetrias sociais e barreiras simbólicas no espaço.

Também a Geografia possui inúmeros trabalhos no domínio do Porto Oitocentista que importa aqui mencionar, na medida em que se assume como uma disciplina que nos torna possível mapear no espaço determinados fenómenos relevantes à investigação sociológica. O artigo da autoria de José Alberto Rio Fernandes e de Pedro de Almeida Vasconcelos “Porto e Salvador: as proximidades de dois percursos

urbanos distintos” (2002), menciona que a proibição dos enterramentos dentro das igrejas resultou na construção de dois cemitérios civis, nomeadamente “...a inauguração do Cemitério do Prado do Repouso em 1838, do lado oriental, na antiga Quinta do Bispo e o de Agramonte, em 1855, do lado oposto da cidade.” (Fernandes e Vasconcelos, 2002 p.235). São transformações interessantes na cidade que ao ter em consideração nos permite perceber que tiveram impactos significativos no espaço físico da mesma. Num outro artigo seu relativo ao século XX e XXI, “A cidade, os municípios e as políticas: o caso do Grande Porto” (2004), revela-nos que a nível do comércio central, ou seja, aquele que se concentra no centro da cidade, este encontra-se relegado a pequenos espaços “...com destaque para o Via Catarina, a Zara e a FNAC, na Rua de Santa Catarina. Mas é toda a “cidade histórica” e praticamente todas as suas dimensões que estão em “crise”: a residência vai desaparecendo e os edifícios vão-se degradando (de cima para baixo, quase sempre); o valor do solo vai diminuindo e aumenta a insegurança (real, ou sobretudo a percebida?) e a “imagem” de decadência que afasta sobretudo os mais jovens e os de mais elevado poder de compra.” (Fernandes, 2004:235). Ainda relativamente aos estudos sobre o Porto do século XX e XXI, destacamos a pertinência do contributo que o geógrafo François Guichard nos deixou. De nacionalidade francesa, dedicou ao Porto tempo e paixão para entender e perceber a cidade. Desta forma, e sucintamente, a obra “O Porto no século XX” perspectiva o centro (da cidade) tido como o originário da cidade, ou seja, a zona que compreende os Aliados e Santa Catarina diminui “... de 1900 para 1991...desceu de 21% para 6%...a área pericentral passou de 13 para 20% e a periferia de 21% para 47%. No início do século, dois terços dos portuenses vivam no centro da cidade. Noventa anos mais tarde, a mesma proporção de pessoas reside fora dele.” (Guichard, 1994:35). Esta constatação permite perceber que é transversal a visão de perda populacional e de vitalidade humana que o Porto tem sofrido, deixado o centro da cidade despido e vazio.

A sociologia também se dedicou ao Porto Oitocentista e desenvolveu trabalhos de relevo a este nível. Sem margem de dúvida que o artigo “Do Porto romântico à cidade dos centros comerciais” (1999) da autoria de João Teixeira Lopes encerra em si mesmo uma panóplia de considerações a discutir. Lopes (1999) dá conta de uma série de processos relacionados com a sociedade portuense oitocentista e no virar do século XIX – XX em matéria de apropriações e reapropriações do espaço social da cidade bem

como de práticas culturais desde o surgimento das mesmas até à sua consolidação. No espectro cultural, o Porto tende a afirmar-se não só como a capital do norte mas como a Capital. A burguesia deteve um papel determinante naquilo que foi a modernização dos espaços públicos da cidade. O Palácio de Cristal, datado da década de 60 (século XIX), impunha-se por ser o anfitrião de múltiplas exposições de uma cidade que funcionava a dois ritmos – agricultura e indústria; A biblioteca pública, a Academia de música, o teatro S. João, o Príncipe Real, o Baquet (destruído por um incêndio em 1888) e o teatro dos Recreios. Era a época áurea da cidade. No virar do século, início do século XX, João Teixeira Lopes também afirma no seu artigo que a cidade vê-se obrigada a reativar polos urbanos para assim conseguir dar resposta a inúmeras questões que, fruto das mudanças preconizadas no século anterior (século XIX), agora se impõe (Lopes, 1999).

No domínio dos estudos sociológicos sobre a habitação, movimentos sociais e participação na cidade que se debruçam neste período (século XX), salientamos os trabalhos de Helena Vilaça, Virgílio Borges Pereira² e João Queirós, respetivamente “Associativismo urbano e participação na cidade” (1991), “A política de habitação do Estado e os seus efeitos sociais no Porto contemporâneo: uma perspectiva sintética e panorâmica” (2011) e “Precariedade habitacional, vida quotidiana e relação com o Estado no centro histórico do Porto na transição da ditadura para a democracia” (2013). Perceber a importância que os movimentos sociais desempenharam na cidade enquanto território permeado por dinamismos cruzados é igualmente outro vetor fulcral para a sua leitura. Não caímos no erro de pensar que a habitação e a luta pela mesma, bem como o processo que lhe subjaz, produziu e reproduziu velhos e novos símbolos na cidade. Falámos também numa transformação do universo simbólico da mesma. Helena Vilaça (1991) dá conta desse processo intenso e “quente” que se iniciou no Porto, ao contrário de Lisboa, pela mão dos moradores dos bairros camarários³ devido à crise e degradação do edificado. O movimento estendeu-se igualmente às ilhas e às casas subarrendadas, emergindo as Comissões de Moradores transformadas, posteriormente, em Associações de moradores. Todo este processo despoletou-se no surgimento do SAAL – Serviço Apoio Ambulatório Local – enquanto “...corpo técnico especializado com vista a apoiar, através das autarquias, as iniciativas populares a nível da habitação.” (Vilaça,

² Para um aprofundamento de uma análise sociológica sobre as classes sociais do Porto ver a obra do autor “Classes e Culturas de Classe das Famílias Portuenses” (2005).

³ Atentamos que atualmente no Porto existem 48 Bairros camarários.

1991:177). Neste seguimento, o artigo de Pereira (2011) pretende elaborar uma síntese sobre os efeitos que a habitação social, preconizada pelo Estado, tiveram na cidade do Porto, nomeadamente no que se refere às ilhas que, apesar da intervenção estatal, “...continuarão a intensificar-se sem que existam alternativas viáveis de alojamento para o operariado, permanecendo, assim, sem resposta um conjunto vasto de problemas sociais da cidade.” (Pereira, 2011:549).

No artigo de João Queirós o cerne da sua análise passa por apresentar uma caracterização sucinta do centro histórico do Porto no período transitório do Estado Novo para a Democracia, bem como das lutas sociais pela comissão de moradores em relação ao direito à cidade e à habitação nos pós-25 de Abril. Numa análise de uma situação mais recente da cidade Virgílio Borges Pereira explica num outro artigo seu “Breves apontamentos sociais sobre a reconfiguração do centro na cidade do Porto” (2005) que o Porto apesar de ter sido palco de uma quebra demográfica, de uma elevada taxa de desemprego e de uma desestruturação das relações sociais continua-se assumir como um relevante eixo de pendularidades regulares⁴. A cidade é também ela díspar e é importante termos em consideração que o próprio centro é ele mesmo desigual. Diz-nos o autor que a cidade assiste a uma realidade dual que opõem-se a cidade recuperada e a cidade antiga “...abandonada e esquecida...” (Pereira, 2005:20). Alia-se a esta realidade uma crise do edificado, à qual se junta uma população envelhecida (agentes sociais) e uma anomização do espaço público que provêm de uma perda gradual de associativismo outrora visível em cafés e em poderosas redes de vizinhança. Numa lógica mais recente, é apresentada a tese de Doutoramento de Bruno Monteiro (2012) com o título “A política em todos os seus estados. Génesis e estruturação da mobilização política no patronato, na intelectualidade e no operariado portuenses na segunda metade do século XX”, onde o autor se debruça de uma forma aprofundada sobre a mobilização política portuense a nível do patronato, intelectualidade e operariado. Importa ler e ter em consideração, sendo um trabalho rico em informação história e política da cidade. No Jornal online “Correio do Porto” diz-nos Bruno Monteiro a dado momento “Visto a partir de tal localização, o Porto é, pois, a minha matriz intelectual” (artigo publicado a 22 de outubro de 2014, in Correio do Porto). Também no mesmo ano (2012) Paula Guerra, socióloga, apresenta “Sou do Porto e trago o Porto em mim” que partiu de um

⁴ Tal situação deve-se ao facto do Porto ter como fronteiras administrativas os municípios de Vila Nova de Gaia, Gondomar, Maia e Matosinhos.

projeto de investigação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), intitulado “INOV - Policentrismo Urbano, conhecimento e dinâmicas de inovação”, financiado pela FCT. Teve como objetivo captar retratos sobre diversos momentos do Porto a partir de olhares de jovens oriundos de vários cantos da cidade, nomeadamente da Sé. Conclui a investigadora que o projeto permitiu perceber que as fotografias “Mostram uma cidade amada, vivida como fonte de segurança identitária e relacional” (artigo publicado a 27 de setembro de 2012, in Canal Superior). No entanto, e numa outra lente sobre a cidade, Paula Guerra teve como objeto de investigação na sua tese de mestrado (2002) a recomposição espacial e social do tecido urbano portuense na década de 90, intitulada de “A Cidade na Encruzilhada do Urbano. Algumas modalidades de relação e um estudo de caso acerca do processo de recomposição espacial e social do tecido urbano portuense na década de 90.”

É chegado o momento de apresentarmos alguns trabalhos que, maioritariamente da sociologia, se ocupam das imagens, sons e representações da cidade. Referimo-nos, claramente, a uma leitura da cidade pela lente sensorial, pela sensibilidade. E ser sensível ao Porto é sermos capazes de nos despojarmos de tudo o que é material e sintonizar na estação da imaterialidade para assim construirmos uma partitura diversa. Carlos Fortuna, sociólogo, tem-se dedicado a ouvir a cidade e a percebê-la. Em parceria com Paulo Peixoto, igualmente sociólogo, apresenta uma comunicação no IV Congresso Português de Sociologia intitulada de “As novas e as velhas imagens das cidades: um olhar sobre a transformação identitária de cinco cidades portuguesas” (2000), onde se refere às imagens e representações de cinco cidades portuguesas – Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Aveiro – interessando, no âmbito desta investigação, centrarmo-nos no Porto. O estudo que se encontra por detrás desta comunicação tem os mesmos objetivos aos quais nos propusemos no início da nossa investigação (*Um Porto em cada Nós*), o que desde logo revela a sua pertinência. Fortuna e Peixoto (2000) referem que a cidade se apresenta como liberal, progressista, histórica e contestatária. Marcas relacionadas com o passado das lutas liberais contra os absolutistas, bem como contra a centralização focada na capital Lisboa. Aliás, e como os autores afirmam na sua comunicação, “Lisboa diverte-se, o Porto trabalha” na medida em que o Porto é “...conhecido como “Cidade do trabalho”, a “Manchester portuguesa”, numa alusão metafórica à cidade industrial inglesa.” (Fortuna e Peixoto, 2000:11). É marcada pelo

Futebol Clube do Porto, por uma nação, numa lógica de quase autonomia face ao panorama nacional. Numa síntese geral, o Porto enquanto cidade é entendida nas seguintes características: portuense, “tripeiro”, sotaque, calão, bairrismo, hospitaleiro, frontal e honesto. (Fortuna e Peixoto, 2000:11). Na mesma linha de Carlos Fortuna e Paulo Peixoto surge a comunicação apresentada ao VI Congresso Português de Sociologia por Paula Casaleiro e Pedro Quintela, intitulada de “As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta” (2008). No caso do Porto, a análise dos investigadores balizou-se entre a Praça dos Aliados e a Ribeira do Porto e permitiu constatar que a paisagem sonora da ribeira é “...marcada pelas sonoridades de profissões como a do “amolador de facas” com a sua harmónica ou das peixeiras, por vezes ainda com a sua canastra, que percorrem as zonas mais residenciais do centro repetindo os pregões e fazendo negócio porta-a-porta.” (Casaleiro e Quintela, 2008:7), na medida em que o passado (não muito longínquo) ligado à pesca e ao mar ainda se encontra bastante presente no quotidiano dos portuenses. Também a Rua do Almada, uma importante artéria construída no século XIX por parte dos Almada, é entendida pelos autores como sendo palco de dualidades: por um lado, durante o dia, a paisagem sonora é marcada pelos sons relacionados com as profissões e ofícios tradicionais que ali se encontram fixados; por outro, à noite, a partitura sonora é marcada pelos sons que emanam dos cafés, bares e um bingo.

1.2.Cidade de memórias, cidade de sentidos: uma viagem pelo Porto

O subcapítulo antecedente procurou elaborar um breve itinerário sobre a produção científica relacionada com o Porto, nomeadamente estudos e investigações desenvolvidas numa lógica transdisciplinar. No presente capítulo a abordagem será diferente. O que se pretende é uma viagem desembocada pelo Porto de autores e personalidades que escrevem e têm a cidade como sua. A sua validade é corroborada na medida em que as suas ideias desenvolvidas são igualmente imagens e representações sobre o Porto-cidade através dos seus sentidos que se assumem como material de análise verdadeiramente rico para um estudo sociológico.

Introduzindo a obra de Júlio Dinis “Uma família Inglesa”, que retrata, à época, o

Porto de uma forma soberba e verdadeiramente apaixonante, destacámos a capacidade exemplificativa sobre os usos burgueses dos espaços quotidianos portuenses.

A obra de Júlio Dinis, publicada em 1868, retrata a sociedade portuense no século XIX. São cenas da vida do Porto, marcadamente burguês, tratados num romance que decorre num período de acalmia e fomento das obras públicas, bem como do advento dos ideais burgueses, onde a ação evolui em diversos espaços físicos e sociais portuenses. Júlio Dinis apresenta-nos a cidade em três diferentes polos que, ainda hoje, fazem parte das memórias e representações de alguns indivíduos (Dinis, 1948): O Bairro Central, puramente portuense, marcado pela agitação diurna e acalmia noturna, pelo comércio e pelas atrocidades arquitetónicas; O Bairro Oriental, brasileiro, absorvido pelo retornar de vários capitalistas provindos da América, onde os palacetes se amontoam e a opulência é visível em cada rua e ruela; por fim, o Bairro Ocidental, notoriamente inglês, onde a opulência é substituída pela elegância, intimista, recolhido, escuro. A família Whitestone (família protagonista do romance de Júlio Dinis) reside precisamente no bairro ocidental da cidade, mais concretamente no Bairro de Cedofeita. No entanto, o romance de Júlio Dinis desenrola-se ainda em pontos-chave da cidade, como a Rua do Ingleses (atual Rua do Infante D. Henrique) junto à zona da ribeira, lugar de relevo no panorama comercial da burguesia inglesa que residia na cidade. A importância desta rua deve-se ao fato de à época “o centro desta artéria era sem dúvida a Feitoria Inglesa... instituição que polarizava então o essencial do comércio do Porto, nomeadamente aquele que estava a cargo da numerosa e activa colónia britânica da cidade.” (Amaral e Duarte, 1985:7).

Também os espaços boémios e de lazer do Porto oitocentista foram tidos em consideração pelo autor. Júlio Dinis apresenta o café Águia Douro como um importante marco de socialização da sociedade burguesa portuense. Descreve-o como a “...ancião das nossas casas de pasto, a velha confidente de quase todos os segredos políticos, particulares e artísticos desta terra...” (Dinis, 1948:20). Era o centro da vida social, política e artística da cidade. Local assíduo de figuras proeminentes como Camilo Castelo Branco e Antero de Quental, torna-se assim um símbolo emblemático da cidade. A pesquisa literária revelou-se preponderante nesta investigação. Camilo Castelo Branco na sua obra “Amor de Perdição” de 1862 (2015) usufrui igualmente de espaços portuenses para enquadrar o enredo do seu romance. Falámos em espaços

icónicos da cidade que fazem parte do seu guia turístico. O Convento de Monchique, situado em Miragaia, foi um espaço escolhido para uma das cenas mais dramáticas da obra. Voltado para o Douro, o local já fora propriedade da judiaria, espaço onde existiu uma sinagoga, sendo atualmente a sede de uma empresa agrícola. Também a cadeia da Relação foi cenário da obra. Atualmente como Centro Português de Fotografia, o edifício simboliza um espaço negro e ao mesmo tempo romântico da cidade. Ainda no domínio da literatura e dos autores que se apaixonaram pelo Porto ao ponto de fazerem dele a paisagem visual das suas obras, emerge Eugénio de Andrade. O facto de ter vivido cinquenta anos no Porto contribui para que o mesmo desenvolve-se uma paixão incalculável pela cidade, tendo sido várias as suas obras que contemplam imagens e representações belas e enigmáticas. Seria imperdoável não descrever a forma como o autor apresenta a cidade, iniciando o percurso pela sua obra através de uma passagem retirada de “A cidade de Garrett” (1993) onde o autor refere que “O Porto de Fernão Lopes é quase legendário: heróico e honrado; o de Camilo, grotesco e dramático; o de Garrett, irónico, pitoresco e sentimental...A cidade viril de Fernão Lopes é ainda a de Herculano, Ramalho, Jaime Cortesão e Miguel Torga; Raul Brandão, Pascoaes e Agustina estão de algum modo, na continuação do pessimismo de Camilo; de Garrett parte, dessorada, perdido por completo o seu impenitente humor, toda uma toada que de Júlio Dinis e António Nobre vem desaguar em tanta loa tacanhamente regionalista e deprimente.” (Andrade, 1993:20-22).

Na verdade a cidade é assumida pela diversidade de interpretações e de emoções que a mesma despoleta em diferentes figuras. Nas palavras do autor, o Porto apresenta-se como uma cidade “banhada por uma acidulada melancólica barroca, que as águas do rio reflectem” (Andrade, 2011:149) evidenciando a sua sensibilidade à cidade e aos elementos que dela fazem parte. António Oliveira (2013) refere no seu artigo a propósito de Eugénio de Andrade que o poeta ao deambular pela cidade assemelha-se a um artista, só com uma diferença: o poeta tem a capacidade de pintar os quadros com as palavras. Eugénio de Andrade parece igualmente sensível a tudo isto. Aliás, ele próprio se delicia pelo jogo de cores e luzes que a cidade, ao longo do dia, espelha, como ele próprio diz “E quando o sol, mesmo arrefecido, incide nos vidros, as mil e uma clarabóias e trapeiras e mirantes da cidade encham o crepúsculo de brilhos – o Porto parece então pintado por Vieira da Silva: é mais imaginário que real” (Andrade,

1993:27). Aproxima-se de uma sociologia visual e sensorial, bem ao estilo Simmeliano. Ocorre-nos que se perde na cidade, consciente, à procura desses belos momentos, fugazes, íntimos, onde expressa as suas memórias, afetos e frustrações. Oliveira (2013), partindo da análise de vários excertos da obra do poeta refere-se ele próprio igualmente à cidade e aos seus espaços. Espaços estes que fazem parte do nosso imaginário. Espaços aos quais atribuímos sons, sentidos e cheiros como se vivos estivessem. É nesta linha que Oliveira refere que é ainda possível ouvir na Ribeira o bombear do coração da cidade, na Praça da Alegria sentir o cheiro de café e de violetas, no Passeio Alegre somos teletransportados, através das palmeiras, para um país do norte de África e em S. Lázaro somos convidados a reencontrarmo-nos com o passado porque “... as ruas estão coalhadas de silêncio” (Andrade, 2013:169).

O Porto era de Eugénio de Andrade e ele era do Porto. Como Oliveira (2013) termina o seu artigo “Os negrilhos da Cordoaria, as tílias do Palácio, as magnólias de S. Lázaro, o jacarandá e o cedro glauco do Largo do Viriato (Cidade de Garrett, p.22), as gaivotas do Cabedelo, os pássaros que entravam na sua casa e acabaram por entrar na sua poesia, o pessegueiro e a nespereira da Rua Duque de Palmela que lhe batiam na vidraça da sua janela a convidá-lo a partilhar a sua solidão, participam da sua vida como se fossem membros da sua família.” (Oliveira, 2013:81)

O artigo de Martins Pereira publicado em livro de ata de conferência nacional, nomeadamente “O Porto no imaginário literário de Vasco Graça Moura” (2012a), apresentado na conferência *Vgm: cinquenta anos de vida literária de Vasco Graça Moura. Aliás: uma homenagem*, enaltece a obra de Vasco Graça Moura através das representações, imagens e memórias que o mesmo possuía sobre o Porto. Nesta conferência, Pereira explana a relação íntima que Vasco Graça Moura possuía com o Porto, aliás o Porto era a sua Pátria. O Poema “visto da margem sul o porto” (2000) – “quero um barco pequeno para a minha travessia / para a minha chegada e para a minha partida, / para andar entre as margens ou seguir a corrente / até s. João da foz ver as últimas gaivotas / ainda antes da noite, respirar um não seu quê que se desprende / da travessia, a atravessar-me.”- serve como mote para terminar a justa homenagem ao autor, pois o Porto será sempre entendido como o seu cais, quer na hora de chegada, quer na hora da partida. Ainda em relação ao mesmo autor, Gaspar Martins Pereira escreve o prefácio da sua obra “Poema do Porto” (2012b). Na verdade, Pereira (2012b)

entende que estamos perante uma revisitação da cidade através do seu “*ethos* tripeiro” (Pereira, 2012b). Em cada poema surgem as imagens de um lugar ou de um momento, ora marcado pela luz, som e multidão como a noite de S.João, ora marcado pelo fresim, apitos e gritos de uma manifestação dos moradores das ilhas. Sem dúvida que se torna tangível sentir o Porto de Vasco Graça Moura “...como a cidade partilhada, onde nos cruzamos...É a tão íntima hospitalidade «tripeira» que nos convida a entrar e a sentir a sua cidade.” (Pereira, 2012b). A análise da sensorialidade da cidade do Porto extravasa campos disciplinares diversos pelo que se torna interessante comparar posições sobre a mesma temática. Disponível no blogue TAF encontramos um mapa sensorial do Porto (**Figura 1**) da autoria de Alexandre Burmester, arquiteto portuense. Acreditámos ser pertinente alicerçarmo-nos na sua representação da cidade e da leitura que o mesmo faz sobre a mesma e as suas divisões simbólicas. Como ele próprio afirma “Perceber é conhecer através dos sentidos. Perceber o espaço em que vivemos faz-nos compreender a melhor forma de nele intervir.” (Burmester, 2010) o que revela a capital importância dos sentidos e da sensibilidade aos sons, imagens e cheiros da cidade. A própria perceção do espaço pode ser partilhada ou não. A sua unicidade assenta precisamente nisso. Antes de partirmos para a análise do mapa devemos ter em consideração que o mesmo corresponde a uma visão da cidade baseada numa leitura de um tipo de comportamento coletivo disperso no espaço. A legenda que se segue permite ler os diferentes espaços da cidade, nomeadamente através das próprias cores escolhidas que simbolizam situações e emoções diferentes:

- **Vermelho:** lugares quentes, empáticos, calorosos. A cidade cumpre-se a si própria ao nível de usos e sentidos (apropriação). Sentimento de aceitação/paixão;
- **Laranja:** lugares neutros, alicerçados num clima de resignação. A cidade cumpre, de forma mínima, as suas funções, espelhando um sentimento de indiferença;
- **Amarelo:** lugares de rutura e revolta. O espaço encontra-se abandonado, vazio, despido, nu. Rejeitam e são rejeitados;

A leitura do mapa reveste-se de importância na medida em que nos permite perceber as representações que são atribuídas a determinados espaços da cidade.

Acresce o fato de ser uma metodologia interessante para posterior definição de políticas públicas e de intervenção. O grande objetivo deve passar por, segundo Burmester, eliminar as ruturas urbanas, aproximando os espaços considerados neutrais, tendo em vista a construção de espaços sensorialmente agradáveis para os habitantes e transeuntes.

A análise do mapa sugere que é na zona ocidental da cidade, considerada como a mais nobre, onde o espaço é permeado por sentimentos positivos e ligados a paixão e aceitação. Lugares quentes que promovem a empatia, atraem os turistas e transformam a zona num local privilegiado e de difícil acesso a classes sociais mais desfavorecidas. Já o centro e norte da cidade são, de certa forma, pautados por clima de resignação e de indiferença face à situação, quase como que numa lógica de naturalização. É neste local que se encontra o centro histórico e baixa, um clima misto de indiferença e rejeição. Logo de seguida, na zona mais oriental, bem como em algumas zonas dispersas no mapa, surgem lugares de rejeição e revolta face ao contexto em que as populações se inserem. Será interessante perceber que a representação destes lugares vai de encontro às próprias notícias propagadas pelos média. Falámos de situações relacionadas com a criminalidade e marginalidade, muito associadas a bairros que se encontram nas zonas limites da cidade (noroeste e oeste). E, em contraponto, a zona nobres e centrais a nível de lugares harmoniosos e luminosos como é o caso da zona ocidental.

Figura 1 - Mapa Sensorial do Porto de Alexandre Burmester (2010)



Fonte: Alexandre Burmester (2010). Blogue TAF <http://portoantigo.taf.net/dp/node/6578>

1.3. Porto 2001: passos para uma reconversão identitária da cidade

Pensar o Porto. Espaço de memórias e legados históricos alicerçados em romances, cercos e batalhas gloriosas. Na verdade, o Porto é um espaço forte no verdadeiro sentido da palavra. Rodeado de ilustres personalidades, solidificado por gente nobre e leal. Esta é a invicta cidade.

Mas o Porto de hoje é um novo Porto. Não que se tenha mudado a alma da gente, nem o sentido do espaço, nem tão pouco a redefinição de um território. Mais um reconhecimento, uma tentativa conseguida de afirmação no contexto nacional e internacional, um polimento de uma joia escurecida pelo tempo. A cidade ganhou luz, ganhou respiração, pulsar e movimento. É a cidade do Porto pós-2001. Trabalho árduo, multidisciplinar, coeso e coerente pensado no presente e projetado para o futuro. O Porto de hoje deve muito a quem nele se dedicou de corpo e alma há 15 anos. Seria imperdoável não perceber e ter em atenção que a iniciativa Porto 2001 acarretou, acima de tudo, uma reconversão urbana e revitalização da cidade. É certo também que os eventos que nela decorreram neste período e que até agora sumariamente ocorrem, contribuem para uma redefinição identitária das imagens da cidade (Lopes, Baptista e Costa, 2003). É importante perceber que tal como Lopes, Baptista e Costa referem no seu artigo “Nas Rotas da Cidade” que esta iniciativa questionou os alicerces essencialistas de uma cidade “hiperidentitária” cristalizada em estereótipos fortemente enraizados no modo de pensar, sentir e agir da cidade. Veremos mais à frente que esta ideia será testada no inquérito, ou seja, procurar-se-á perceber se ainda persistem determinados estereótipos no imaginário simbólico sobre a cidade. A iniciativa procurou desembocar um cosmopolitismo da cidade. Acreditamos que a mesma sempre o foi (cosmopolita), ainda que pouco partilhada. Podemos pensar nisto como uma divulgação do sentido de cosmopolitismo, mais propriamente, procurar que a cidade seja entendida e se sinta enquanto tal. É igualmente fascinante quando ao ler o artigo (2003) nos deparamos com conceitos extremamente pertinentes para a nossa investigação como é o caso de “ambiguidade do tempo”⁵ e “ambiguidade do património”⁶. Tais conceitos apontam para relações que existem entre a cidade que

⁵ Refere-se à dimensão patrimonial, cultural e identitária.

⁶ Refere-se à relação entre o entendimento cultural e a vertente turística.

emerge dos factos históricos e marcados pelo tempo do quotidiano e a cidade imaginada e que se encontra patente nas políticas e projetos (Lopes, Baptista e Costa, 2003).

Podemos afirmar que a iniciativa Porto 2001 materializou-se num hiperprocesso de mobilização da cidade. Uma mobilização da cooperação com as instituições culturais da cidade. Vejamos a construção da Casa da Música. Símbolo máximo da iniciativa, palco da cidade e para a cidade. Nas palavras de Claudino Ferreira (2003) procurou “...dotar a cidade de uma instituição de excelência, que assumisse um estatuto de referência às escalas nacional e internacional e permitisse ultrapassar o défice de dinamismo na área da música” (Ferreira, 2003:13-14).

Sendo orientados pela análise que Augusto Santos Silva tece no seu artigo - “Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro” (2007) - sobre o Porto enquanto palco da iniciativa Porto 2001, parece-nos interessante perceber como se processou e decorreu a mesma. Na verdade, Manuela Melo, vereadora da cultura da Câmara Municipal do Porto na década de 90 (igualmente programadora cultura do Porto 2001), foi essencial para impulsionar a iniciativa. Coube-lhe a ela “comandar” o grande laboratório cultural de intervenção que o Porto foi, nas palavras de Silva (2007), “...um programa de intervenção - uma política, no sentido próprio do termo - concebido e realizado com suficiente densidade e continuidade;” (Silva, 2007:18). A audácia e visão desta política cultural, apoiada pelo aconselhamento de José Madureira Pinto, colocava em prática uma verdadeira tentativa de quebrar barreiras existentes entre a criação e a receção. Seria não somente criar e desenvolver, mas também sedimentar, criar bases, perpetuar e progredir. Seria tornar viável a criação de novas infraestruturas alicerçadas não só em cimento mas igualmente num coletivo forte e capaz de dar continuidade ao processo. Estamos perante um projeto de rejuvenescimento da cidade, um verdadeiro “*lifting*” que opera no interior para dar corpo ao superficial (Silva, 2007).

1.4. Porto, território(s) de memória(s)

No estudo que se desdobra nestas páginas, entender a memória coletiva como parte integrante da construção do universo simbólico sobre o Porto torna-se realmente

fulcral. É, sem dúvida, na partilha de experiências de um espaço que, ora reunidas, se constroem verdadeiros pedaços de uma memória coletiva capaz de perdurar anos e anos, mesmo quando os indivíduos desaparecem e as paredes, as pedras e as portas se mantêm por muitos. Onde ficam nesta cidade, a memória e a identidade, que oferece um vasto leque cultural mas que também procura fazer subsistir a sua memória histórica e a sua identidade tão própria? Halbwachs (2006) refere na sua obra “ A Memória Coletiva” que as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva. Podemos considerar que é verdade pelo simples facto de que somos confrontados, diariamente, com a noção de sentido orientador pelas imagens que possuímos (na memória) de determinados espaços. Assim, e como o autor afirma, o lugar recebe a marca do grupo que dele faz parte. Daqui se verifica que à medida que o grupo evolui a um ritmo alucinante, o espaço da cidade tende a reconfigurar-se mais lentamente fazendo com que a memória perdue.

O que é interessante na obra do autor é que o mesmo afirma que o grupo urbano não tem a noção de mudança enquanto as ruas e os edifícios permanecerem idênticos. Isto significa que é a imagem que possuímos de um espaço, seja mental ou física, que determina, em parte, o grau de aproximação/distância face ao mesmo. É por este motivo, pela capacidade de perpetuação de uma imagem na memória coletiva que o espaço, entendido aqui não na sua vertente espacial mas sim na sua vertente simbólica-identitária, se assume como um poderoso elo de segurança ontológica como Giddens (1991) refere. Verifica-se, neste sentido, que o espaço e a imagem que possuímos dele permite evitar o caos quando o individual é abalado. Enquanto o “meu” mundo pode desabar e ficar em ruínas, o “nosso” mundo continua intacto e idêntico, ou seja, seguro. Este apego ao espaço, abordado por Halbwachs (2006), revela que a memória coletiva apoia-se sobre as imagens espaciais tornando-as elementos para a construção de um universo simbólico. A memória é assim parte integrante do espaço e o espaço é também ele parte da memória. São, assim, dois mundos indissociáveis onde ambos se permeiam mutuamente. Joel Cleto debruça-se igualmente sobre a importância da memória, acreditando que a cidade é sem dúvida um território de memória, identidade e herança partilhadas por uma comunidade (Cleto, 2016). É este sentimento de pertença que une de forma coesa a comunidade, que lhe confere a segurança ontológica tão proclamada e que a solidifica no presente e que a prepara para o futuro. A memória e a sua

importância residem na capacidade que a mesma tem em alicerçar o percurso comum da comunidade e na garantia da perpetuação dos laços comunitários. O entendimento cultural e a memória são, a nosso ver, chaves mestras para a construção de um universo simbólico da cidade do Porto. Contribuem significativamente para a sua construção e reconstrução, definição e redefinição, pois a cidade é móvel e as suas imagens e representações também. Como Claudino Ferreira (2003) expressa, o Porto 2001 foi um notável avanço de engenho e arte na construção de uma cidade das pontes para o futuro. Cidade dinâmica, moderna, virada para o futuro, atenta à preservação do passado, culturalmente ativa, urbanística e arquitetonicamente deslumbrantes. E o Porto escuro, cinzento e perdido? Ficou lá atrás, perdido nas tentativas pouco conseguidas de afirmação.

1.5. A “Cidade Líquida”: um outro Porto

O título que dá corpo a este subcapítulo subentende a importância do conceito balizado pelas aspas. Paulo Cunha e Silva foi seu mentor e não obstante tudo mais, devemos a ele a paixão inesgotável pela cidade. Mas tomar uma personalidade como figura cimeira da reconversão identitária de uma cidade é, sem dúvida, um risco elevado. No entanto, teimamos em o fazer. Passemos a apresentar o homem que mudou a cultura da cidade do Porto: Paulo Cunha e Silva. Licenciado e Doutor em Medicina viu nas Artes a perfeita ligação entre as duas vertentes (o corpo e arte do corpo). Ganha relevo enquanto programador cultural na iniciativa Porto 2001, foi Diretor do Instituto das Artes entre 2003- 2005 e, mais tarde, Vereador da Cultura no mandato de Rui Moreira – entre 2013 e 2015 -, cargo que executava aquando o seu falecimento. Acredita que a cultura é um poderoso elo de coesão social e, como tal, uma extraordinária arma de progressão social. Acredita no Porto como uma “Cidade Líquida”. Joel Cleto refere a propósito deste conceito no seu artigo “Lendas numa cidade líquida” (2016) que Paulo Cunha Silva não queria que tal conceito fosse

associado ao do sociólogo Bauman⁷. A sua noção de Cidade Líquida assentava no apresentar:

“A cidade movia-se como um barco. (...) A cidade parecia de cristal. Movia-se com as marés. Era um espelho de outras cidades costeiras. Quando se aproximava, inundava os edifícios, as ruas. Acrescentava-se ao mundo. Naufragava-o. Os habitantes que a viam aproximar-se ficavam perplexos a olhá-la, a olhar-se. Morriam de vaidade (...) Tantas Vezes desejaram soltar as cordas da cidade. Agora partiam com ela dentro de uma cidade líquida.”

E se esta é a cidade que Cunha e Silva vê para o Porto então devemos recebê-la de braços abertos. Uma cidade aberta no sentido literal da palavra. Predisposta a receber sem receios, onde a cultura se dispersasse, se “...derramassem, inundando praças, ruas e vielas, indo ao encontro de todos.” (Cleto, 2016:21). É este o contributo de Paulo Cunha e Silva para a construção e reconstrução das representações, imagens e semânticas da cidade. É certo que em parte as mesmas são balizadas pelo peso do passado e da história. Mas sem dúvida que o presente molda, altera, modifica e transforma. Uma cidade líquida onde o contato físico entre os que nela vivem, deambulam, trabalham e mais, se multiplique e se materialize em diversas formas, espaços e lugares. Uma cidade internacional, cosmopolita, desassossegada, luminosa voltada para uma cumplicidade entre todos. O Porto do século XXI é hoje permeado por diferentes atores que coexistem no espaço e que se apropriam e reapropriam do mesmo de diferentes formas. Palco de um fenómeno de turismo, de programas de mobilização de estudantes, sede de grandes empresas, investigadores nacionais e internacionais. Aglomera ciência, cultura e lazer. A baixa, anteriormente marcada pela presença de camadas populacionais mais envelhecidas, floresce e são os turistas e jovens os novos atores principais. O espaço público ganha relevo e a rua volta a tomar importância na esfera relacional dos indivíduos. Deve-se igualmente, quer seja por parte dos turistas, quer por parte dos estudantes Erasmus, ao “...aeroporto amigável que permite o acesso fácil à cidade, bem como do baixo custo das viagens de avião...” (Fernandes, 2016:26). É a nova forma de vida urbana (Fernandes, 2016) onde são protagonistas desta nova imagem velhos ícones patrimoniais que também com os seus habitantes rejuvenesceram como o caso da Torre

⁷ Conceito relacionado com a volatilidade, fluidez e liquidez da sociedade contemporânea.

dos Clérigos, da Livraria Lello, da Ribeira e da Baixa. Não descurando os serviços e estruturas culturais, a notável casa de todas as músicas – Casa da Música – aberta à cidade e a todos, o Museu de Serralves e os seus jardins resplandecentes. Do lado da educação uma Universidade imponente na esfera mundial, competitiva, entre as melhores. Isto tudo resulta numa só palavra: Cosmopolitismo. Única na sua capacidade de perpetuar uma relação com o Douro e excepcional da criação de pontes para o mundo (Fernandes, 2016). Mas é neste cidade que se abre ao mundo que ainda persistem os tão tradicionais bairros, ruas, e espaços que ora igualmente mais internacionalizados – como o caso do Bolhão e da Ribeira – ainda conseguem fazer perpetuar o poder da tradição e da herança cultural.

2

Para uma Sociologia da Cidade e das suas representações: contributos teóricos

Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave / Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu, / Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar, / E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver. (Alberto Caetano)

Seria imperdoável que descurássemos os contributos teóricos primordiais para o desenvolvimento desta investigação. Nada surge do vazio e a teoria é uma importante “almofada” que sustenta o trabalho que se avizinha, nomeadamente o trabalho empírico. Neste sentido, o que se pretende neste capítulo é discutir acerca das teorias e obras propostas por autores de relevo no panorama do espaço, território e cidade, enquanto importantes elos teóricos. Seguidamente, iremos dar especial atenção aos contributos teóricos de modo a que consigamos esboçar linhas de uma sociologia da cidade, ou melhor, para uma sociologia sensível sobre a cidade.

2.1. O Espaço Social da cidade: entre a produção e a reprodução

Falar em cidade implica, incontornavelmente, abordar o conceito e, por inerência, a conceção de Espaço Social já que a mesma (Cidade) aglomera múltiplos espaços no seu interior. Ocupar-nos-emos neste subcapítulo em descortinar a noção de espaço social, estabelecendo uma relação com o objeto (Porto), procurando chegar à cidade enquanto peça fundamental nesta investigação.

Torna-se imprescindível recorrer a um arcaboço teórico diversificado e plural de modo a conseguir construir um estado da arte verdadeiramente sustentador do cerne desta investigação. Desta forma emerge a pertinência de nos debruçarmos sobre Henri Lefebvre, autor de relevo no panorama do espaço, território e cidade, presenteando-nos

com diversas obras que, no nosso entender, enriquecem a problemática em análise. Lefebvre (2006) refere na sua obra “A Produção do espaço” que o espaço social é um produto social levando-nos a perceber que estamos perante um constructo social, uma realidade própria como o próprio autor refere. A sua amplitude demonstra que o mesmo (espaço) se assume como um poderoso mecanismo de “produção, um meio de controle, portanto, de dominação e de potência (poder)” (Lefebvre, 2006:31).

É certo que cada sociedade tem a capacidade de produzir um espaço, o seu espaço, modelando-o e apropriando-o à sua imagem e semelhança. E é neste processo de apropriação que aos olhos de Lefebvre resulta a aglomeração das relações de produção e das relações de reprodução, ora indissociáveis. Estas relações de produção são representadas e visíveis no espaço através dos edifícios, monumentos e obras de arte. Segundo o autor o espaço social incorpora e si mesmo os atos sociais, individuais e/ou coletivos, assumindo-se como um fiel “analisador da sociedade”, apresentando-nos um conceito que nos parece pertinente de introduzir neste ponto introdutório da nossa discussão, o conceito de Prática Espacial. Esta prática interage dialeticamente com o espaço, produzindo-o lentamente para, em seguida, dominá-lo e apropriar-se dele. A prática espacial associa, no espaço percebido, a realidade quotidiana e a realidade urbana. Por outro lado, as representações do espaço (realidade que nos interessa nesta investigação) encontram-se patentes no espaço concebido pela mão dos artistas, urbanistas e tecnocratas (Lefebvre, 2006). É o espaço dominante na sociedade (concebido), assumindo-se como um verdadeiro modo de produção (das representações por exemplo).

As conceções do espaço concebido tendem, inevitavelmente, a resvalarem para um sistema de signos verbais elaborados intelectualmente (a dialética como referimos anteriormente). Por sua vez, o espaço vivido, espaço de representação, de apresentação, é vivido através de símbolos e imagens. É um espaço dominado que a imaginação procura modificar e apropriar. Falámos, até ao momento, do espaço e da sua conceção e dimensão. No entanto não foi sem sentido que referimos o papel cabal que a produção e a reprodução representam na teoria de Lefebvre. A tarefa de produzir não diz respeito à natureza. Pelo contrário, esta apenas cria, não trabalha. Ao homem, ao individuo, cabe a árdua e nobre tarefa de produzir. A prática social, já referida anteriormente, é entendida enquanto ação reprodutora do espaço social encontrando-se baseada em duas condições:

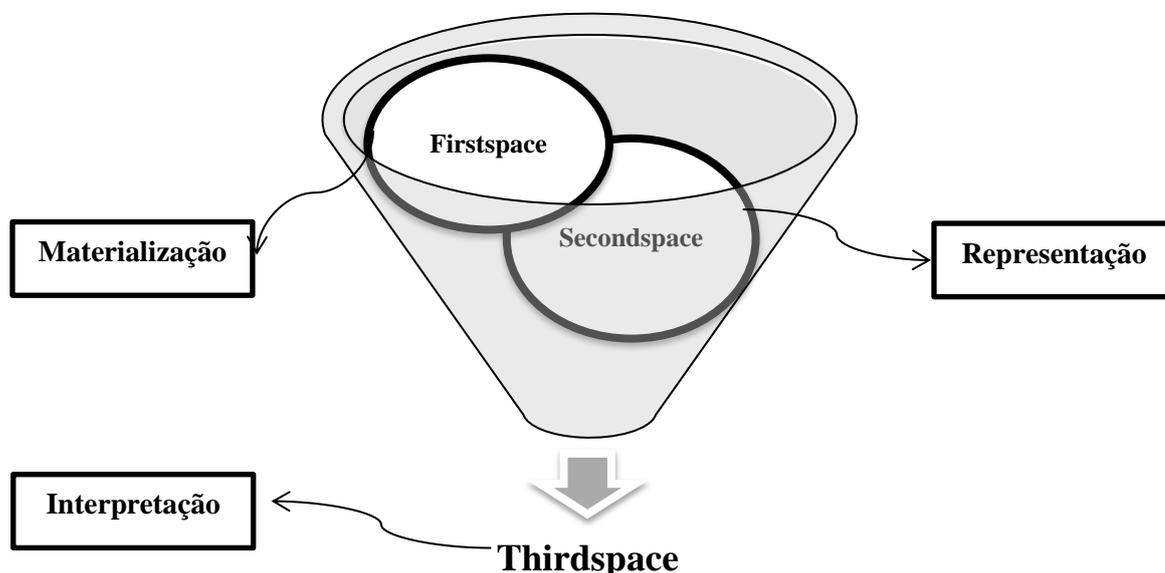
a temporalidade, balizada pela sucessão e encadeamento; a espacialidade, balizada pela simultaneidade e a sincronização. Deste modo os espaços sociais, interdependentes por sinal, tendem a se compenetrarem. Os lugares não se justapõem no espaço social. Eles acabam por se interpor, compor e/ou chocar. Quase numa lógica natural em que cada peça corresponde ao seu encaixe, harmoniosamente. Esta discussão sobre a concetualização e amplitude do espaço conduz-nos a um ponto capital na obra do autor. O espaço não deve ser lido através de uma lente alicerçada numa noção de transparência e/ou opacidade. Os espaços sociais “dissimulam o que eles contêm sob significações, insignificâncias ou sobre-significâncias...” (Lefebvre, 2006: 89).

Afunilando o nosso roteiro teórico, Lefebvre entende que a Cidade, enquanto entidade viva, deve ser portadora de um código unitário diferencial para com as demais, ou seja, identitária e única. A realidade e a idealidade da cidade são visíveis na prática, no simbólico e no imaginário. Campos de análise pertinentes na abordagem metodológica que pretendemos adotar, a prática enquanto produtora e produto do simbólico, e o simbólico enquanto produto e produtor de uma prática. O imaginário enquanto espaço de representação do espaço e de conceptualização do mesmo. A cidade enquanto projeção da sociedade no espaço revela assim que a mesma se assemelha a um espelho social da cultura que a mesma reproduz. Na verdade, a cidade projeta no terreno a sociedade inteira com aspetos culturais, éticos, instituições e valores, sendo assim o suporte da base económica da sociedade e das relações sociais. Ainda no domínio do espaço e da sua aplicabilidade no entendimento de uma sociologia das representações do mesmo, surge a importância e relevância de nos debruçarmos sobre o contributo que Edward Soja desenvolveu, nomeadamente na sua obra “Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions”. Podemos encarar, sem quaisquer juízos de valor, que estamos perante uma análise da conceção teórica de espaço desenvolvida por Lefebvre.

No entanto Soja apresenta uma trilogia que, apesar de nomes diferentes, segue a noção que o seu antecessor proclamou. Para Soja o *Thirdspace* – espaço vivido – incorpora o melhor de dois mundos: por um lado o espaço concebido, *secondspace*, e, por outro, o espaço percebido, *firstspace*. Trata-se assim de uma capacidade de desenvolvimento de uma imaginação (nas palavras de Lynch, *Imaginabilidade*) geográfica e mental da cidade. O *Thirdspace* é desta forma entendido como um espaço de representação e de imaginação, permeado pelas memórias e experiências individuais

e coletivas dos sujeitos que compõe o espaço da cidade. A **Figura 2** representa o processo da conceção do *Thirdspace* que importa ter em mente. A leitura da imagem torna claro que à representação de um espaço encontra-se subjacentes dois processos indissociáveis. Um primeiro, de materialização das práticas no espaço onde podemos situar o processo de produção e reprodução do mesmo. É um espaço mais objetivo, ligado à forma e ao espaço físico, sendo assim possível “...measurable and mappable configurations and practices of urban life” (Soja, 2000:10)⁸. Um segundo espaço onde ocorre a representação mental da cidade, conceptualizado no imaginário individual que, posteriormente, constrói um coletivo. Como exemplo deste espaço o autor refere o “...”mental map” we all carry with us as na active part of how we experience a city.”⁹ (Soja, 2000:11). A combinação destes dois espaços culmina com um terceiro espaço, espaço este de interpretação da cidade. A particularidade deste espaço reside na junção do real e do imaginário. É assim entendido como a “...fully lived space, a simultaneously real-and-imagined, actual-and-virtual, locus of structured individual and collective experience and agency.”¹⁰ (Soja, 2000:11).

Figura 2 – Thirdspace: a conceção de um espaço



Fonte: Elaboração do autor.

⁸ “Configuração e práticas da vida urbana mensuráveis e mapeáveis.”

⁹ “O mapa mental como uma parte ativa que nós transportamos na forma como experienciamos a cidade.”

¹⁰ “Espaço plenamente vivido, um local simultaneamente real e imaginado, real e virtual, local de um indivíduo estruturado, de experiência coletiva e agência.”

O *Thirdspace*, espaço que nos interessa, deve ser entendido no decorrer desta investigação, e para análises futuras de dados, como um espaço potenciador de uma leitura da cidade. Será, quase como Soja (2000) refere, como uma escrita biográfica da cidade orientada pelas memórias e experiências subjetivas dos sujeitos que a compõem. Um exercício, essencialmente, de interpretação.

A interpretação e análise da cidade em pesquisa sociológica requerem que, à priori, tenhamos em consideração a sua complexidade e *poliedrismo*, como Alfredo Mela (1999) nos refere. Esmiuçar a cidade, neste caso o Porto, implica decifrar o significado epistemológico da palavra Polidrica, no grego, e perceber que se refere à raiz, à base de algo. No entendimento de Mela, a cidade é um sistema inteiro por excelência na medida em que aglomera em si mesma múltiplos subsistemas dotados de características próprias da cidade da qual fazem parte. A arte e o engenho de estudar a cidade e as representações encontra-se patente na capacidade de se perceber, como Teixeira Fernandes (1995) refere, que “constrói-se como se representa e representa-se como se constrói” (Fernandes, 1995:62) espelhando que a idealização e a conceção são indissociáveis, numa relação quase perfeita de completa harmonia.

Doravante a cidade deverá ser entendida na sua fraca visibilidade da vida coletiva devido à crescente privatização de circuitos.

A cidade moderna é a cidade dos invisíveis. Liberdade é também ela mobilidade. E a cidade moderna é marcada por esse vetor fundamental que é a mobilidade. Jean Rémy e Liliane Voyé na sua obra “Cidade: rumo a uma nova definição?” (2004) vão precisamente de encontro à primazia que torna a cidade num local privilegiado de deslocação e mobilidade. Nas palavras dos autores a “mobilidade torna-se, portanto, condição de adaptação e de participação na vida urbana.” (Rémy e Voyé, 2004:74), sendo que a rede de transportes, como a do Porto, por exemplo, propicia isso mesmo (bem como ao desenvolvimento da rede ANDANTE), a ligação entre os diferentes espaços da cidade. É interessante verificar que num ponto prévio da obra dos mesmos autores, a deslocação, em meios não urbanizados, se caracterizava como um sinónimo de desorganização, na medida em que o que vinha de fora punha em causa a organização social interna da aldeia ou vila. Esta mobilidade permite, sem margem de dúvida, uma liberdade de escolha aliciante para o indivíduo da cidade. Mas também os autores referem que a cidade moderna tem uma configuração própria. Ela é permeada

pela crescente aglomeração por setor em espaços específicos da mesma. Falam-nos, os autores, que o centro da cidade concentra em si mesmo “comércios e serviços...e que determinada avenida concentra a maioria dos bancos e escritórios de companhias e seguros.” (Rémy e Voyé, 2004:79). Ao lermos esta afirmação associámos facilmente ao caso do Porto. É na avenida dos Aliados que se concentram as mais representativas sedes de bancos e seguros, a Câmara Municipal, Banco de Portugal e os Correios centrais. É também neste espaço e nas suas artérias circundantes que se concentram lojas de pronto-a-vestir, armazenistas, livrarias, restauração e hotelaria (maioritariamente pensões).

O mesmo acontece aos centros da cidade moderna. Como os autores nos dizem ocorre uma transferência de setores empresariais para a periferia da cidade na medida em que o centro deixa de ter a capacidade física para albergar um crescente número de novas empresas que, inevitavelmente, necessitam de comunicar a baixo custo e de forma rápida. As periferias surgem, desta forma, como o melhor de dois mundos: por um lado possuem espaço livre suficiente para a fixação destas empresas e, pelo outro, o solo é consideravelmente mais barato permitindo uma fixação em rede deste setor de atividade. No entanto, a verdade é que mesmo o centro encontrando-se despojado deste sector continua a possuir (ainda que com tendência a se esvaziar cada vez mais), quando o mesmo é referido, como o “...lugar simbólico por excelência, o da história e da memória colectiva.” (Rémy e Voyé, 2004:92). Entendido como um lugar de destaque a nível de apropriação e simbolismo que o mesmo acarreta, também outros lugares na cidade corresponderão a diferentes representações ou a cidade não seria ela mesma interpretada e vivenciada a partir de lugares marcantes.

O simbolismo da cidade e os seus signos tendem igualmente a ser plurais. É na cidade que se assistimos a uma dispersão dos indivíduos no que toca a práticas de lazer. Os mesmos tendem a fixar-se em lugares e espaços que os remetem para memórias e imagens próximas, mais concretamente, com os quais se identificam. Rémy e Voyé contrapõe exatamente esta situação numa dualidade rural-urbano. Na opinião dos autores era no espaço rural que o trabalho tinha uma função de dispersão enquanto o fim-de-semana e o domingo resultavam num agrupamento da população em torno do centro e na partilha de práticas comuns; ora na cidade e no espaço urbano é o trabalho que desempenha uma função íman dos indivíduos, que os junta, enquanto o fim-de-

semana e os tempos-livres são momentos individuais, de dispersão em lugares atomizados.

2.2. Urbe: para uma sociologia sensível à cidade

Chegámos a um momento da nossa dissertação em que sentimos a necessidade de nos recolocarmos numa fileira sociológica. Não interpretemos como opções fundamentalistas ou demasiadamente radicais. Na verdade, trata-se somente de conseguirmos balizar mentalmente toda a problemática desenvolvida.

Desta forma, acreditamos que nos devemos centrar na abordagem do Interacionismo Simbólico, desenvolvida no âmbito da Escola de Chicago, enquanto uma abordagem que se adequa de forma plena ao nosso método teórico e investigativo. O Interacionismo é uma corrente que atribui às relações humanas e à interação social – entre indivíduos ou entre indivíduos e sociedade – uma importância acrescida no surgimento e desenvolvimento de significados. Neste sentido devemos agora perceber de que forma a corrente interacionista desempenha um papel primordial nesta investigação. Sugerimos, assim, a obra “Symbolic Interactionism: Perspective and Method” da autoria de Herbert Blumer (1969) onde se encontram patentes as três premissas que norteiam esta corrente – visíveis no **Quadro 1** - e que, de certa forma, permitem perceber como as imagens e representações das cidades são criadas pelos próprios indivíduos.

Quadro 1 - Premissas do Interacionismo Simbólico de Blumer

Os seres humanos agem de acordo com o significado que as coisas têm para eles;

Os significados das coisas deriva da interação social entre indivíduos e/ou sociedade;

Os significados são manipulados e modificados através de um processo interpretativo acionado pelos indivíduos nos encontros quotidianos.

Fonte: Elaboração construída pelo autor (Blumer, 1969)

A leitura do **Quadro 1** permite-nos desde logo perceber que os significados das coisas, ou seja, o simbolismo que as mesmas representam para os indivíduos, emergem do contato que os mesmos preconizam no seu dia-a-dia com elas e com outros indivíduos. No entanto, e como Blumer (1969) refere, esses significados são igualmente flutuantes e suscetíveis de serem alterados, nunca acabados, estando em constante

mudança. Podemos interpretar as imagens da cidade como uma forma de significado que a mesma representa para os indivíduos. Também elas são construídas e reconstruídas, sujeitas a reelaborações constantes e resultam de processos de interação entre o indivíduo e o espaço citadino. Referente ao indivíduo e à cidade, Georg Simmel possui um texto fantástico, “Metrópole e a vida do Espírito”(2001[1903]), onde aborda as novas questões que medeiam esta relação. O advento da industrialização e a consequente divisão social do trabalho fez despoletar no indivíduo uma intensificação da vida nervosa (Simmel, 2001[1903]).

Certamente conseguimos perceber que os estímulos que provêm da cidade são, em larga medida, muito diferentes dos que provêm de lugares mais calmos e serenos, como é o caso do campo. Ora, esta mudança é vivenciada cada vez que saímos à rua, na velocidade e nas dimensões da vida econômica profissional e social (Simmel, 2001[1903]) o que leva a que o indivíduo da cidade adote uma postura mais anímica e racional da mesma, desprovida de sentimento.

A cidade é o local por excelência do desenraizamento e da racionalidade, acrescida pelo fato de ser o lugar da troca monetária, do dinheiro, advento da racionalização. Talvez seja mesmo o *Entendimento*, como Simmel refere, que leva a que o indivíduo adote essa postura indiferente e racional. No entanto questionamos se será o Porto-cidade local de desenraizamento? Estudos dizem-nos que estamos perante uma cidade fortemente marcada por práticas de solidariedade extremamente fortes que persistem, a par e passo, ainda nos dias de hoje. É certo que tendem a desaparecer tendencialmente, mas acreditamos que ainda são visíveis. A esta racionalidade junta-se a questão da cronometragem do tempo. O relógio marca os diferentes pontos do dia. Organiza a vida social da cidade e determina os nossos passos, um por um. É visível nas horas de ponta o aumento do tráfego mecânico e pedestre. É visível ao cair da noite a diminuição do fluxo citadino. Mas como é que o indivíduo se adapta a esta condição? Simmel acredita que o indivíduo ao entrar em contato com esta multiplicidade de estímulos leva a que se perca, que se desorienta. Para tal é acionada a atitude *blasé* (indiferença face às indiferenças) permitindo ao indivíduo adaptar-se e a integrar o circuito citadino. Atendamos à Avenida dos Aliados em plena Baixa do Porto. Local por excelência de um grande fluxo de indivíduos que seguem os seus caminhos. O que aconteceria se cada vez que as sirenes soassem das ambulâncias os mesmos fossem

sensíveis a isso de tal forma que se desorientassem? Na verdade a cidade está organizada para evitar o caos e nós mesmo também. No entanto, numa aldeia ou vila, quando as sirenes soam todos acorrem às janelas ou ao centro na tentativa de perceber o que se passa: quem, onde e como. Também nos diz Simmel que para além da indiferença da qual a cidade se pauta, a desconfiança é igualmente visível. Diz-nos o autor que por via da crescente racionalização das trocas monetárias e a sua posterior abrangência das demais relações sociais, somos levados a criar sentimentos de desconfiança que resultam em retração no fomento das relações sociais com vizinhos por exemplo. A verdade é que a cidade permite algo ao indivíduo que o mesmo não tinha nas cidades antigas e mais pequenas: liberdade de movimentos. Na cidade é permitido ao indivíduo a liberdade de escolher percursos e trajetos sem que os mesmos sejam supervisionados ou objeto de sanção e/ou olhares atentos dos demais habitantes. Aliás, tal não seria possível dado a dimensão da vida social que se encerra na cidade. Quanto maior for o espaço da cidade e dos seus movimentos, mais impercetíveis se tornam os percursos e escolhas individuais dos indivíduos.

Inspirado por Simmel, Louis Wirth escreve “O Urbanismo como modo de vida” e vai de encontro a alguma das ideias defendidas pelo autor mas levanta novas questões que consideramos aqui importantes de referir. Antes de tudo, Wirth (2001[1938]) entende que o espaço urbano e o espaço rural não devem mais ser entendidos pela relação de oposição que até então prevalecera. Para Wirth os dois mundos interpenetram-se na medida em que os novos habitantes da cidade provêm exatamente do mundo rural, trazendo na sua bagagem modos e hábitos rurais. Por outro lado, também a cidade rasga os limites físicos, dispersando-se pelos terrenos envolventes na medida em que o urbanismo não está confinado a tais localidades (Wirth, 2001 [1938]). Devemos igualmente ter em consideração que, apesar de próprio da cidade, o urbanismo não é a cidade. Numa tentativa árdua em tentar definir cidade o autor adverte para a necessidade de primeiramente termos em linha de conta os diversos subtipos de cidade que, à primeira vista homogêneos, têm no seu interior elementos organizativos e constituintes heterogêneos. Para isso acredita que a cidade se pauta por três critérios – número, densidade e heterogeneidade.

No sentido das transformações da urbanidade, é capital entender que, tal como Baudelaire nos fala nos escritos de Walter Benjamin (2001), que o século XIX

impunha na cidade um novo horizonte. Este novo horizonte era fruto das transformações físicas e sociais do século que, devido às mesmas, provocou o surgimento de uma novo paradigma de cidade e de homem. Nascia assim um novo olhar sobre a cidade e as suas dinâmicas, próprio da modernidade. Benjamim (2001) refere que já Baudelaire dava conta da afirmação de uma nova figura entre a multidão: o *flâneur*. Moderno, aventureiro e observador, destaca-se na cidade pelo facto de a perspetivar retirando-lhe os véus que até então a tornavam encoberta. Sérgio Paulo Rouanet, no seu artigo “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?” afirma que a cidade representa “seu templo, seu local de culto (...) o verdadeiro lugar sagrado da flânerie” (Rouanet, 1992:50), ou seja, quase como que um processo artístico de percorrer a cidade e senti-la. É, o *flâneur*, o novo “...alegorista da cidade, detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado...”. (Rouanet, 1992:50). Neste sentido, e retomando Baudelaire como um mestre sensorial da cidade, parece capital entender que o mesmo acredita que o *flâneur* era um verdadeiro poeta da cidade. Na verdade, o *flâneur*, é o coprotagonista de uma paixão correspondida entre ele e as cidades e multidões. Baudelaire compara-o a um “...espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um eu insaciável do não-eu, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugida.” (Baudelaire, 1997:21). No artigo de Rouanet (1992) o mesmo cita Benjamim quando este expõe de forma magistral a sensibilidade do *flâneur*. Esta figura cidadina é dotada por uma capacidade inequívoca de deambular pela cidade que se apropria, para além do que é visível, do invisível.

Ao discutirmos os contributos de Baudelaire e Walter Benjamim, nomeadamente sobre a sensibilidade que nos surge ao deambularmos pela cidade, é possível estabelecer um paralelismo com o artigo de João Teixeira Lopes “Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público” (2007) onde o autor refere que o tempo das cidades, ou seja, a forma como se organizam temporalmente os meandros do quotidiano e das práticas sociais, é cada vez mais lido através de uma “...vertiginosa velocidade de fluxos de pessoas, mercadorias e bens imateriais...”, sendo que o autor vai mais longe acrescentando que a metrópole “...elimina as fronteiras oficiais e administrativas”

(Lopes, 2007:72). Estamos assim perante um novo Tempo da cidade, urbano e denso, segundo o autor (2007), alicerçado numa experiência urbana plural e multivocal. Sensorialmente e vocalmente o Porto, enquanto cidade, se demarca. O percorrer a cidade é comparável a um ritual de evocação de aromas, sons e sentidos díspares que, ora reunidos, resultam numa poderosa experiência sensorial. Odores que se misturam no dobrar de cada esquina, sons que se compõe e resultam numa partitura diversa. Como já referido num artigo “Os diferentes lugares do Porto são eles próprios palcos de práticas regulares, rotineiras e fugazes. Ao percorremos a cidade somos levados pelos fluxos citadinos, pelos movimentos pendulares que alteram a paisagem da cidade.” (Vidal, 2016:8).

Esta sensibilidade por parte dos sentidos à cidade permite-nos resvalar para os contributos que Carlos Fortuna nos presenteia. A este nível em que a sensibilidade à cidade se apresenta como primordial, para assim conseguirmos interpretar as suas imagens e representações, o seu artigo “Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos” (1998) esboça de forma peculiar e envolvente as plurisonoridades a que somos sensíveis em ambientes urbanos. Fortuna (1998) não se coíbe de referir que apesar dos seus valiosos contributos relativos à sociologia sensorial, o mesmo despreza de forma demasiadamente *relegadora* o sentido auditivo. Quer com isto dizer que o facto de Simmel entender o sentido auditivo como “... passivo, despojado que está de autonomia própria...” (Fortuna, 1998:23), enaltecendo a supremacia da visão face ao mesmo, leva a uma incapacidade de ouvir os sons da cidade e de conseguir organizá-los segunda uma partitura. Segundo o autor, da cidade e da sua identidade fazem hoje também parte os seus sons. Retomando o objeto da nossa investigação, será certamente enriquecedor perceber que sons são atribuídos ao Porto e de que forma os mesmos estão na base das representações e imagens do mesmo, ora não o fosse palco por excelência de plurisonoridades urbanas. Ainda utilizando o nosso objeto, o Porto, como exemplificador empírico do que teoriza Fortuna, será interessante verificar de que forma se comprova um sentimento de coletividade face à construção de um ambiente sonoro partilhado (Fortuna, 1998), não obstante o facto dos sons, a partir do momento em que são emitidos, serem rececionados e apropriados de forma díspares. Como havíamos referido no capítulo I desta investigação, optamos por uma abordagem transdisciplinar porque consideramos que em matéria de leitura de representações e imagens de uma

cidade, diferentes abordagens significam riqueza teórica. Carlos Fortuna não é diferente e socorre-se igualmente da Geografia, nomeadamente de Paul Rodaway (1994) para perceber de que forma o som identitário da cidade se compõe no espaço da mesma. Assim, e apropriando-se de dois conceitos fundamentais desenvolvidos por Rodaway (1994), apresenta a noção de campo sonoro e paisagem sonora como elementos que apesar de coexistirem, as suas significações são distintas. Fortuna refere que ao introduzir a noção de campo sonoro estamos a referir-nos a um determinado espaço acústico que provem de um emissor e que transmite a sua sonoridade a um território delimitado previamente. No entanto, e recorrendo a um artigo de autoria própria, a verdade é que em “...ambiente citadino damos conta de plurisonoridades, aparentemente contraditórias mas que mapeiam actualmente as paisagens sonoras. Esta pluralidade de sons é visível em ambientes multiculturais...onde culturas diferentes, ou melhor dizendo, sonoridades culturalmente diferentes, se misturam e compõem uma partitura diversa.” (Vidal, 2015). Esta noção permite-nos perceber que estamos assim diante de uma reelaboração dos sons da cidade na medida em que as “...máquinas, as buzinas e as sirenes dominam a paisagem sonora, acabando por transformá-la, emergindo um novo e plural “património sonoro” próprio da cidade contemporânea.” (Vidal, 2015). Esta última afirmação foi inspirada na ideia que Fortuna transmite no seu artigo quando afirma que o som dominante da cidade é hoje puramente mecânico e ritmado. A noção acima desenvolvida leva-nos ao conceito de paisagem sonora, também desenvolvido por Rodaway (1994) e mencionado no artigo de Fortuna (1998), dizendo respeito a um “...acto da sua apropriação/recepção...” (Fortuna, 1998:27). Acredita-se, doravante, que a decifração da paisagem sonora da cidade, ou pelo menos a sua tentativa, resulta num processo de atribuição de um sentido que, no fim, culmina na perceção de uma identidade da cidade.

Na verdade, os sons da cidade são eles mesmos elementos exemplificadores de uma evolução societal. A industrialização, o desenvolvimento da tecnologia, dos automóveis, do crescente aumento da máquina e do aumento populacional e do fluxo (acrescido pelo desenvolvimento das redes de transporte), formam uma puzzle de novos símbolos e marcas de uma identidade cidadina que contribui para olhares e leituras diferentes sobre a cidade. Mas a racionalidade e a individualidade são igualmente mencionadas, por Fortuna (tal como Simmel), no caso das sonoridades. A privatização

do circuito sonoro referido pelo autor (1998) permite perceber que os microcosmos sonoros estão agora balizados pois dois *phones*, aos quais os demais cidadãos não conseguem aceder. Permite igualmente perceber a extensão do domínio privado para a rua sem o deixar de ser. Será um tópico interessante a abordar noutra investigação onde o tempo e os recursos sejam menos limitados.

A forma da cidade, ou como Kevin Lynch refere, o design da cidade (Lynch, 1960), deve ser entendido como uma arte temporal. E como arte temporal que é, é trabalhada em ocasiões diferentes, por pessoas diferentes que, em último caso, invertem as sequências. Também Lynch, urbanista, se apaixonou por redescobrir a cidade, para além dos sentidos, momentos e situações distintas captadas a cada instante (Lynch, 1960). Enquanto urbanista, ligado à forma em que a cidade se encaixa, é de ressaltar a sua sensibilidade à mesma. Na verdade conseguimos facilmente encontrar características de um verdadeiro *flâneur*, na medida em que ele analisa a cidade mas também admite ser tentado a perder-se nela. E se somos produtos e produtores da construção social da cidade então, a imagem que possuímos dela, esta impregnada de memória e significações (Lynch, 1960). Estamos perante o que o autor denomina de processo bilateral, ou seja, de uma relação intensa entre o observador e o meio para a produção do resultado final, a imagem propriamente dita. O meio (a cidade) faz emergir distinções e relações, cabendo ao observador (cidadão) atribuir sentidos e significados. Lynch toca num ponto-chave a dado momento na sua obra. O autor refere que cada indivíduo cria e sustenta a sua própria imagem, sendo um ato individual e processado com base nas suas preferências e percepções. No entanto o autor refere que ocorrem cruzamentos de imagens similares quando estamos perante efeito-grupo. Quer com isto dizer que indivíduos pertencentes ao mesmo grupo etário, género, etnia e classe possuem, em tendência, imagens similares sobre a cidade. Será que as imagens e representações do Porto são partilhadas dentro de determinados grupos? Estamos perante um efeito contagiante de posicionamento social na cidade que origina uma percepção similar da cidade? Elementos a ter em consideração na abordagem metodológica a adotar e que certamente irão merecer a nossa atenção no estágio seguinte. Percebemos até ao momento que as imagens são realmente um elemento fulcral de interpretação da relação existente entre o indivíduo e a sociedade. Mas o que devem possuir elas? Lynch acredita que estas devem conter na sua base uma

componente de individualidade/particularidade, ou seja, deverão primar pela marca distintiva face às demais cidades; devem possuir uma relação com o observador; e, por fim, essa relação deve ser de caráter emocional, ou seja, deve ser permeada por memórias e experiências pessoais. Mas é neste último ponto que a imagem deve realmente assentar. Quanto mais viva, clara e física a imagem da cidade for, maior será a probabilidade de criarmos um elo para memórias coletivas. Este processo criativo de memórias possui em si mesmo uma particularidade interessante. É fonte de segurança emocional a um espaço físico. Na verdade, a imagem "...deveria, de preferência, possibilitar um fim em aberto, adaptável à mudança, permitindo ao indivíduo continuar a investigar e a organizar a realidade." (Lynch, 1960:19). Cabe ao indivíduo ser o protagonista desse fim em aberto, de escrever as imagens e fazer delas um espólio de uma memória coletiva, ora não fosse esse o verdadeiro sentido da cidade.

Parte II

Sonho. Não sei quem sou neste momento.

Durmo sentindo-me. Na hora calma

Meu pensamento esquece o pensamento,

Minha alma não tem alma.

Fernando Pessoa

3 | Metodologia de Pesquisa: um vai e vem entre o quantitativo e o qualitativo

A viagem da investigação é uma viagem de ida e volta. Começa no “País Teórico” chega ao “País Prático” e termina mais uma vez no “País Teórico”. (Hill e Hill, 1998)

3.1. Porto de Hipóteses

Sem que a queiramos perder de vista, dedicaremos por momentos a entender o raciocínio a que nossa investigação obedeceu, mais concretamente no que se refere à elaboração das hipóteses teóricas.

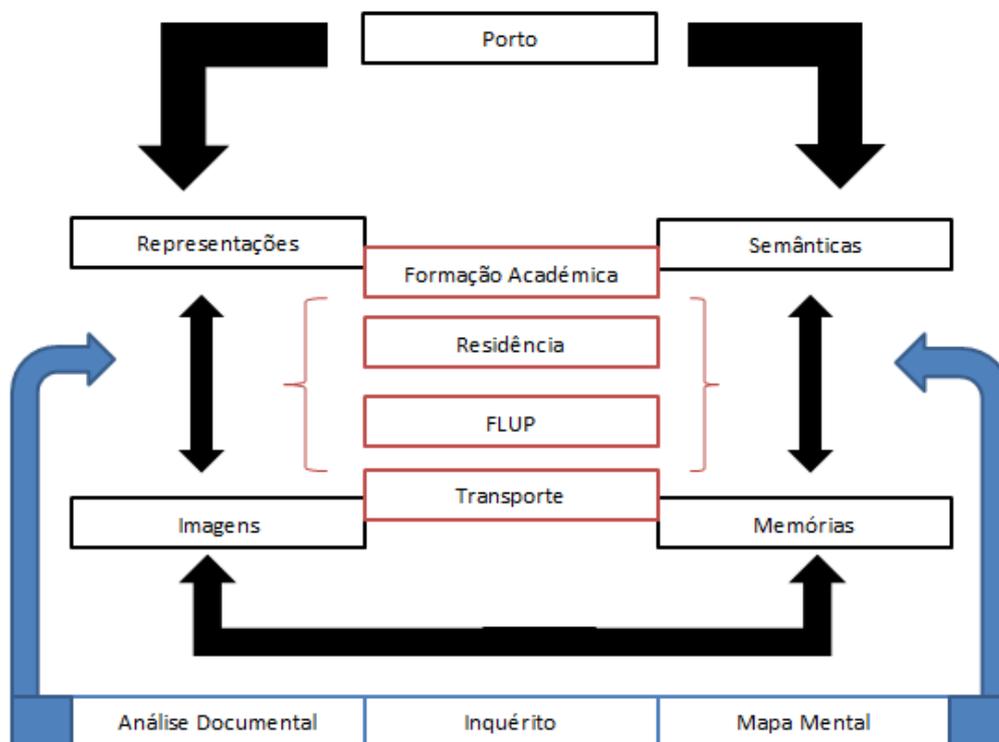
Devemos desde logo frisar que as mesmas foram surgindo, por via de discussões várias, em que o fim não estava à vista. No entanto, fomos desde sempre guiados, e como já referimos, pela noção de que a formação de um estudante, sem menosprezar a sua trajetória de vida, tem implicações na forma como o mesmo pensa, age e sente. E se assim for, certamente um estudante da área das ciências exatas, como Matemática, terá uma visão diferente de um estudante da área das ciências sociais, como Filosofia. E o Porto e as suas representações onde se encaixam nesta lógica? Bem, se a formação académica tem peso na forma como nos posicionamos face a determinada realidade ou assunto, então também terá influência na forma como concebemos a cidade e a interpretamos. Nascia assim o mote para a nossa investigação e a partir do mesmo fomos esboçando pistas e questionamentos vários. Um deles passou por se entender que, para além da formação académica, também haverá outras variáveis que terão influência na cidade. Reparemos no caso da naturalidade/residência. A nossa relação com a cidade altera-se se vivermos nela ou nas áreas circundantes, ou se residirmos em meios mais longínquos em que ainda se sinta laivos de ruralidade. Ainda nesta segunda hipótese, também a forma como nos movemos na cidade, e principalmente na vida de um estudante onde o trajeto mais significativo é o residência-faculdade, terá implicações no grau de intimidade que partilhamos com ela. Por fim, e igualmente cabal, o facto da

FLUP se inserir num lugar próximo do centro da cidade tem peso nas relações que os estudantes estabelecem com a mesma. E no meio destas palavras conseguimos identificar desde logo quatro possíveis hipóteses que nos motivam/intimidam para continuar a desbravar conhecimento. Como forma sintetizadora elencaremos de seguida as hipóteses a que obedeceu a nossa investigação:

- Os estudantes com formações em áreas académicas diferentes têm uma leitura e interpretação da cidade também ela diferente;
- O local de residência dos estudantes vai determinar a forma como concebem e idealizam a cidade;
- O meio de transporte utilizado pelos estudantes tem influência na forma como os mesmos se relacionam com a cidade;
- O espaço da cidade onde se insere a FLUP tem implicações na forma como os estudantes se relacionam com a mesma.

A **Figura 3** dá conta do processo analítico ao qual a nossa pesquisa procurou obedecer. As hipóteses inicialmente apresentadas encontram-se igualmente presentes neste modelo, nomeadamente no centro do mesmo com sombreado a vermelho – Formação Académica, Residência, FLUP e Transporte. Por sua vez, e de acordo com o movimento das chavetas e, em seguida, das setas, estas mesmas hipóteses irão determinar as representações, imagens, semânticas e memórias dos estudantes sobre a cidade do Porto. Na base da ilustração encontram-se os meios utilizados, ou seja, as técnicas operacionalizadas, na pesquisa, sendo por isso a análise documental, o inquérito por questionário e o mapa mental.

Figura 3 – Modelo de Análise



Fonte: Elaboração do autor.

3.2. A cidade a seus pés: o Porto como objeto

A citação introdutória deste capítulo representa um primeiro contato que surgiu aquando a iniciação da formação em sociologia. Surpreendeu o seu lado metafórico mas, sobretudo, a sua capacidade explicativa tão clara.

Desde logo nos apercebemos que embarcamos numa viagem complexa. Iniciamos na teoria, enquadrando o objeto, caminhamos a passos para o terreno e, no fim, regressaremos à teoria para aí sentirmos a verdadeira alquimia de se fazer sociologia – sentir que o puzzle afinal se completa. Neste subcapítulo iremos dar conta da nota metodológica a que nossa investigação obedeceu, passando pela estratégia e

abordagem adotada, pelas etapas ultrapassadas e pelas técnicas acionadas. Mas embarcar nesta aventura despoletou uma série de questionamentos sobre como seguir e o que fazer. Na verdade, deve ser geral e acreditamos que estes questionamentos permitem perceber que a nossa investigação tem fundamentos para avançar. Neste sentido, o objeto da nossa investigação é um, o Porto. Mas se Carlos Fortuna (2001) nos apresenta a cidade como representacional, então é dessa dimensão que nos iremos ocupar. Nesse sentido desconstruímos o Porto porque na verdade o que nos interessa é o universo simbólico da cidade e os elementos que fazem parte das suas imagens, representações, memórias e semânticas. Entendemos que estas dimensões de análise do Porto permitem ler a cidade na vertente representativa da mesma. Por isso é do imaginário da cidade que nos ocupamos, do seu vasto leque de significados e significâncias.

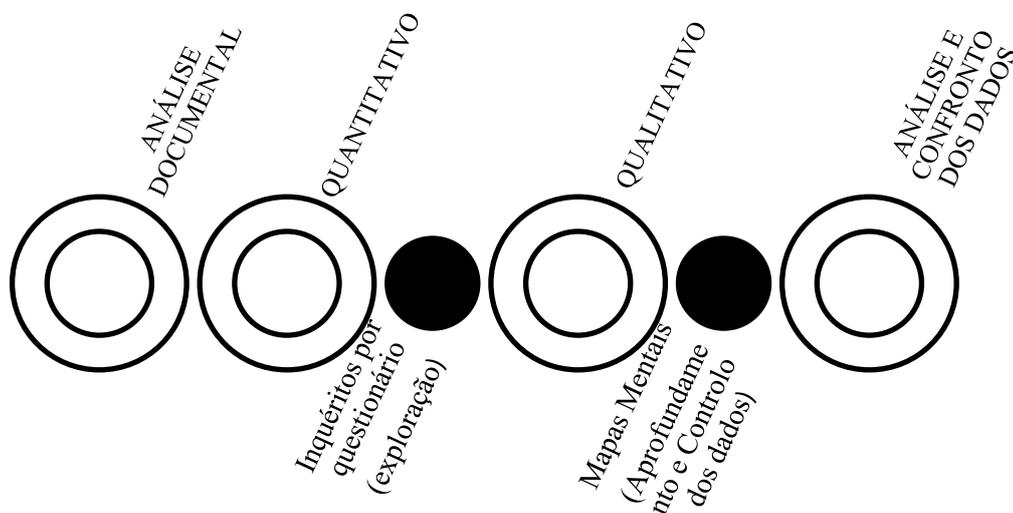
Como foi perceptível aquando a realização da revisão do estado da arte, o Porto foi alvo de vários olhares e de interrogações o que, de certa forma, revela o seu misticismo, facto que despertou igualmente o nosso olhar curioso (de sociólogos). Devemos ter presente que, desde o princípio, a nossa investigação teve objetivos norteadores da mesma. Queremos com isto dizer que foram elaborados objetivos gerais que, por sua vez, se desdobram em objetivos específicos mapeadores do objeto em análise – o Porto. No caso da nossa investigação a pergunta de partida é: ***Quais as imagens, representações, memórias e semânticas que são atribuídas à cidade do Porto pelos estudantes da FLUP?*** Sendo este o mote do nosso estudo elegemos os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto como a população-alvo. Após várias discussões acreditamos que a sua diversidade cultural, geográfica e social concorre, sem dúvida, para uma panóplia de diferentes formas de apropriação da cidade. Acreditamos, portanto, ser uma explicação plausível para esta escolha. Porque se a cidade é sensorial aos olhos de Carlos Fortuna então deixe-nos entrar nesse jogo de sedução em que os participantes são os estudantes e nós os observadores. Será que vamos conseguir ouvir o ressoar da cidade? (Fortuna, 1998). Numa tentativa de procurar responder a esta questão elencamos objetivos norteadores desta cruzada a que nos propomos. No que diz respeito aos objetivos gerais, e dada a sua abrangência, foram desenhados três, a saber: ***Conhecer as representações, imagens, memórias e semânticas dos estudantes d FLUP face à cidade***, ou seja, numa lógica introdutória o que se pretende é conhecer, no

sentido literal da palavra, quais são as representações, imagens, memórias e semânticas que fazem parte do universo simbólico ligado à cidade do Porto; ***Explorar o simbólico da cidade e dos seus espaços em estreita relação com os Indivíduos***, neste caso pretende-se perceber a relação simbólica existente entre os espaços da cidade e os indivíduos; ***Analisar as apropriações e reapropriações dos indivíduos na cidade***, neste sentido iremos proceder a uma análise das apropriações e reapropriações feitas pelos indivíduos no espaço da cidade (como se relacionam com o espaço).

No entanto, acreditamos que tais objetivos são merecedores de uma análise mais fina e detalhada pelo que, através dos mesmos, conseguimos construir quatro específicos que nos permitiram uma análise mais profunda, nomeadamente: ***Comparar as representações e imagens da cidade***, que deriva do primeiro objetivo geral acima apresentado; ***Desconstruir significados e representações dos espaços da cidade e Perceber quais os espaços da cidade mais referenciados e porquê***, objetivos que se desmembram do segundo objetivo geral; ***Interpretar os espaços como lugares vividos, concebidos e apropriados e de que forma se relacionam com as transformações que o Porto tem vindo a ser alvo***, que se encontra em estreita ligação com o terceiro objetivo geral. Encontramo-nos, por isso, numa etapa de suma importância. Não porque descuremos as demais mas porque esta se assume como verdadeiramente determinante. Importa perceber como se desenhará a nossa pesquisa e em que princípios metodológicos assenta. E nesse sentido acreditamos que estamos perante uma dualidade: por um lado sabemos que uma lógica hipotético-dedutiva se encaixa na medida em que a partir de hipóteses previamente construídas podemos partir para o terreno; por outro, sabemos que uma lógica indutiva permite que os dados nos falem e que nós os compreendamos para assim conseguirmos construir conhecimento. Então que fazer? Neste cruzamento sinuoso avistamos uma solução: adotar uma triangulação metodológica que permite um olhar sobre o mesmo objeto através de lentes diferentes. Este modelo (triangulação metodológica), referido por Teresa Duarte (2009) no seu working paper “A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)”, diz respeito à situação em que “...são utilizados múltiplos métodos para estudar um determinado problema de investigação.” (Duarte, 2009, p.12). Mais concretamente, a nossa investigação é conduzida por uma triangulação intermétodos (Duarte, 2009), ou seja, são acionados diferentes métodos em relação ao mesmo objeto

em estudo. No entanto não será descabido afirmar que estamos igualmente perante, no caso da nossa investigação, uma triangulação do tipo interdisciplinar na medida em que utilizamos, ao longo do processo várias disciplinas científicas, nomeadamente no I e II capítulo (aquando o enquadramento teórico) (Duarte, 2009). O cronograma de pesquisa (**Anexo 1**) elaborado no início desta investigação permitiu visualizar as etapas pela qual a nossa investigação iria atravessar, organizando horários e *timings* mais adequados. Posto isto, entendemos que num primeiro momento é acionada uma lógica hipotético-dedutiva tendo em conta a aplicação do inquérito por questionário de modo a ir de encontro às hipóteses teóricas. Num segundo momento é acionada um lógica indutiva tendo em conta a análise dos mapas mentais. Na figura que seguidamente será apresentada (**Figura 4**) encontra-se visível o desenho de pesquisa adotado, nomeadamente através da conjugação dos métodos qualitativos e quantitativos. Primeiramente, e como nada surge de um vazio, iniciamos a nossa investigação pela análise documental, concretamente, pela leitura teórica e empírica relacionada com a temática em análise. Em seguida, foi acionada uma estratégia quantitativa, balizada por hipóteses e partindo da teoria, de forma a conseguir conhecer a amostra em extensividade através do inquérito por questionário. Esta é uma fase decisiva para se conseguir estreitar caminhos para a abordagem que se segue, a qualitativa. Nesta fase, e ainda que tendo por base muitas dúvidas quanto à aceitação que a mesma técnica poderia ter, optou-se por convidar os estudantes a esboçarem o seu mapa mental da cidade. Esta técnica procura perceber quais as representações e imagens visuais que os mesmos atribuíam à cidade, bem como de que forma as mesmas se dispersam no espaço.

Figura 4 - Desenho de pesquisa do modelo intermétodos



Fonte: Elaboração construída pelo autor adaptado de Creswell (2007)

A fase última passa pela análise e confronto de resultados, nomeadamente do foro quantitativo e qualitativo de modo a chegar a uma aproximação sobre as imagens e representação que a cidade do Porto possui aos olhos dos indivíduos.

3.3. Técnicas adotadas: uma visão plural

3.3.1. A cidade documentada: a análise documental

Se a cidade é tão bela e carismática então não seremos os primeiros a querer mergulhar no seu imenso mar simbólico. E se isto é tão verdade como nós sabemos, então acreditamos que foi preponderante na nossa pesquisa uma análise documental prévia.

Foi por este motivo que atribuímos aos contributos teóricos, mais concretamente aos estudos que tiveram o Porto como objeto, um lugar de destaque, sendo por isso uma verdadeira fonte de inspiração para nós. Falamos, para além do estado da arte, de obras literárias verdadeiramente mapeadoras de pontos-chave como é o caso dos autores Camilo Castelo Branco, Vasco Graça Moura, Júlio Dinis e Eugénio de Andrade. O grau

de detalhe e a paixão que depositam em cada descrição minuciosa da cidade permitem estabelecer comparações com os resultados e revisitar uma cidade romântica e literária como o Porto. Sem menosprezo, também o mapa sensorial do arquiteto Alexandre Burmester nos trouxe uma leitura da cidade extraordinária e minuciosa, identificando o sentimento predominante de cada espaço, em diferentes graus, revelando igualmente alguns problemas, maioritariamente sociais, que se escondem na base das leituras que fazemos desses mesmos lugares. Mas é esta a verdadeira essência da análise documental. Encontrar pistas nas palavras dos seus autores, abrindo novos caminhos e novos questionamentos para, assim, se chegar ao conhecimento. São vetores fundamentais na nossa pesquisa que não quisemos deixar em esquecimento, expondo por isso neste subcapítulo a sua importância.

3.3.2. Inquirições estudantis: o inquérito por questionário

Desde logo sentimos que para o objetivo principal a que a nossa pesquisa obedeceu seria fulcral o questionário pelo facto de nos conseguir abarcar em extensividade um grande número de estudantes. Após algumas discussões acreditamos que o inquérito online, ainda que com todos os riscos de não resposta, poder-nos-ia fornecer uma visão diversificada sobre as representações, imagens, memórias e semânticas dos estudantes, tendo sido por isso a nossa escolha. No que se refere ao inquérito (**Anexo 2**), dele fazem parte perguntas abertas e fechadas, tendo sido por isso difícil o seu tratamento no que se refere ao primeiro tipo de perguntas. Apesar de ter sido criado um inquérito em português e um inglês, o segundo não teve qualquer resposta pelo que não é tido em consideração. Mas se queríamos perceber o imaginário simbólico dos estudantes acreditamos que lhes devíamos permitir liberdade nas suas respostas dado que restringir o campo simbólico de um indivíduo seria, certamente, enviesar as respostas do mesmo. Também no que se refere à amostra decidimos que não deveríamos restringi-la a cotas, na medida em que optamos por uma amostra não probabilística por conveniência, abrindo portas a todos os casos sem limitações. Foram respondidos 108 inquéritos (eram inicialmente 150 mas 42 tiveram de ser anulados dado a não resposta em variáveis explicativas como o curso e residência) o que apesar de

acreditarmos que teria sido interessante abranger mais respostas, o número a que chegamos revelou-se satisfatório para prosseguirmos a análise dada a qualidade de informação. Esta técnica tem como finalidade abarcar um conjunto significativo de inquiridos de modo a “... quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p.191) permitindo conhecer as suas opiniões face a determinado fenómeno. Para o tratamento dos dados provenientes dos inquéritos foi utilizado o SPSS como ferramenta de análise estatística.

3.3.3. A cidade aos olhos Deles: os mapas mentais dos estudantes

Quisemos arriscar. Essa é a verdadeira razão. Mas também Kevin Lynch teve a sua quota-parte nesta opção. Acreditamos desde já que a cidade do Porto é perfeitamente passível de se inserir num dos conceitos primordiais do autor, o de Legibilidade, referindo-se à “... facilidade com a qual as partes [da cidade] podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente.” (Lynch,1960:13). Nas palavras de Lynch, estruturar e identificar um ambiente é uma tarefa essencial para todos nós que nos movemos, na medida em que permite orientar-nos na cidade, conferindo-nos segurança. É nesta capacidade de organização imaginária e mental da cidade que reside a exponência visual e complexa da cidade, revelando-se neste processo. Também o conceito de Imaginabilidade, já referido no capítulo 2, é referido por Lynch, entendendo-a como a “...qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis.” (Lynch, 1960:20), assume importância pois reside na ligação que permite estabelecer com o de Legibilidade na medida em que só as imagens fortes em estrutura, significado e identidade aumentam a probabilidade de construir uma visão clara e estruturada da cidade.

Mas voltando aos mapas mentais, optámos por aplica-los de forma aleatória (à semelhança do inquérito), convidando os estudantes a participar, explicando-lhes previamente todo o processo. No entanto, à medida que fomos conseguindo mapas de

um curso procurávamos não o repetir de modo a obter uma maior variedade. Neste sentido foram obtidos 18 mapas mentais. Para a análise aprofundada destes mapas e além da nossa leitura sociológica, demos atenção aos 5 elementos entendidos por Lynch (1960) como organizadores mentais da cidade pelos indivíduos, nomeadamente: caminhos/vias (*paths*), aqui entendidos como ruas ou caminhos percorridos pelos indivíduos, normalmente dotados de uma certa característica (ruas comerciais ou de serviços); Limites (*edges*) que podem ser aqui entendidos como limites não administrativos, como o caso de rios, estradas ou muros, às vezes associados a barreiras simbólicas de segregação espacial; Bairros (*districts*) que se caracterizam por espaços homogéneos, portadores de uma identidade própria, cultural ou social; Nós (*nodes*), espaços de cruzamento, de mudança, onde o observador entra e visualiza a cidade; por fim, os Marcos ou Pontos marcantes, mais concretamente, espaços singulares onde o observador não entra dado a sua aura memorável e identitária para a cidade. Revelou-se duplamente aliciante aplicar esta técnica: por um lado a novidade e o risco associado à mesma; por outro, os resultados, verdadeiramente enriquecedores e quase mágicos de explicar e entender a cidade no seu domínio não físico. Esse sim foi um verdadeiro desafio para nós.

4 | Sou de Letras e trago um Porto em Mim¹¹: à procura das suas imagens, representações, semânticas e memórias

“ Afinal, o Porto, para verdadeiramente honrar o nome que tem, é, primeiro que tudo, este largo regaço aberto para o rio o viajante debruçar-se para o ar livre e ter a ilusão de que todo o Porto é a Ribeira.” (José Saramago)

4.1. A Amostra: breve caracterização de um mosaico estudantil

Tomaremos como ponto de partida deste capítulo a análise dos dados providos da aplicação do inquérito online através do *email* dinâmico da FLUP. Devemos, porém, ressaltar que os dados aqui patentes representam um pequeno universo da Faculdade em si, ou seja, apesar de terem sido aplicados 108 inquéritos devemos ter em consideração que, tal como se observa no **Quadro 2**, apenas alguns cursos tiveram uma frequência considerável como é o caso de Sociologia (domina grande parte da amostra), História de Arte, Línguas Aplicadas, Línguas, Literaturas e culturas, Geografia e História. Todos os outros, não obstante a importância que os mesmos detêm como iluminadores de algumas pistas, representam uma frequência pouco representativa da realidade em análise. Neste sentido, as conclusões e comentários presentes inscrevem-se numa lógica de aproximação da realidade. Importa ainda neste momento referir que dado o que foi anteriormente dito não nos foi possível aplicar testes estatísticos, pelo que optamos por fazer uma análise descritiva e/ou cruzada dos dados.

Quadro 2 – Curso dos Inquiridos e frequência dos mesmos.

| Curso do Inquirido | | | |
|-------------------------|------------|--|------------|
| Licenciatura | Frequência | Mestrado | Frequência |
| Arqueologia | 3 | Ensino de História | 1 |
| Biologia* | 1 | Estudos Literários, Culturais e Interartes | 3 |
| Ciências da Comunicação | 3 | Estudos Medievais | 1 |
| Ciências da Informação | 3 | História e Património | 3 |
| Ciências da Linguagem | 1 | História, Relações Internacionais e Coop. | 2 |

¹¹ Adaptação do título do projeto “Sou do Porto e trago um Porto em Mim” de Paula Guerra (2012).

| | | | |
|--|----|--|----|
| Cultura e Artes – Multimédia* | 1 | Linguística | 1 |
| Design Comunicação* | 1 | Português Línguas Segunda/Língua Estr. | 1 |
| Engenharia* | 1 | Sociologia | 30 |
| Estudos Portugueses e Lusófonos | 3 | Tradução e Serviços Linguísticos | 1 |
| Filosofia | 3 | Turismo | 1 |
| Geografia | 6 | *Apesar do inquérito ter sido aplicado somente a estudantes da FLUP tivemos, contudo, a participação de 3 estudantes com formações da área da Biologia, Design Comunicação e Engenharia. Entendemos que ao terem recebido o email com o inquérito online estarão, provavelmente, inscritos em unidades curriculares, formação contínua ou cursos livres da Faculdade pelo que os seus dados foram tratados neste estudo. | |
| História | 4 | | |
| História de Arte | 7 | | |
| Línguas Aplicadas | 6 | | |
| Línguas e Relações Internacionais | 1 | | |
| Línguas, Literaturas e Culturas | 7 | | |
| Sociologia | 13 | | |

Como seria de esperar, dado que estudos recentes ilustram uma feminização do ensino superior, ainda para mais numa Faculdade maioritariamente procurada por um público feminino, os dados mostram-nos que 67,6% dos inquiridos são do sexo feminino (**Quadro 3**). Dado que a média de idades se aproxima dos 22 anos, o estado civil dominante é o Solteiro/a com cerca de 88,9% (**Quadro 4**).

Quadro 3 – Sexo dos Inquiridos

| Sexo | Frequência | Percentagem |
|------------------|-------------------|--------------------|
| Masculino | 35 | 32,4% |
| Feminino | 73 | 67,6% |
| Total | 108 | 100% |

Quadro 4 – Estado Civil dos Inquiridos

| Estado Civil | Frequência | Percentagem |
|----------------------------------|-------------------|--------------------|
| Solteiro(a) | 96 | 88,9% |
| Casado(a) | 6 | 5,6% |
| União de Facto | 4 | 3,7% |
| Divorciado(a)/Separado(a) | 2 | 1,9% |
| Total | 108 | 100% |

Verificamos que os nossos inquiridos se concentram, na sua quase totalidade, na AMP – Área Metropolitana do Porto – ou seja, cerca de 96,3% (**Quadro 5**). Esta variável mostra a relação que os mesmos possuem e constroem face à cidade do Porto enquanto habitantes da mesma ou das áreas circundantes que tendem, a para e passo, a serem alvo de processos de homogeneização superficial. Também o **Quadro 6**

evidencia-nos que a distância média de residência dos inquiridos até ao centro do Porto é, em 93,5%, menor que 50km sendo, por isso, facilitada a sua movimentação. Esta facilidade de acessibilidade ao centro proporciona um maior contato e ligação com a cidade.

Quadro 5 - Zona de Residência dos Inquiridos

| Zona de Residência | Frequência | Percentagem |
|---------------------------|-------------------|--------------------|
| AMP | 104 | 96,3% |
| Outra | 4 | 3,7% |
| Total | 108 | 100% |

Quadro 6 – Distância Média da Residência dos inquiridos ao centro do Porto

| Distância Média da Residência – Centro do Porto | Frequência | Percentagem |
|--|-------------------|--------------------|
| <50 km | 101 | 93,5% |
| 50-100 km | 5 | 4,6% |
| >100 km | 2 | 1,9% |
| Total | 108 | 100% |

Através da questão em que foi pedido a naturalidade – concelho e freguesia – construiu-se a seguinte tabela em que se agrupou os inquiridos segundo quatro categorias: Porto-Cidade, AMP, Fora da AMP e Não Portuguesa. O objetivo da criação desta variável permite perceber qual o nível de relação existente entre o inquirido e a cidade. Mais propriamente, entendemos que o fato de 34,2% dos inquiridos serem naturais de freguesias da cidade do Porto tem influência nos resultados das nuvens de palavras que adiante analisaremos. Verifique-se igualmente que 41,7% dos inquiridos pertencem à AMP, evidenciando a estreita ligação que os municípios contíguos estabelecem com a cidade central, neste caso o Porto.

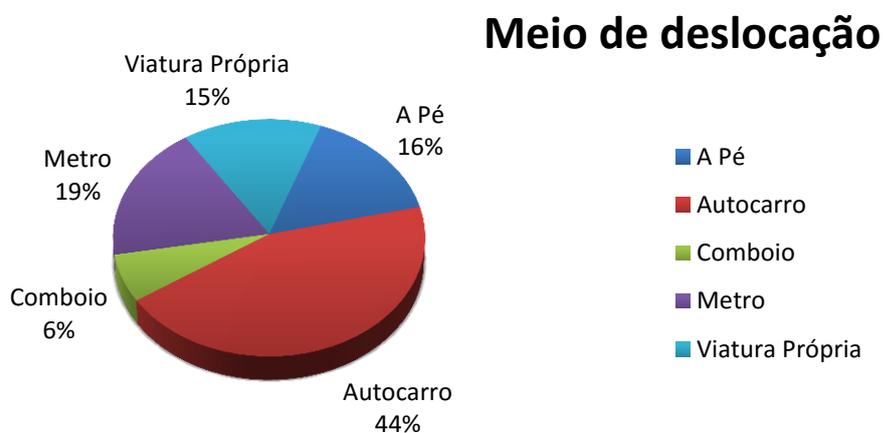
Quadro 7 – Naturalidade dos Inquiridos¹²

| Naturalidade | Frequência | Percentagem |
|-----------------------|-------------------|--------------------|
| Porto – Cidade | 37 | 34,2% |
| AMP | 45 | 41,7% |
| Fora da AMP | 17 | 15,7% |
| Não Portuguesa | 9 | 8,3% |
| Total | 108 | 100% |

¹² De referir que 101 dos inquiridos são de nacionalidade Portuguesa.

Aquando a análise dos dados provindos dos inquéritos deparamo-nos com a evolução do conceito de cidade para os estudantes. Cada vez mais estendida no espaço físico, a cidade vê os seus limites físicos e administrativos questionados. Não porque não estejam previamente definidos mas porque a cidade-mãe absorve os municípios contíguos e estende-se sobre eles provocando um efeito de ligação quase indissociável. Causa ou efeito deste fenómeno é a AMP aqui entendida na sua vertente física e na capacidade de ligar municípios, aproximando-os e quebrando barreiras. Como Rémy e Voyé referem, a dado momento na sua obra “Cidade? Rumo a uma nova definição” (2004) a mobilidade é a característica basilar da cidade moderna e, neste sentido, importa perceber a relevância que os transportes e as suas redes comportam nesta análise. Para tal devemos olhar para a **Figura 5**. Esta figura dá conta do meio de deslocação/transporte mais utilizado pelos inquiridos no trajeto que é realizado entre a residência e a faculdade.

Figura 5 – Meio de deslocação utilizado no trajeto Residência - Faculdade



Esta análise permite perceber que o meio de transporte utilizado terá, inevitavelmente, influência na forma como os estudantes veem a cidade. Sendo o autocarro o meio de transporte mais utilizado - 44% - pelos inquiridos para o trajeto em causa isto significará que as suas imagens e, posteriormente, nos seus mapas mentais, serão dominadas por referências espaciais e/ou físicas que se incluem nesse mesmo trajeto. Também se torna interessante quando nos deparamos com o facto da percentagem de Metro – 19% - estar muito próxima da percentagem da deslocação A Pé – 16%. Mas é na Viatura Própria que podemos encontrar eixos de análise interessante.

Reparemos que estamos perante uma população jovem, cerca de 22 anos, onde 15% se desloca da residência para a faculdade através de uma viatura própria. Isto poderá significar que quando nos depararmos com os mapas mentais estamos perante duas potenciais hipóteses: por um lado, as referências espaciais serão escolhidas consoante o trajeto do autocarro; por outro, devido ao facto de se deslocarem a pé a riqueza do detalhe será maior.

O arquiteto Avelino Oliveira¹³, numa conferência intitulada de “Mobilidade Urbana como elemento chave no desenvolvimento territorial” professada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto¹⁴ (2016), apresenta dados que vão de encontro aos apurados pelo inquérito. É esmagadora a percentagem que o automóvel possui nos fluxos da área metropolitana do Porto, nomeadamente cerca de 62,4% movimentos pendulares. Como vimos no caso dos estudantes, também é significativa a preponderância que o automóvel/viatura própria possui apresentando-se como um meio em franca expansão.

Mas é capital enredarmos a nossa discussão abordando a preponderância do Autocarro enquanto meio de transporte que representa, segundo Avelino Oliveira, 62,5% dos movimentos pendulares da AMP. Isto deve-se, em seguimento da utilização do Metro, com a expansão do cartão ANDANTE para diversos meios de transporte. Se por um lado a linha STCP desempenha um papel cabal na cidade do Porto e nos seus municípios fronteiriços, como o caso de Matosinhos, Maia, Gaia e Gondomar, é certo que muitos operadores privados – que estabelecem a ligação à restante AMP – beneficiam com a utilização do ANDANTE. Neste sentido Oliveira (2016) acredita que o mesmo é o cartão da mobilidade do momento, permitindo conectar diferentes cidades e facilitando os movimentos pendulares entre as mesmas.

4.2. O simbólico da cidade: elementos para reflexão

Inspirados por alguns inquéritos policopiados em situação de trabalhos académicos, fomos levados a questionar quais as memórias que os indivíduos associam

¹³ Secretário Metropolitano da Comissão Executiva Metropolitana do Porto

¹⁴ Conferência no âmbito da iniciativa “Ciclo de Conferências Mestrado em Sociologia 2015/2016” no dia 26 de abril de 2016, contando com a participação do arquiteto Paulo Castelo Branco.

à cidade, nomeadamente a monumentos, ruas, espaços e zonas em concreto. Estes nichos da cidade foram referidos quando lhes foi pedido a zona favorita da cidade e as memórias que advêm dessas mesmas escolhas. Contudo, e como referido anteriormente no início da nossa análise, estes dados ilustram uma aproximação já que a amostra não é representativa da realidade em análise. É interessante verificar que o Porto é notoriamente uma cidade perfeitamente definida em termos de sentidos e relações com o espaço. Não é por acaso que no caso das Ruas as memórias são associadas ao foro emocional/afetivo. Pelo sentido que a Rua ocupa no quotidiano dos seus habitantes e transeuntes, pelos usos que lhes atribuímos e pela relação íntima que as mesmas partilham connosco. Mas também lugares perto do mar e do rio despertam memórias emocionais e afetivas, como é o caso da Foz, Miragaia e Ponte D. Luíz. Lugares permeados por diferentes apropriações, por verdadeiros apaixonados, pela capacidade de contemplar e refletir, pela imensidão que nos consome e nos permite perceber que o Porto é rio, mar, praia, sol, chuva, vento, água e terra. Atentemos à Estação de S. Bento, pela sua componente emocional e afetiva igualmente. Lugar de chegadas e partidas, onde o coração aperta e se solta em diferentes momentos.

Quadro 8 – Memórias Associadas à cidade pelos Inquiridos¹⁵

| Memórias Associadas à Cidade | | | | | |
|-------------------------------------|-------------------|------------------------------|-------------------|---------------------|-------------------|
| Monumentos/Edifícios | | Ruas/Espaços | | Zonas | |
| Torre dos Clérigos | Lazer | Galerias de Paris | Lazer | Sé | Lazer |
| Palácio de Cristal | Lazer | Jardim das Oliveiras | Lazer | Antas | Infância |
| Piolho | Lazer | Miradouro da Vitória | Lazer | Boavista | Infância |
| Ponte D. Luíz | Emocional/Afetiva | Rua das Flores | Emocional/Afetiva | Campo Alegre | Lazer |
| Estação S. Bento | Emocional/Afetiva | Rua do Almada | Emocional/Afetiva | Vitória | Emocional/Afetiva |
| Serralves | Lazer | Rua de Santa Catarina | Emocional/Afetiva | Cedofeita | Emocional/Afetiva |

¹⁵ Estes resultados representam apenas uma aproximação na medida em que não foi possível realizar testes estatísticos mais finos.

| | | | |
|----------------------------------|----------------------------|------------------|-------------------------------|
| Quarteirão das Carmelitas | Emocional/Afetiva | Miragaia | Emocional/Afetiva |
| Baixa | Lazer Emocional/Afetiva | Cordoaria | Emocional/Afetiva |
| Ribeira/Centro História | Lazer | Foz | Emocional/Afetiva Infância |

As zonas de Lazer são dominadas por lugares marcantes da cidade, como é o caso de espaços culturais e/ou propícios a tempos livres, nomeadamente a Torre dos Clérigos, Palácio de Cristal, Piolho e Serralves. O Campo Alegre surge igualmente como lugar de lazer efetivamente pela sua forte componente académica e, por inerência em parte, pela componente praxística. Por sua vez, as zonas ou espaços em que são associadas memórias relacionadas com a infância são, nomeadamente, Antas e Boavista. Provavelmente por serem zonas residenciais, onde os estudantes cresceram e passaram grande parte da sua infância. Contudo, podemos perceber até agora que o Porto é uma cidade que no universo simbólico dos indivíduos se configura como um espaço de lazer mas, por outro lado, marcadamente palco de memórias emocionais e afetivas. Se recuperamos os escritos de Júlio Dinis, Vasco Graça Moura e Eugénio de Andrade¹⁶ verificamos uma analogia com os resultados obtidos no que toca ao romantismo do qual a cidade é palco e do sentimentalismo contagiante e propagador. A cidade do Porto é, como todas as cidades, alvo de expressões na maioria das vezes desenvolvidas e perpetuadas pelo senso comum. Com a intenção de conhecermos superficialmente se as expressões “Os habitantes do Porto são tripeiros.” e “Porto trabalha, Coimbra estuda, Braga reza e Lisboa diverte-se” fazem ainda parte do universo simbólico da cidade questionamos os inquiridos em dois momentos: primeiramente se conhecem as expressões; e seguidamente se as mesmas se adequam ao Porto de hoje. Curiosamente em 108 inquiridos 94 conhecem as expressões. Quando questionados sobre o facto das mesmas se adequarem ao Porto de hoje verificamos que 46 inquiridos responderam que Sim. É interessante de verificar que estando perante uma população jovem, maioritariamente do curso de Sociologia, continuam a acreditar que tais expressões se adequam ao Porto de hoje. Mas não devemos descurar o fato do pendor

¹⁶ Ver subcapítulo 1.2.

histórico que os resultados também nos oferecem, o que certamente influencia a resposta em questão.

Quadro 9 – Conhece as Expressões? Expressões adequam-se ao Porto de hoje?

| Conhece as Expressões: | | Expressões Adequam-se ao Porto de Hoje? | |
|---|-----|---|-----|
| a)“Os habitantes do Porto são tripeiros.” | | Sim | Não |
| b)“Porto trabalha, Coimbra estuda, Braga reza e Lisboa diverte-se.” | | Sim | Não |
| Sim | Não | 46 | 48 |
| 94 | 14 | 94 | |
| 108 | | | |

Mas debrucemo-nos sobre os resultados obtidos referentes, respetivamente, à zona favorita, às palavras associadas e às personalidades mais importantes da cidade do Porto. É importante frisar que não procedemos a uma distinção clara entre conceitos – imagens, representações, semânticas e memórias -, apesar de termos sempre presente a sua diferença. Posto isto, cabe-nos referir que expressões como memórias e imagens são simultaneamente usadas referindo-se, por vezes, a situações similares.

Dado que estávamos perante um universo de 108 inquiridos em que nas três primeiras questões foram pedidas cinco referências – zona, palavras e personalidades – optou-se por apresentar os resultados em nuvens de palavras. Esta forma permite uma apresentação não exaustiva dos dados, maior dinamismo e movimento. Devemos, contudo, ter em consideração que o universo representativo corresponde a uma leitura das imagens, representações, memórias e semânticas dos estudantes da FLUP pelo que, como iremos ver, influencia o resultado e permite perceber que a frequência dos cursos tem peso na forma como vemos a cidade. Sabemos *à priori* por estudos sociológicos que a formação académica é uma das variáveis que molda a forma como vemos a realidade social, bem como a interpretamos. Antes de procedermos a análise mais detalhada gostaríamos de explicar que a leitura da nuvem de palavras se procede da seguinte forma: as palavras mais referidas são aquelas que se destacam pelo tamanho que apresentam, sendo assim sucessivamente.

A **Figura 6** dá conta das zonas favoritas mais referidas pelos inquiridos. É perceptível que existem entre 4 a 5 zonas dominantes no imaginário simbólico da cidade do Porto, sendo por isso identificáveis como elementos importantes para os inquiridos.

Destacámos, desde logo, a supremacia da Baixa face aos demais. É interessante verificar que a baixa não perdeu protagonismo como alguns textos nos dizem mas tenhamos em atenção que o mesmo conceito aglomera diferentes perceções pelo que o território do mesmo é de difícil delimitação. Como seria de esperar a Ribeira surge-nos igualmente como elemento dominante da paisagem simbólica da cidade. É, sem margem de dúvida, um elemento marcante da cidade, desde o fator tradição até ao fenómeno de turistificação. É mundialmente reconhecida como património e isso acarreta em si mesmo a explicação da escolha. Mas atentemos que também a Foz se destaca nesta nuvem de palavras. Lugar onde o rio e o mar se encontram, propicio para memórias emocionais e afetivas como a anterior **Quadro 8** nos referia. Podemos afirmar que o centro histórico que compreende os Aliados, o rio, a ribeira e todo o percurso fluvial até ao mar (foz) se encontra bem presente no universo simbólico dos inquiridos e é, sem dúvida, um lugar de eleição para os mesmos.

Figura 6 – Zonas favoritas referenciadas pelos inquiridos



Se estabelecermos uma ponte para a **Figura 7** conseguimos dar conta que o fator Rio se encontra igualmente presente tanto na mesma palavra como em relação à palavra Ponte. Isto deve-se ao facto de ser um elemento dominante da cidade, elo de ligação com outras margens e elemento histórico de contatos vinícolas com o Douro.

Figura 7 – Palavras associadas à cidade pelos inquiridos



Visualmente há três palavras que dominam a nuvem: rio, invicta e história. Não será por acaso que logo de seguida somos atraídos pelas palavras “Douro, Vinho, FCP, Cultura, Ponte, Casa, Turismo e Francesinha”. Parece que conseguimos quase (re)contar a história da cidade à luz da história. Aliás, como afirmamos no começo desta dissertação, a mão da história é fulcral para o entendimento da cidade e da sua leitura simbólica. Ainda que obviamente característica dos estudantes da FLUP, a cidade é marcadamente histórica, encabeçada pelo seu rio e eternamente invicta. Afirmam a sua posição, a sua demarcação face às demais. Existe essa necessidade. Por conseguinte, o rio liga-nos ao Douro, passado, presente e futuro vinícola, as trocas comerciais, e a eterna ligação com o mundo rural que Rio Fernandes tão majestosamente nos refere no seu artigo (2016) quando nos diz que o Porto se demarca das demais cidades pela capacidade que tem em lutar em duas frentes: as pontes para o futuro, com internacionalização; e a solidificação de uma história e passado glorioso com o mundo rural. Mas se também é rural, também é internacional. Verifiquemos a importância do turismo, uma cidade considerada como melhor destino europeu em 2014, lugar de referência a nível europeu. E a eterna Francesinha. Amada por muitos, pecado da gula, tipicamente portuense. Apela-nos ao olfato e ao paladar.

Ainda que não o mais referido nesta questão, o FCP – Futebol Clube do Porto – ganha relevo no panorama simbólico da cidade. Acreditamos que faz parte da história da cidade, quase como que um acompanhamento da sua evolução ao longo dos anos. É interessante de verificar que algumas das respostas dadas neste inquérito vão de encontro às que Fortuna e Peixoto (2000) concluíram no seu estudo.

Figura 8 – Personalidades associadas à cidade pelos inquiridos



Devemos assumir os questionamentos e comentários que fomos fazendo ao longo da nossa investigação e, dado a etapa em que nos encontrávamos (análise e tratamento dos dados), foi com grande admiração que visualizamos pela primeira vez esta nuvem de palavras (**Figura 8**). Esta nuvem corresponde às personalidades mais associadas à cidade do Porto, ou seja, o grau de importância que as mesmas possuem para os inquiridos. Atentemos que estamos perante uma população com uma média de 22 anos. Ao verificarmos a nuvem damos conta de personalidades marcantes em vários quadrantes da sociedade, destacando-se quatro grandes figuras: Pinto da Costa – desporto -, Rui Moreira – político -, Almeida Garrett – literatura - e Siza Vieira - arquitetura. É curioso quando damos conta que estamos perante respostas numa lógica mais intelectual. Verifiquemos até os nomes menos referidos como Guilhermina Suggia, Adolfo Casais Monteiro, Nasoni, Camilo Castelo- Branco. Não é por acaso que nos encontramos numa faculdade de letras onde a literatura, a arte, a filosofia e a história são marcantes e, como tal, dominam igualmente o campo simbólico, imaginário e semântico dos indivíduos. Pinto da Costa surge em primeiro lugar, quase numa lógica de seguimento da nuvem de palavras correspondente à **Figura 7** onde o FCP ganha igualmente relevo. Logo de seguida Rui Moreira e a importância que o mesmo possui para os jovens. Inovador, criativo, ativo e publicamente assíduo, cultiva a sua imagem e esse vetor tem, naturalmente, peso no universo simbólico dos mais jovens. Mas Almeida Garrett é sem dúvida interessante pois expõe literalmente o sentido desta investigação na medida em que nos apercebemos que estamos perante uma amostra própria de uma faculdade de letras. E Siza Vieira, pelas obras que o mesmo criou e

concebeu, levando o nome do Porto e de Portugal além-fronteiras. Carlos Fortuna influenciou em parte significativa a construção do inquérito e, como tal, acreditamos que devemos assumir a sua influência na nossa investigação. Como refere a dado momento no seu artigo inspirado pelos escritos de Walter Benjamin, mais do que conhecer a cidade é ter a capacidade para perder-se nela (Fortuna, 1995). Nesse sentido optamos por questionar os inquiridos se alguma vez se perderam na cidade e que sentimento experienciaram durante essa experiência. De acordo com o **Quadro 10** podemos constatar que 61 inquiridos já se perderam na cidade e são os homens que mais se perdem na medida em que na nossa população os mesmos se encontram em desvantagem numérica (35 de 108). Já o **Quadro 11** dá conta da relação existente entre o curso/formação dos inquiridos e o sentimento experienciado aquando o momento em que se perderam na cidade. Este cruzamento de variáveis permite perceber que existe uma relação que sedimenta a nossa hipótese relativa à influência que o curso/formação possui nos elementos que constituem o universo simbólico dos estudantes sobre a cidade.

Quadro 10 – Já se sentiu perdido na cidade?

| Já se sentiu perdido na cidade? | | |
|---------------------------------|-----|-----|
| Sexo | Sim | Não |
| Masculino | 22 | 13 |
| Feminino | 39 | 33 |
| Total | 61 | 46 |

Podemos desde logo constatar que estamos perante três grupos distintos que, por conseguinte, experienciaram diferentes sentimentos aquando o momento em que se perderam na cidade: por um lado é frequente em cursos como História e Património, Tradução e Serviços Linguísticos, Estudos Portugueses e Lusófonos e Línguas Aplicadas experienciam sentimentos de índole mais negativa, ou seja, nomeadamente Confusão e Pânico. No entanto cursos como Sociologia, Arqueologia, Ciências da Comunicação, Ciências da Informação, Ciências da Linguagem, Cultura e Artes, Filosofia, Geografia, História e Línguas, Literaturas e Culturas experienciam sentimentos que ligam o Prazer e a Liberdade à perda na cidade. Por fim, cursos como Design de Comunicação e Engenharia experienciaram a Tranquilidade no momento em que se perderam na cidade. Isto permite-nos perceber que o facto de nos perdermos na

cidade não significa necessariamente que tem de ser algo negativo. Pode, como os dados mostram, tornar-se numa experiência única, numa oportunidade de (re)descoberta da cidade e dos seus recantos e encantos. Na verdade, parece que o Porto abre portas a que nos percamos nele, sentindo prazer e liberdade num espaço onde o edificado se amontoa de forma quase harmoniosa

Quadro 11 – Cruzamento entre Curso e o Sentimento vivido aquando a perda

| Sentimento Vivido durante o momento em que se perdeu* | | | |
|---|--------------------|--|----------------------|
| Licenciatura | | Mestrado | |
| Sociologia | Liberdade/Prazer | História e Património | Confusão |
| Arqueologia | Liberdade | Português Segunda/Língua Estr. | Liberdade |
| | | Sociologia | Prazer/Tranquilidade |
| Ciências da Comunicação | Liberdade/Prazer | Tradução e Serviços Linguísticos | Confusão |
| Ciências da Informação | Liberdade | Turismo | Liberdade |
| Ciências da Linguagem | Prazer | *Considerou-se para este efeito o sentimento mais referido pelos inquiridos. | |
| Cultura e Artes – Multimédia* | Liberdade | | |
| Design Comunicação* | Tranquilidade | | |
| Engenharia* | Tranquilidade | | |
| Estudos Portugueses e Lusófonos | Confusão/Segurança | | |
| Filosofia | Liberdade | | |
| Geografia | Liberdade | | |
| História | Confusão/Prazer | | |
| História de Arte | Liberdade/Confusão | | |
| Línguas Aplicadas | Confusão/Pânico | | |
| Línguas, Literaturas e Culturas | Liberdade | | |

4.3. A cidade, os prémios e as suas apropriações

Na análise que aqui apresentamos acreditamos que é igualmente importante perceber, através de algumas dimensões concretas, a importância e a relevância que a cidade do Porto desperta nos inquiridos. Nesse sentido e através do inquérito por questionário elaboramos um conjunto de questões que se inserem no domínio da apropriação da cidade resultando nos dados que seguidamente analisaremos. O **Quadro 12** que se segue apresenta uma avaliação feita pelos inquiridos em sete categorias sobre a cidade. Foram escolhidas as categorias que englobassem diferentes dimensões da

cidade, nomeadamente Turismo, Educação, Lazer, Transportes, Gastronomia, Cultura e Planeamento Urbano. Para esta avaliação foi utilizada a Escala de Likert na medida em que permite perceber a opinião dos inquiridos sobre as categorias em análise. Para esta escala foram utilizados cinco níveis de resposta que variam entre Pésimo e Muito Bom.

Quadro 12 – Avaliação da cidade em Categorias pelos Inquiridos

| Categorias | Escala | | | | | Total |
|--------------------|------------|------------|----------|-----|-----------|-------|
| | Pésimo | Insatisfaz | Satisfaz | Bom | Muito Bom | |
| | Frequência | | | | | |
| Turismo | 0 | 2 | 3 | 49 | 54 | 108 |
| Educação | 0 | 2 | 15 | 50 | 41 | 108 |
| Lazer | 0 | 2 | 5 | 48 | 53 | 108 |
| Transportes | 1 | 7 | 33 | 52 | 15 | 108 |
| Gastronomia | 1 | 3 | 5 | 33 | 66 | 108 |
| Cultura | 0 | 0 | 15 | 47 | 46 | 108 |
| Planeamento Urbano | 3 | 19 | 40 | 37 | 9 | 108 |

Numa análise geral a avaliação revelou-se bastante positiva. Em termos de frequência de resposta, as mesmas variam na sua maioria entre Bom e Muito Bom, com a exceção do Planeamento Urbano que se situa no Satisfaz, como podemos ver através da sinalização do **Quadro 12**. No entanto parece-nos fulcral apontar que no que diz respeito aos Transportes e ao Planeamento Urbano são as categorias que mais frequência negativa apresentam, nomeadamente no Pésimo e no Insatisfaz. Contudo, podemos afirmar que os inquiridos se encontram satisfeitos com a cidade o que nos faz acreditar que os prémios que lhe têm vindo a ser atribuídos coadunam com a perspectiva dos mesmos. Mas o Porto é também um espaço de atribuição de prémios em diversas áreas que não quisemos descurar. Acreditamos que para além de os mencionarmos devemos, também, perceber se os inquiridos os conhecem ou não. Desta forma conseguimos elaborar o **Quadro 13** que nos apresenta 6 prémios/reconhecimentos atribuídos/por atribuir (estando em concurso) à cidade: Centro Histórico do Porto – Património Mundial da UNESCO desde 1996; Melhor Destino Europeu 2014; Melhor Destino Romântico Secreto; Destino Gastronómico ano 2013; 1º Prémio no Festival Internacional de Filmes de Turismo 2012; Prémio Mundial de Inovação em Engenharia

de Pontes BERD-FEUP WIBE 2017¹⁷. Antes de tudo, podemos verificar que a cidade se destaca em diversas áreas como a historicidade, o turismo, gastronomia, cultura e a engenharia o que faz dela um espaço atrativo nacional e internacionalmente.

Quadro 13 – Prémios atribuídos ao Porto

| Prémios | Conheço | | Desconheço | | Total | |
|--|---------|-------|------------|-------|-------|------|
| | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Centro Histórico do Porto – Património Mundial da Unesco desde 1996 | 91 | 84,3% | 17 | 15,7% | 108 | 100% |
| “Melhor Destino Europeu 2014” | 99 | 91,7% | 9 | 8,3% | 108 | 100% |
| “Melhor Destino Romântico ‘secreto’” | 34 | 31,5% | 74 | 68,5% | 108 | 100% |
| “Destino Gastronómico ano 2013” | 38 | 35,2% | 70 | 64,8% | 108 | 100% |
| 1º prémio no Festival Internacional de Filmes de Turismo em 2012 | 17 | 15,7% | 91 | 84,3% | 108 | 100% |
| “Prémio Mundial de Inovação em Engenharia de Pontes BERD-FEUP WIBE 2017” | 22 | 20,4% | 86 | 79,6% | 108 | 100% |

De acordo com os dados registamos que os prémios mais conhecidos dos nossos entrevistados se concentram em dois: Centro Histórico do Porto – Património Mundial da UNESCO desde 1996 com 84,3%; Melhor Destino Europeu 2014 com 91,7%. Por outro lado os prémios menos conhecidos dos inquiridos são igualmente dois: 1º Prémio no Festival Internacional de Filmes de Turismo em 2012 com 15,7%; Prémio Mundial de Inovação em Engenharia de Pontes BERD-FEUP WIBE 2017 com 20,4%. Estes resultados devem-se ao facto dos dois primeiros prémios mais conhecidos terem sido alvo de divulgações em diversos meios de comunicação o que, inevitavelmente, contribui para um maior conhecimento dos mesmos. Por sua vez, é notório que o facto dos dois últimos prémios serem os menos conhecidos se deve à sua fraca visibilidade pública. Para percebermos de que forma os indivíduos se apropriam da cidade devemos procurar perceber quais as atividades mais executadas pelos mesmos. Nesse sentido procuramos estabelecer uma relação entre as atividades mais realizadas e o curso dos

¹⁷ Candidaturas ainda se encontram em aberto.

inquiridos o que nos levou a construir o **Quadro 14**.

Conseguimos perceber através de uma leitura macro que atividades como o Cinema e a Prática Desportiva não se verificam nos estudantes ou quando se verificam são reduzidas. Por outro lado é de salientar a preponderância da Fotografia como uma atividade em ascensão, bem como passear nas ruas e a vida noturna. Na medida em que estamos perante estudantes com idade média de 22 anos é notória a sua tendência para a frequência de espaços de fruição aqui identificados como vida noturna. Somos igualmente tentados a afirmar novamente que o facto de estarmos perante uma amostra de estudantes da FLUP os resultados tenderão a ser influenciados. Note-se que na quase totalidade dos cursos aqui representados se encontra em desuso passear em centros comerciais em prol de uma massificação de frequências de museus e exposições. Até a própria ida ao teatro se encontra aqui assumida contrariando a noção de uma atividade em vias de extinção.

Quadro 14 – Atividades realizadas na cidade pelos Inquiridos por Curso

| Atividades mais realizadas na cidade por Curso* | | | |
|--|--------------------------------------|--|----------------------------------|
| Licenciatura | Atividade | Mestrado | Atividade |
| Arqueologia | Fotografar Vida Noturna | Ensino de História | Ir a museus/exposições |
| Biologia* | Passear em centros comerciais | Estudos Literários, Culturais e Interartes | Ir ao teatro Vida Noturna |
| Ciências da Comunicação | Fotografar Ir a museus/exposições | Estudos Medievais | Ir ao cinema |
| Ciências da Informação | Passear nas ruas Vida Noturna | História e Património | Passear nas ruas Ir ao cinema |
| Ciências da Linguagem | Estudar | História, Relações Internacionais e Coop. | Vida Noturna Estudar |
| Cultura e Artes Multimédia* | Passear nas ruas | Linguística | Vida Noturna |
| Design Comunicação* | Ir ao teatro | Português Línguas Segunda/Língua Estr. | Passear nas ruas |
| Engenharia* | Vida Noturna | Sociologia | Passear nas ruas Vida Noturna |
| Estudos Portugueses e Lusófonos | Fotografar | Tradução e Serviços Linguísticos | Estudar |
| Filosofia | Passear nas ruas Fotografar | Turismo | Fotografar |
| Geografia | Vida Noturna Fotografar | *Considerou-se para os devidos efeitos as atividades mencionadas com maior frequência de resposta sendo, por isso, uma mera aproximação. | |
| História | Passear nas ruas Estudar | | |
| História de Arte | Ir a museus/exposições Fotografar | | |
| Línguas Aplicadas | Vida Noturna Estudar | | |

| | |
|--|----------------------------------|
| Línguas e Relações Internacionais | Fotografar |
| Línguas, Literaturas e Culturas | Passear nas ruas Estudar |
| Sociologia | Passear nas ruas Vida Noturna |

Os primeiros resultados a que a nossa investigação permitiu chegar forneceram um conjunto de interrogações interessantes que, em parte, são acompanhadas de possíveis respostas. Podemos assim afirmar que estamos perante um grupo de jovens estudantes, grande parte natural e residente da cidade do Porto e da AMP possibilitando um entendimento da cidade mais completo. A sua formação académica adquire aqui especial relevo pelo facto de contribuir na construção e apropriação da cidade e do seu universo simbólico. Isto torna-se visível nos resultados das nuvens de palavras, respeitantes às referências semânticas, personalidades e zonas preferidas da cidade. Verifica-se uma forte componente histórica, literária e cultural nas suas respostas, bem como nas memórias que lhes são associadas indo de encontro ao Porto literário de alguns autores abordados no capítulo 1.2.

A cidade permite que se percam nela, sem receios, experienciando momentos de prazer, liberdade e tranquilidade no meio da confusão. Abre portas para atividades que a permitem conhecer por dentro e por fora, desde fotografar e passear nas ruas, até à vida noturna e a ida a museus e a exposições. É o “Porto líquido” de Paulo Cunha e Silva que se encontra aqui representado, onde a cultura escorre pelas ruas e não deixa ninguém indiferente.

5 | A Imaginabilidade do Porto: a cidade no imaginário simbólico dos estudantes

" Decida quem você é, e a cidade mais uma vez vai assumir uma forma fixa ao seu redor. Decida o que ela é e a sua própria identidade será revelada". Jonathan Raban

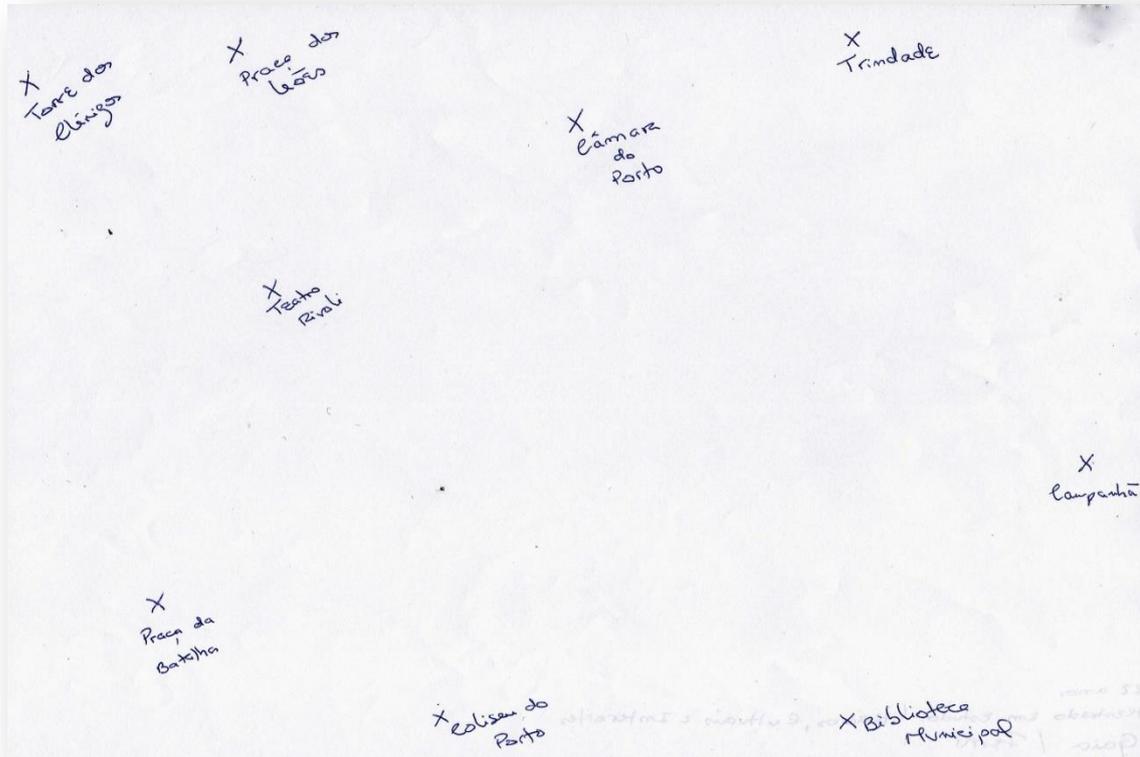
5.1. Discussão em torno dos mapeamentos mentais do Porto

No seguimento da nossa análise e posterior discussão dos dados provindos do inquérito por questionário, torna-se essencial perceber como se organiza a cidade, e que elementos essenciais fazem parte dela, no imaginário simbólico dos estudantes da FLUP. Desta forma apresentamos os mapas mentais tendo por base um enquadramento que assenta em variáveis como a idade, sexo, curso e naturalidade/residência (quando estas são diferentes). A posterior análise dos mapas permitiu chegar a 6 grandes tipologias que se distinguem pelo grau de detalhe, pela noção de espaço e de organização do mesmo e, ainda, pelos seus elementos constituintes. É de referir que em grande parte dos mapas ocorre uma ausência de caminhos (*paths*) devido ao facto dos estudantes se deslocarem, durante os trajetos urbanos, munidos de aparelhos tecnológicos (telemóveis, tablets, phones, entre outros) abstraindo-os da realidade que os rodeia.

Nesse sentido a noção de organização do espaço, ou falta dela, leva-nos ao primeiro grupo, do qual fazem parte os mapas mentais nº1 e nº2. Como podemos verificar este dois mapas sugerem que foram elaborados pelo mesmo participante mas a verdade é que não. Idades diferentes, sexos diferentes, mestrados diferentes mas uma coisa em comum: a zona de residência. Não acreditamos que tenha peso no resultado final do mapa mas torna-se curioso constatar uma quase nula noção do espaço. Verificase em ambos a ausência de *paths* (caminhos) mas uma preponderância significativa de marcos, como é o caso dos Clérigos, Palácio de Cristal, Estação de S. Bento, Biblioteca Municipal e o Teatro Sá de Bandeira e Rivoli. Mais uma vez os marcos presentes neste mapa vão de encontro aos resultados dos inquéritos quanto às referências patrimoniais. Atentemos que em ambos os mapas não foi referido o Teatro Nacional de São João. Outro facto importante é a tónica de organização do espaço sendo que neste caso não existe. Os elementos mencionados encontram-se dispersos no espaço quase como

atirados, sem ordem ou sentido entre si. Revela uma noção da cidade pouco harmoniosa e orientadora, um certo grau de desconhecimento da mesma. Se verificarmos também só o centro é que é representado, tal qual na maioria dos restantes mapas. O Porto é assim entendido como um lugar desorganizado, disperso no espaço e desligado entre si.

Figura 9 – Mapa Mental nº1



Dados

24 anos

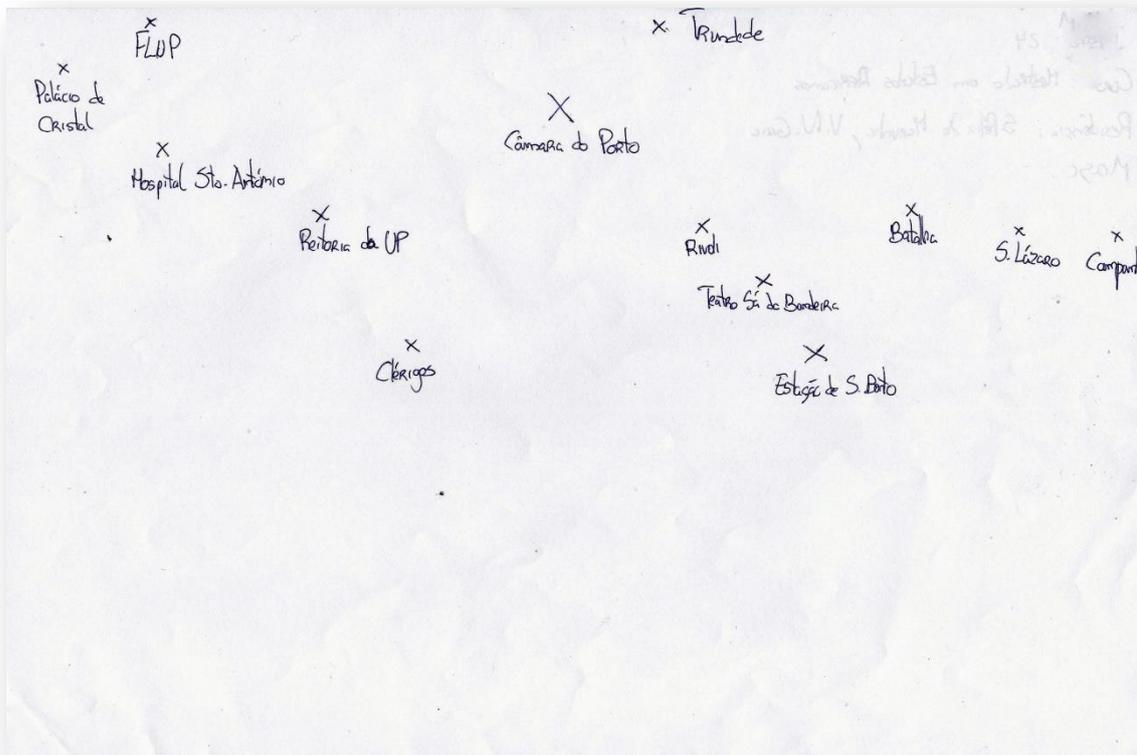
Masculino

Mestrado Estudos

Africanos

V.N.Gaia

Figura 10 – Mapa Mental nº2



22 anos

Feminino

Mestrado Estudos

Literários, Culturais e

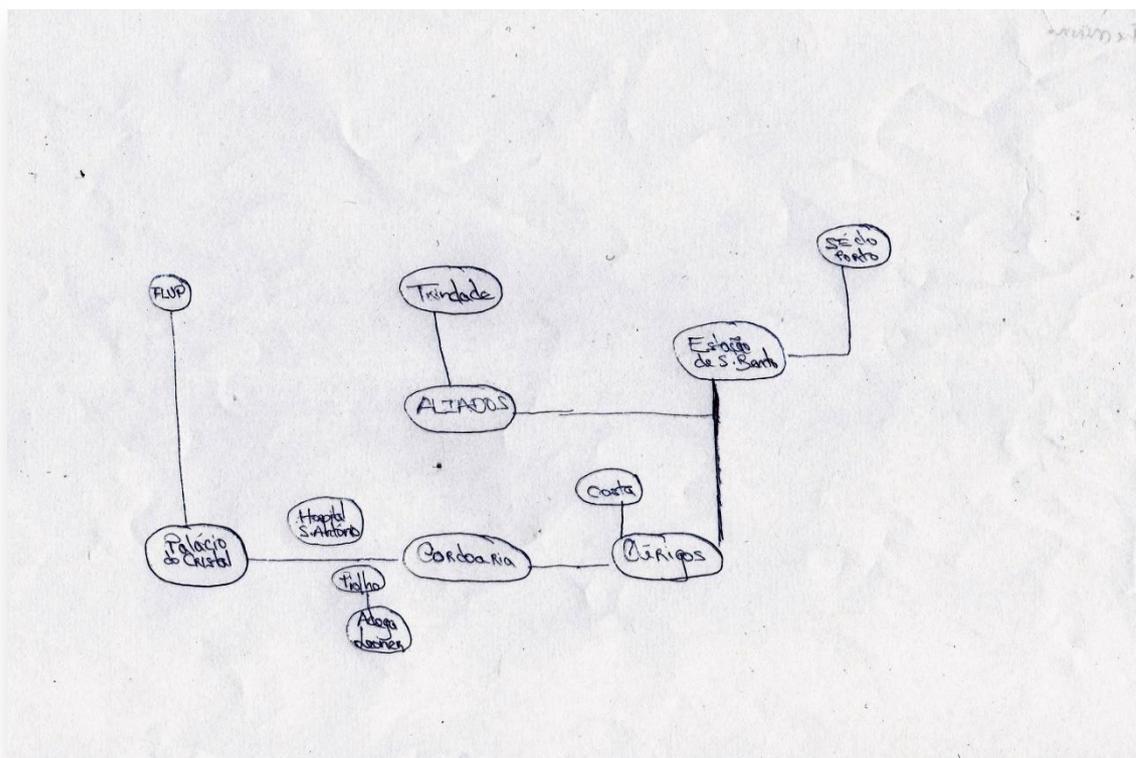
Interartes

V.N.Gaia

Nos mapas que seguidamente apresentamos verificamos desde logo uma evolução da noção de espaço e de organização da cidade. Os quatro mapas correspondem à participação de 4 estudantes – 2 da licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas e 2 da licenciatura em Ciência da Informação – que têm em comum entre si o facto de não residirem no Porto-cidade. Neste caso, são 3 estudantes do sexo feminino e 1 do sexo masculino, residentes em Gondomar, Penafiel, Maia e Ovar.

A análise dos mapas sugere-nos uma organização da cidade baseada em caminhos (*paths*) e em marcos importantes da mesma. Destacamos os Aliados e a Rua de Santa Catarina no caso dos caminhos que permitem aos indivíduos orientarem-se na cidade. No entanto é relevante percebermos que em todos os mapas as referências apontadas inserem-se no percurso do autocarro que se desloca do centro da cidade (baixa) até à zona da faculdade. Exemplo disso é a **Figura 11** onde nos é possível iniciar o percurso desde a estação de S.Bento, passando pelos aliados, subindo os Clérigos e cordoaria e, por fim, o Palácio de Cristal terminando na FLUP. No caso da **Figura 14** vemos que o autor do mapa se desloca para a cidade por via do comboio (vindo de ovar) na medida em que ocorre uma referência à ponte férrea (Ponte S. João) e à entrada na cidade pela via oriental, neste caso, a Estação Ferroviária de Campanhã. Também em todos os mapas os Clérigos assumem-se como um marco histórico e portador de memória da cidade por referência. No entanto, espaços de fruição artística e cultural, bem como marcos históricos da cidade, encontram-se presentes, como o Coliseu, Teatro S. João, Piolho, Carlos Alberto e Bolhão. É a cidade cultural a emergir. Aos olharmos atentamente para o mapa (**Figura 11**) numa posição sul-norte, temos a sensação de que o Porto aqui entendido é aquele que se desloca do centro para o lado ocidental da cidade, sem referência à zona oriental. Apenas a **Figura 14**, como já referimos, dá conta de uma pequena referência a Campanhã mas aqui apenas entendida como uma porta de entrada na cidade pois o restante mapa concentra-se, notoriamente, na zona centro e ocidental da cidade. No que se refere aos limites (*edges*) da cidade aqui patentes é notória a presença do rio Douro e da Margem Sul que corresponde à cidade de Vila Nova de Gaia, bem como a Campanhã. Neste sentido, a cidade é aqui entendida e organizada segundo os seus caminhos, marcos e limites. Damos conta de uma organização do espaço e de uma ordenação do mesmo mais cuidada e segura, ainda que apenas referente a uma pequena parte da cidade do Porto.

Figura 11 – Mapa Mental N°3



Dados

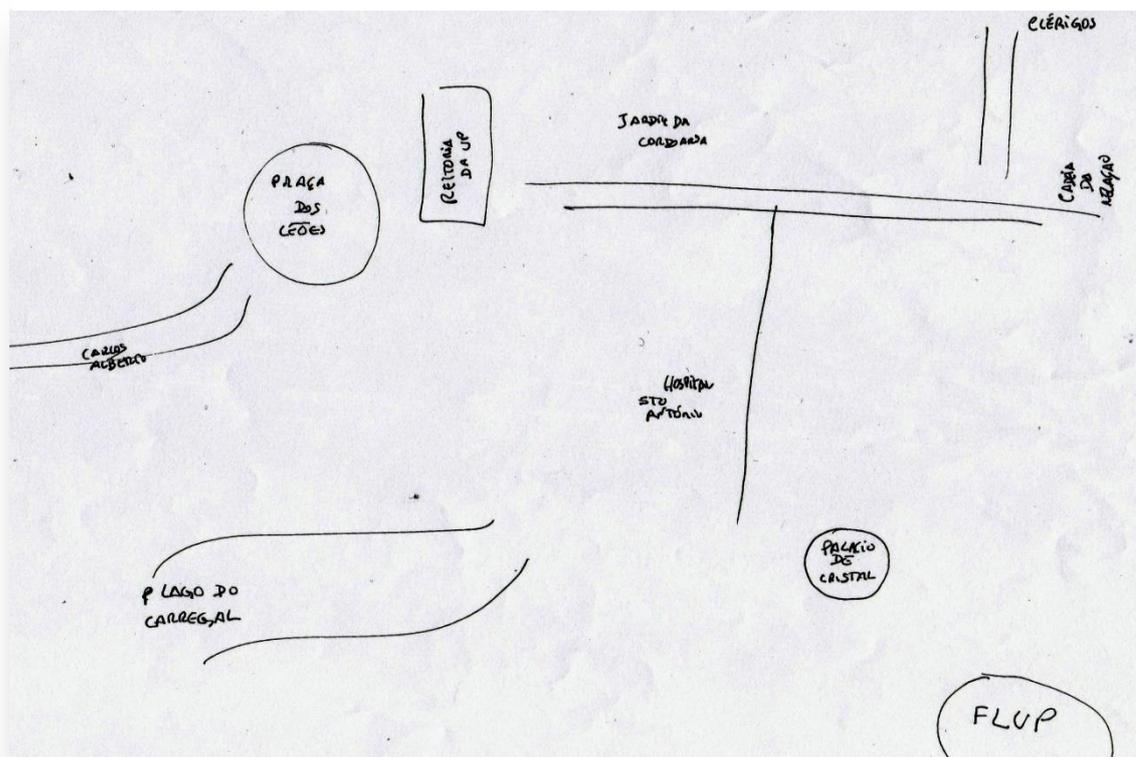
19 anos

Feminino

Licenciatura Ciência da Informação

Penafiel

Figura 12 – Mapa Mental nº4



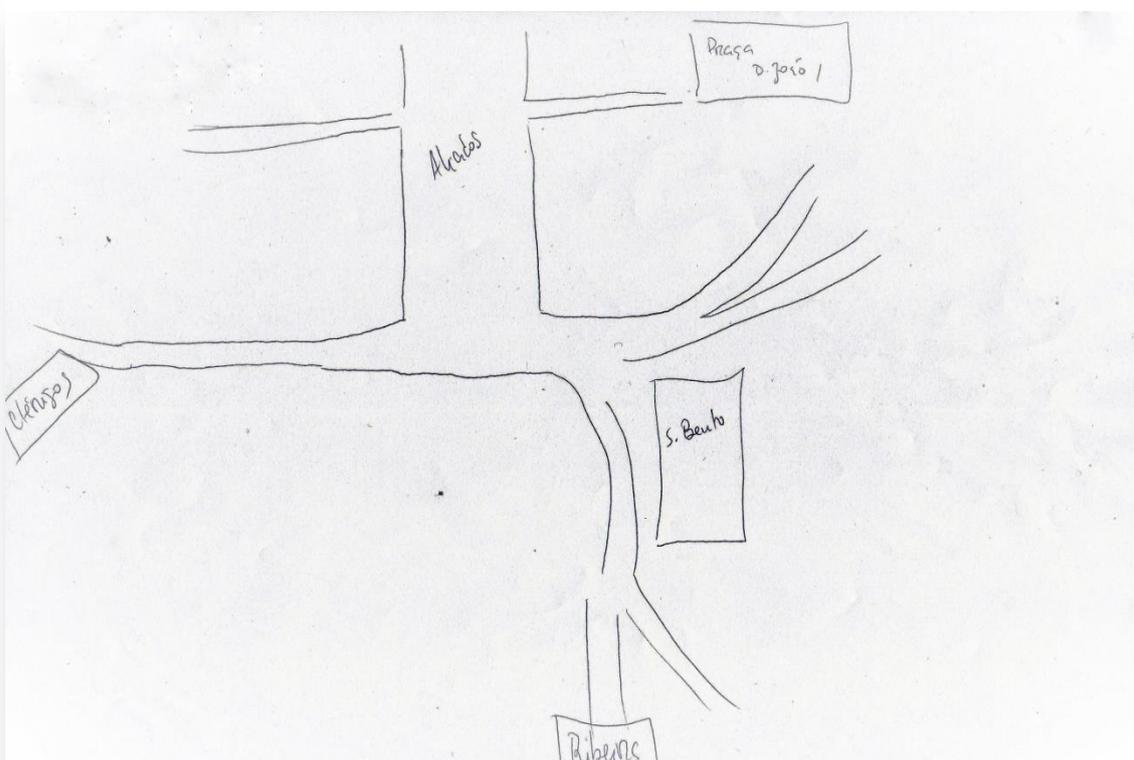
22 anos

Feminino

Licenciatura Línguas, Literaturas e Culturas

Gondomar

Figura 13 – Mapa Mental nº5



Dados

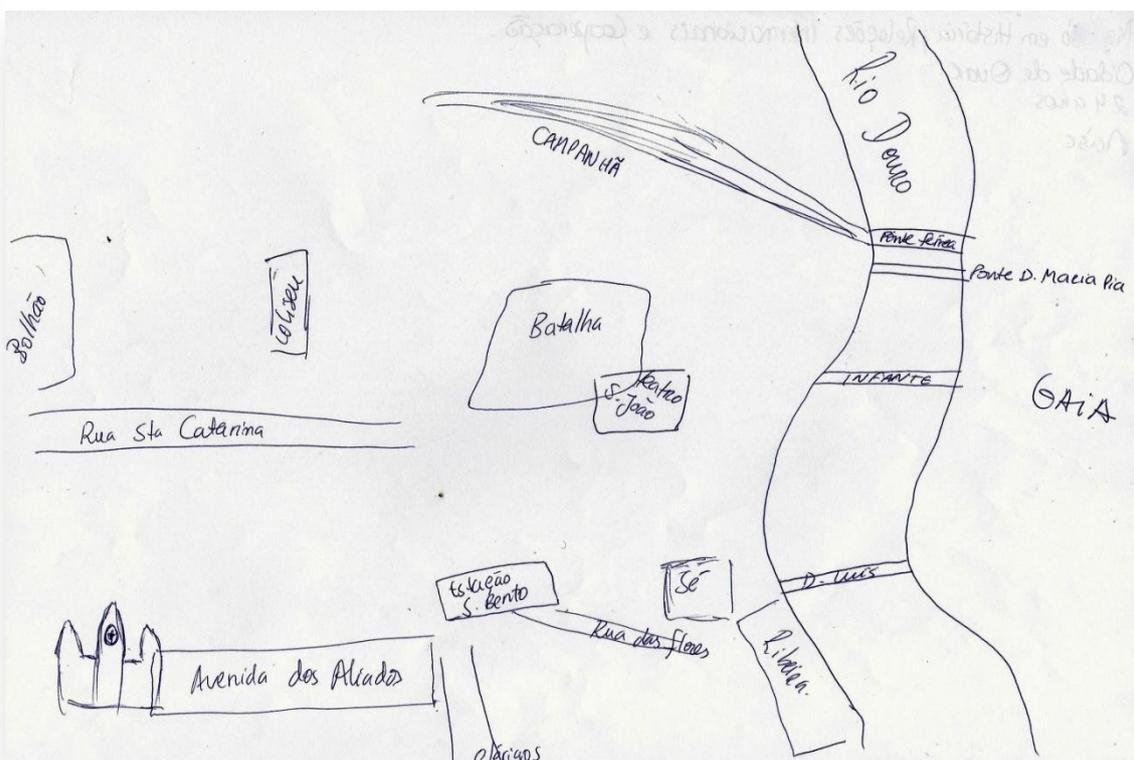
19 anos

Feminino

Licenciatura em Ciência da Informação

Maia

Figura 14 – Mapa Mental nº6



24 anos

Masculino

Mestrado em História, Relações Internacionais e

Cooperação

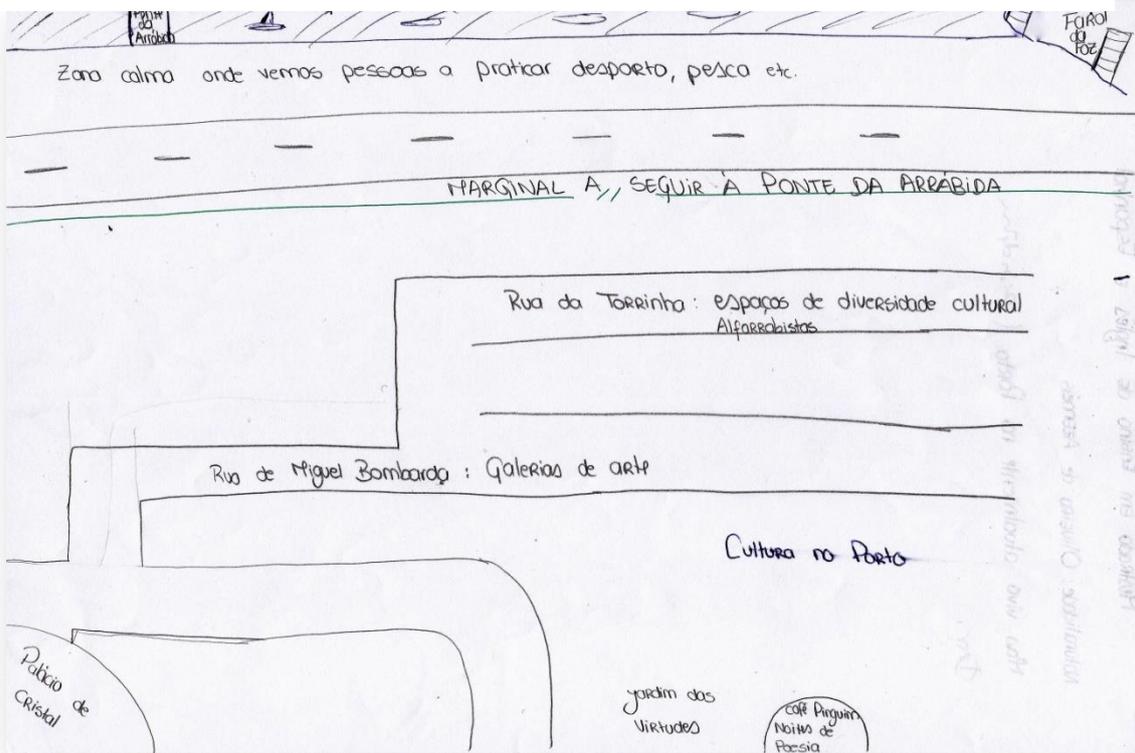
Ovar

O que une o terceiro grupo de mapas mentais que apresentamos em seguida é, essencialmente, o grau de detalhe e pormenor com que apresentam a cidade do Porto. Consegue-se perceber que conhecem a cidade, que se deslocam nela.

Os autores dos mapas são na sua totalidade do sexo feminino e apesar dos 4 não serem da cidade do Porto convidámos a desviar o olhar para a **Figura 17** correspondente ao mapa mental de uma estudante do mestrado em ensino de inglês e espanhol, oriunda de Oliveira de Azeméis mas que vive atualmente nas residências da FLUP. Aliás, olhando para o mapa em questão quase que nos posicionámos numa das janelas das residências e conseguimos ver a paisagem que a autora desenhou no papel. É uma imagem do Porto muito própria, muito ligada ao quotidiano da mesma. Até a descrição que a mesma faz da zona de Massarelos e que compreende a ponte da arrábida até à Foz destaca um outro porto não documentado nos restantes mapas. Outro elemento interessante neste mapa é a cisão que a autora cria a meio do mesmo onde desenha outro espaço da cidade do Porto, desta vez vocacionado para a vertente cultural e artística, espaços de fruição, como o caso da Rua da Torrinha ou da Rua Miguel Bombarda (*paths*). O pormenor do Café Pinguim, característico pelas noites de Poesia, na Rua de Belmonte. É um olhar sobre a cidade no seu lado mais ocidental, quase literário, fora dos espaços turísticos e históricos da baixa do Porto. E se olharmos agora para a **Figura 15** encontramos uma visão da cidade aproximada. Mas neste caso é da autoria de uma estudante Erasmus oriunda de Espanha que se encontra a viver no Porto. No entanto a mesma apresenta a cidade no seu lado ocidental, com a referência novamente à Rua da Torrinha, à Rua Miguel Bombarda e Rua do Rosário em sentido a Cedofeita. Zonas circundantes da FLUP que são espaços de apropriação de estudantes que não são da cidade e onde encontram espaços passíveis de estabelecerem relações mais intimistas. Os marcos da cidade também se encontram patentes neste grupo. O Bolhão e o Palácio de Cristal. Os Bairros (*districts*) aqui representados como a Ribeira. Os espaços de fruição cultural como o Teatro Nacional de São João, Rivoli e Coliseu. Os espaços comerciais literários como os Alfarrabistas e a Livraria Lello. Os limites da cidade são, como já é regra, o Rio Douro e, no extremo oriental, Campanhã – entendida na **Figura 16** como “Confins do Mundo” – como algo longínquo da esfera da cidade. Mas não devemos menosprezar que destes mapas fazem também parte elementos mais recentes da cidade e que importa referir (**Figura 18**). Elementos estes que se inserem na cidade e

no seu centro histórico e baixa harmoniosamente e que, por isso, importa reter como casos interessantes. Falámos do restaurante fast-food McDonald's, instalado em plena Praça da Liberdade no antigo café Imperial. Mantendo a fachada original, insere-se na linha arquitetónica da zona. Mas o Via Catarina, situado na Rua de Santa Catarina - espaço comercial típico da cidade – também aqui se assume como um centro comercial inserido na paisagem arquitetónica da cidade na medida em que a fachada original também se mantém.

Figura 17 – Mapa Mental nº9



Dados

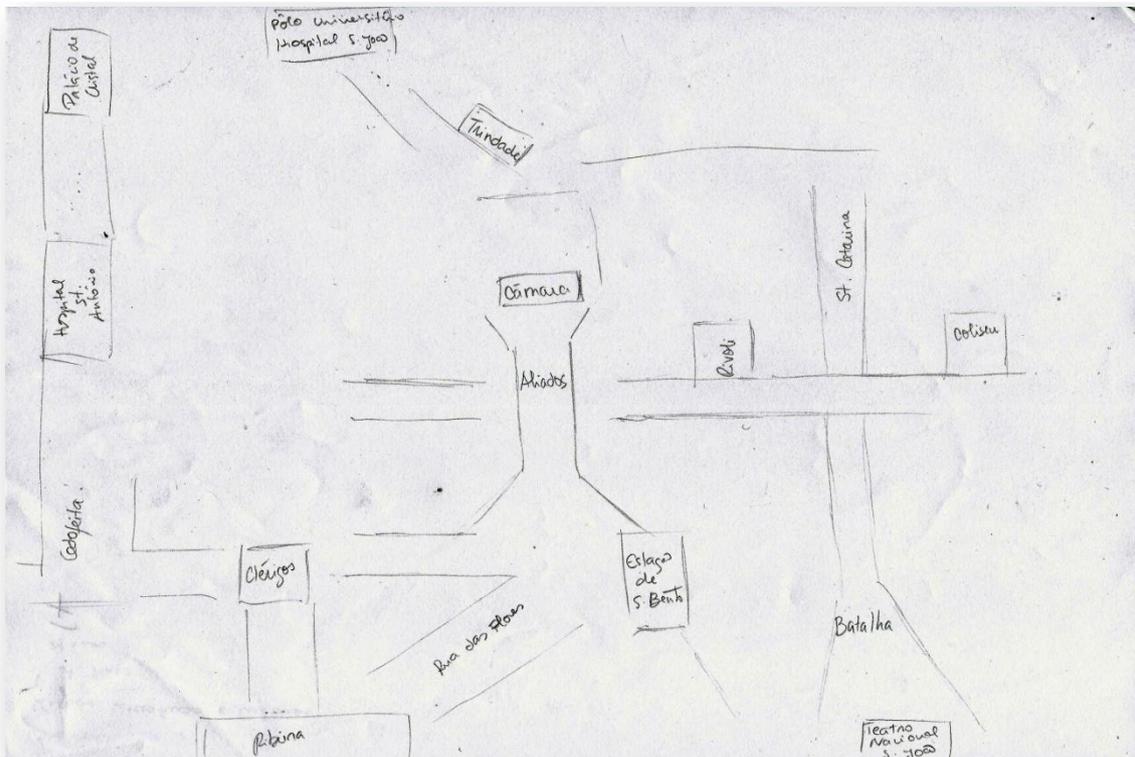
22 anos

Feminino

Mestrado Ensino de Inglês e Espanhol

Oliveira de Azeméis (Vive nas residências da FLUP)

Figura 18 – Mapa Mental nº10



21 anos

Feminino

Licenciatura Línguas, Literaturas e Culturas

St. Tirso

Mas o mapa que se segue (**Figura 19**) mereceu a nossa atenção redobrada pois apresenta uma noção da cidade em termos dos limites administrativos para a autora. Antes de mais, podemos comprovar que a imagem mental sobre o Porto é bastante alargada, já que na imagem se encontram referências a Matosinhos.

Verdade é também o grau de detalhe que a autora apresenta, evidenciando um conhecimento da cidade bastante familiar. O semicírculo que apresenta é a VCI – Via de Cintura Interna – importante elo de ligação para a cidade permitindo a sua comunicação interna, aqui entendida enquanto um nó (*node*) na tipologia de Lynch. No entanto, apercebemo-nos que em termos administrativos alguns elementos não fazem parte do Porto-cidade como é o caso do NorteShopping, Aeroporto Francisco Sá Carneiro, Porto de Leixões e do IKEA. Ao nível dos caminhos (*paths*) não são referenciados nenhuns mas, no entanto, os bairros (*districts*) são referidos como é o caso da Pasteleira e do Aleixo. Já em termos de marcos verificamos a existência da Torre das Antas, Câmara do Porto, Palácio de Cristal e, contrariando a regra, o Jardim Botânico e o Castelo do Queijo. Interessante é também de vermos que o Hotel Intercontinental já integra as referências simbólicas da cidade, tendo sido apenas inaugurado em 2011. No entanto, podemos constatar que se insere num espaço único da cidade, de frente para a Câmara Municipal do Porto e de braços abertos para os aliados. Como já foi referido no capítulo anterior, relativamente à mobilidade na cidade, neste mapa o Metro é nos referenciado segundo um “M” o que revela a importância deste transporte e o seu lugar no imaginário simbólico dos estudantes, sendo o cartão Andante o cartão da mobilidade do momento assegurando, para além da ligação interna entre os vários pontos da cidade, ligações com os municípios contíguos. Também a nível cultural apontámos o Coliseu como marco simbólico da cidade do Porto.

O que distingue este mapa dos restantes é a referência que é feita a elementos que não fazem parte do núcleo central da cidade, como é o caso do Campus São João e da zona da Foz, contrariando as imagens simbólicas apresentadas até então. É, desta forma, uma visão da cidade mais realista, mais concreta e, seguramente, mais administrativa, esquecendo embora a zona oriental da cidade, começando a ser uma tendência nos mapas que apresentamos até então.

como o limite (*edge*) da cidade a sul e, em termos de elementos icónicos e patrimoniais da cidade surge-nos a Torre dos Clérigos, a Estação de São Bento – este elemento é importante devido à frequência diária de estudantes que como na **Figura 20 e 23** vêm de Espinho e St. Maria da Feira – a Sé e a Muralha Fernandina.

Se atentarmos na **Figura 21** verificamos uma situação interessante. A imagem que se encontra representada não corresponde ao Porto mas sim a Vila Nova de Gaia como podemos ver relativamente às caves do vinho do Porto, ao teleférico e ao Mosteiro da Serra do Pilar. Esta situação leva-nos a três reflexões: uma primeira diz respeito à relação de proximidade entre a cidade do Porto e Vila Nova de Gaia, como cidades onde a fronteira administrativa não é visível aos olhos dos seus habitantes na medida em que a distância entre as duas margens é bastante reduzida quando comparada com o caso de Lisboa e Almada por exemplo; uma segunda remete-nos para a questão do vinho do Porto e às suas caves, associadas de imediato à cidade do Porto mas que se localizam na cidade de Vila Nova de Gaia; um terceiro ponto, relativamente à autora do mapa, mostra-nos que a imagem simbólica da cidade do Porto corresponde à paisagem que a mesma contempla quando se encontra na Ribeira, visualizando o cais de Gaia. Este mapa é interessante quando comparado com a **Figura 22**. Se repararmos, esta ilustração corresponde à vista da cidade do Porto do lado de Vila Nova de Gaia, evidenciando a paisagem que se consegue vislumbrar do cais de Gaia (tal como a **Figura 20 e 23**). Um elemento interessante desta imagem que lhe confere um toque especial materializam-se na referência aos estendais da cidade, característicos da mesma, fazendo parte da sua imagem mental. O que distingue estes dois mapas – **Figura 21 e 22** – é o facto da primeira dizer respeito a uma estudante residente na Maia (a norte da cidade do Porto) e a segunda a uma estudante de Vila Nova de Gaia (a sul da cidade do Porto). Posto isto, ambas apresentam a imagem da cidade do ponto em que se encontram construindo desta forma o seu imaginário simbólico. A análise deste grupo veio dar corpo à hipótese que considera a variável residência como determinante na forma como construímos o mapa mental simbólico da cidade, alicerçada nas experiências do quotidiano, do passado e do presente, pelas emoções que possuímos por locais e lugares específicos. Mas é também notório que o curso dos três mapas – **Figura 20, 21 e 23** – que correspondem a Mestrados com vertente ensino sentem uma necessidade de desenhar a cidade como se de um desenho se tratasse distinguindo os mapas dos demais apresentados.

Figura 20 – Mapa Mental nº12



Dados

23 anos

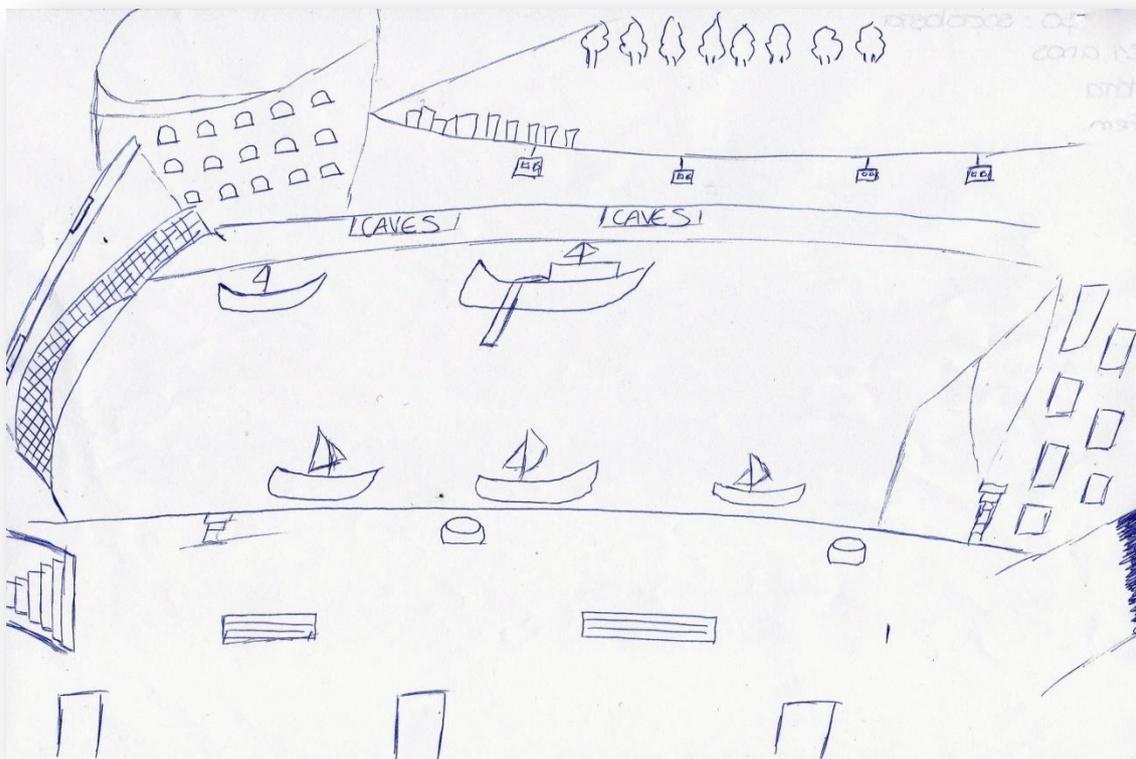
Feminino

Mestrado Ensino de

História

Paramos, Espinhos

Figura 21 – Mapa Mental nº13



21 anos

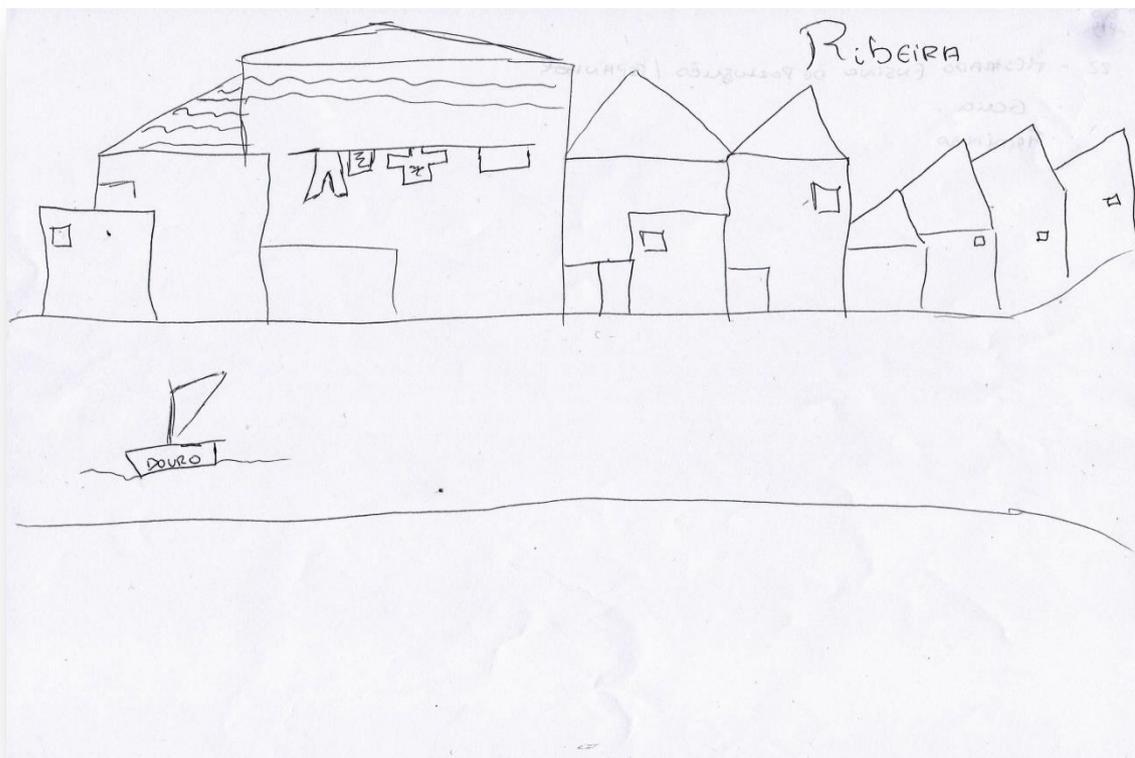
Feminino

Licenciatura

Sociologia

Maia

Figura 22 – Mapa Mental nº14



Dados

22 anos

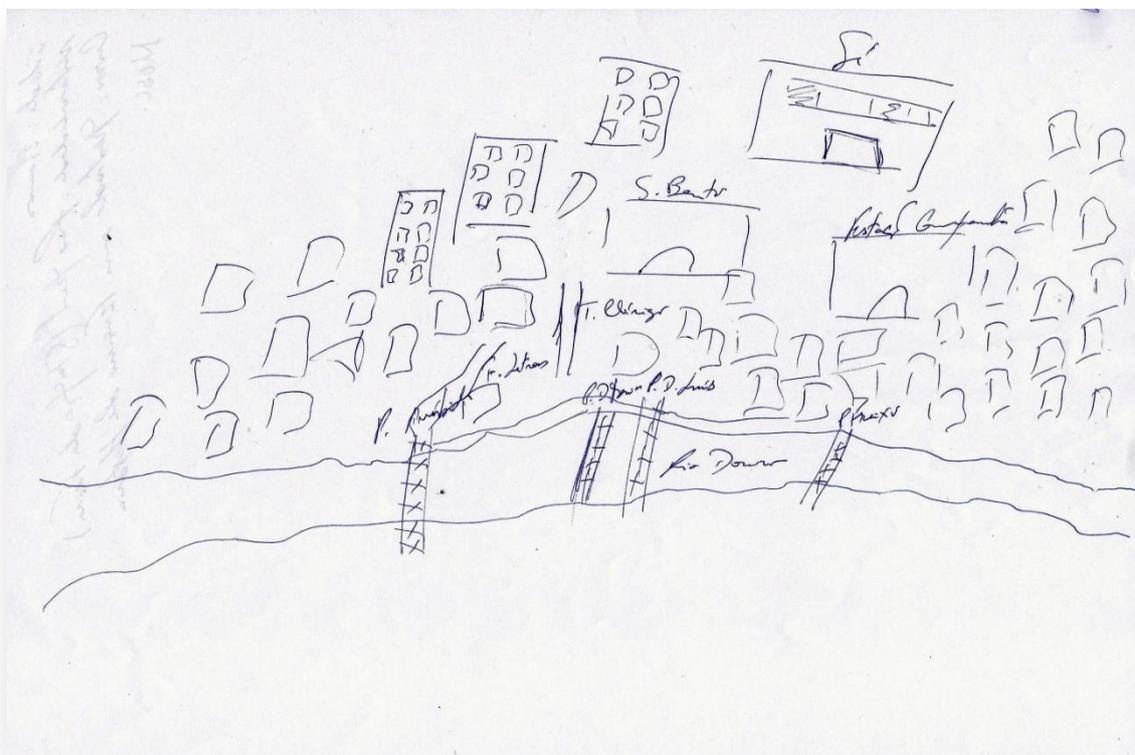
Feminino

Mestrado Ensino

Português/Espanhol

V. N. Gaia

Figura 23 – Mapa Mental nº15



23 anos

Masculino

Mestrado Ensino

História

St. Maria da Feira

Os mapas que se seguem foram propositadamente selecionados para serem os últimos. Isto deve-se ao facto de para além de representarem a cidade do Porto, se encontrarem igualmente presentes frases ou pequenos comentários a lugares que no imaginário simbólico destes três estudantes merecem menção.

Estes três mapas correspondem a três estudantes do sexo feminino: uma estudante da licenciatura em Sociologia, uma do Mestrado em Sociologia e outra estudante Erasmus da Licenciatura em Línguas e Relações Internacionais. O primeiro mapa (**Figura 24**) é referente à estudante da licenciatura em Sociologia, natural e residente da cidade do Porto, representando a cidade através de um prisma voltado para a denúncia e crítica social. Ainda de forma pouco organizada, a cidade encontra-se representada pela zona da FLUP e pela zona de Massarelos dando destaque a espaços e lugares que até então não foram referidos como é o caso da antiga lota de peixe do arquiteto Januário Godinho. Mas a essência deste mapa reside, como já foi referido, na denúncia e nas expressões utilizadas. Se atentarmos na zona dos Aliados vemos que a mesma não se encontra denominada pelo seu nome mas sim pelos elementos que dela fazem parte como o caso dos bancos e dos hotéis. Também a zona das faculdades de Arquitetura e Letras são aqui mencionadas, referindo que esta última se encontra “de costas para o rio” e que no espaço que compreende a zona onde esta se encontra e Massarelos existe “pobreza”, “vazios”, “caminhos de tristeza” e “caminhos de alegria”. É a cidade dual que tanto ouvimos falar, de um Porto díspar povoado por indivíduos diferentes. Mas também refere a existência de “lazer” e “cultura” no mesmo espaço. Vemos até agora, e como os mapas anteriores também nos referem, que o Porto é um espaço notoriamente reconhecido pelos seus eventos culturais e pelas suas práticas de lazer, aos olhos dos estudantes da FLUP. Por fim vejamos a zona de Miragaia, representada no canto central direito, até agora nunca referenciada e tida aqui como um espaço de esquinas. Neste mapa os caminhos (*paths*) são pouco explícitos. Vemos que são referidos os caminhos da tristeza e da alegria mas sem menção a nomes verdadeiros de ruas ou lugares. No que se refere a marcos ou monumentos vemos o Palácio de Cristal, a Torre de Clérigos (ainda que apenas desenhada) e a antiga lota de peixe de Massarelos. Quanto aos limites (*edges*) conseguimos perceber que mais uma vez o rio assume aqui a sua importância bem como a ponte da arrábida (muito pouco referida nos outros mapas). Interessante é de apontar que no canto inferior direito se encontra um

grande plano de Cedofeita, disperso no espaço físico da cidade. Mas também repleto de imagens, representações, semânticas e memórias se encontra o mapa que corresponde à **Figura 25** que corresponde a uma estudante de Mestrado em Sociologia, residente em Vila Nova de Gaia. A cidade do Porto encontra-se representada em todas as suas vertentes, marcada pela tradição e pela história, emoldurada pela música do Rui Veloso “Porto Sentido” e marcada pelo “frenesim da cidade” numa das suas entradas que corresponde à Via Panorâmica. A análise do mapa obriga-nos a um olhar atento e minucioso, identificando elementos importantes na cidade como o elétrico em Massarelos, o casario da ribeira, os jovens que se atiram, em dias de verão, para a piscina do douro, os aglomerados urbanos, nunca referenciados até então, espaços estigmatizados da cidade onde alguns não ousam entrar, as ondas e o mar, igualmente pouco ou nada referido, elemento marcante da cidade. A nível de simbolismos e memórias, atentemos à Estação de São Bento, aqui denominada de “A chegada, A Partida”, espaço de sentimento e a referência a um casal em frente a mesma. O comércio é Santa Catarina, “o coração verdade da cidade” é o parque da cidade, também nunca referido até agora, “os pregões” é o Bolhão, o “Outrora de Cristal” referindo à transformação do Palácio de Cristal no Pavilhão Rosa Mota, os Clérigos e o “Oriente esquecido... ou não”.

Denota-se uma referência e ligação histórica à cidade muito próxima e intensa, conhece-se e deixa-se perder nela como se a cidade fosse dela e ela fosse da cidade. Expõe a nu as suas referências espaciais, as suas representações sobre os espaços e lugares atribuindo-lhes nomes “próprios”, as suas imagens são marcantes e revestem-se de significado na medida em que nos fazem viajar por um Porto que nós é igualmente muito próximo.

Quanto aos limites (edges) da cidade vemos que o rio Douro se encontra aqui representado como limite a sul da cidade, a oeste o parque da cidade e a oriente e norte os bairros camarários. Os marcos mais evidentes são a Torre dos Clérigos, o Palácio de Cristal, a Camara do Porto, a Estação de São Bento e o Bolhão. No que se refere aos caminhos (*paths*) vemos a rua da Vitória, a rua das Flores, a rua Mouzinho da Silveira, os aliados e a rua de Santa Catarina. É por isso um mapa extremamente completo e representativo de uma cidade diversificada e plural.

Figura 26 – Mapa Mental nº18



Dados

22 anos

Feminino

Licenciatura Línguas e

Relações

Internacionais

(ERASMUS)

Alemanha

O último mapa segue a linha do anterior na medida em que atribui à cidade e aos seus espaços representações e semânticas sobre os mesmos. No entanto, o mapa correspondente à **Figura 26** diz respeito a uma estudante Erasmus da licenciatura em Línguas e Relações Internacionais, natural de Alemanha.

Desde logo verificamos que se trata de uma cidade do Porto voltada para o lado ocidental da mesma, ou seja, dos Aliados até à Foz. Os espaços dominantes do mapa correspondem a espaços de lazer da zona ocidental da cidade do Porto como é o caso de Serralves, Parque da Cidade e, curiosamente pela primeira vez referido, a praia da zona da Foz. É interessante de verificar que a referência à praia apenas ocorreu num mapa mental de uma estudante não portuguesa. Outros elementos interessantes devem-se, em parte, à referência à Casa da Música como espaço cultural e musical aqui representado com as notas musicais. Também a própria FLUP representada pelos estudantes trajados exemplifica a tradição e a importância da mesma no imaginário simbólico do Porto. A nível de caminhos (*paths*) apenas encontramos referência à Avenida da Boavista como elo de ligação do centro à Foz. Em relação a marcos da cidade vemos a Estação de São Bento, a Ribeira (bairro/*districts*), o Palácio de Cristal – representado pelos seus jardins

e não pelo edifício -, a Torres dos Clérigos e os Aliados. Em relação aos limites destacámos o rio Douro e a duas pontes – Arrábida (esquerda) e D. Luíz (direita) – e o parque da cidade a dividir a cidade do Porto e Matosinhos.

Este mapa dá conta de uma cidade marcada pelo percurso de uma estudante Erasmus, que se desloca nos espaços próximos da FLUP, relacionando-se com a cidade de uma forma intensa para alguém que não é originário da mesma. A cidade atrai os estudantes internacionais pela diversidade de opções de fruição que disponibiliza aos mesmos.

Notas conclusivas e Pistas em aberto para um outro Porto

“...como a cidade partilhada, onde nos cruzamos...É a tão íntima hospitalidade «tripeira» que nos convida a entrar e a sentir a sua cidade.” (Pereira, 2012b).

E num *bater de asas* a nossa investigação terminou, por agora. Movidos por uma intensa paixão pela cidade, pela vontade desmesurada de a conhecer e nos perdermos nela levou, sem margem de dúvida, a elegê-la com objeto de investigação. Também o contato com Carlos Fortuna e o seu jeito de escrever peculiar e envolvente impulsionou que o gosto pela cidade e pelos seus meandros se tornasse mais evidente, e a vontade de sentirmos na pele e de muitas vezes nos colocarmos (ou tentarmos) na de um *flâneur* permitiu que esta investigação fosse realizada. A conceção de espaço na ótica de Lefebvre e Soja, o perder-se na cidade de Walter Benjamin, a sensibilidade de Simmel e a capacidade *descristalizadora* de Paulo Peixoto e Carlos Fortuna das paisagens da cidade foram, sem dúvida, alicerces essenciais nesta viagem. Permitiram, para além de entender a cidade, aprender a saber movermo-nos nela, como funciona, como se configura e reconfigura. Mas também destacámos a importância da pesquisa literária, muito orientada pelos escritos do Professor Doutor Gaspar Martins Pereira, apaixonado pelo cidade e que nos seus textos e conferências nos guia através de um Porto que balança entre o real e imaginário. Devemos por isso perceber que antes de elencados os objetivos que iriam nortear esta investigação foi discutida várias vezes a pertinência deste trabalho e o seu contributo para um melhor conhecimento e entendimento da cidade. Ora, por via de discussões informais entre orientadora e orientando percebemos que o Porto se assume, de antemão, como uma cidade marcada por mudanças significativas no pós virar do milénio, mais propriamente com a realização da iniciativa Porto-2001. Esta iniciativa contribuiu, em muito, para uma revitalização identitária da cidade, numa internacionalização da mesma e numa melhoria significativa da oferta disponível em espaços públicos e semipúblicos. Sem querer sustentar a decisão somente tendo por base vontades e desejos emocionais e apreço pelos trabalhos realizados, fomos movidos por uma interrogação inicial: *Quais as imagens, representações, memórias e semânticas que são atribuídas à cidade do Porto pelos estudantes da FLUP?*

Percebemos com a pesquisa documental em trabalhos já realizados, dentro e fora

da Sociologia, que o Porto era alvo de apropriações e de estudos sobre as suas imagens e representações, sobre o seu simbolismo e, pela mão de obras literárias, fomos remando pelo rio que nos trouxe até aqui. Como Burmester nos dizia logo no início desta investigação “Perceber é conhecer através dos sentidos. Perceber o espaço em que vivemos faz-nos compreender a melhor forma de nele intervir.” (Burmester, 2010) e isto esteve sempre presente ao longo deste trabalho materializando-se nas questões introduzidas no inquérito e nos próprios mapas mentais que, embora visuais, exprimem os sons, os aromas e o paladar que se fazem sentir em cada recanto da cidade.

Mas devemos por agora centrar as nossas conclusões nos resultados obtidos para assim darmos relevo a todo este trabalho. O facto de estarmos perante estudantes de uma Faculdade de Letras levou-nos a perceber que a formação académica e o ambiente estudantil têm peso na forma como os estudantes constroem o universo simbólico da cidade. Os resultados obtidos mostraram-nos uma cidade com um pendor histórico e literário relevante, um pouco distanciado da visão turística e mais próxima de uma cidade romântica de autores como Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, Eugénio de Andrade e Vasco Graça Moura comprovando a veracidade da primeira hipótese formulada que evidenciava o peso do curso e da formação. Contudo é também um Porto internacionalizado, mundial, atração turística, palco de prémios e de reconhecimentos, cosmopolita e orgulhoso do seu ADN.

É uma cidade que convida a passear nas suas ruas, a conviver em espaços de fruição, espaços culturais e de lazer. Comprova-se que a cidade líquida de Paulo Cunha e Silva se fez e faz cumprir atraindo os estudantes a usufruir dos seus espaços. Mas também é uma cidade de figuras políticas, históricas e literárias como Rui Moreira, Almeida Garrett e Pinto da Costa. Às ruas e lugares junto do rio/mar são atribuídas memórias emocionais e afetivas e a lugares marcantes e memoráveis da cidade os estudantes atribuem memórias de lazer. Os estudantes perdem-se na cidade, experienciam sentimentos diversos entre o prazer e o pânico. Nos movimentos na cidade e para fora da cidade o Andante é o cartão que representa mobilidade e o carro o seu concorrente, permitindo que as imagens e representações associadas se insiram nos percursos realizados permitindo ir de encontro a uma outra hipótese relativa à importância que a forma como os estudantes se deslocam detêm na leitura que os mesmos fazem sobre a cidade. Mas também os mapas mentais nos permitiram perceber

e corroborar as hipóteses de que a zona de residência dos inquiridos e a zona onde se encontra a FLUP molda a forma como os mesmos recriam a cidade no seu imaginário simbólico. Principalmente o local onde a FLUP se encontra permite um contato muito próximo com zonas envolventes sendo que as mesmas foram referenciadas nos mapas na sua maioria, sendo a paisagem dominante o território que compreende a baixa e a zona do campo alegre. A primeira por ser um espaço de lazer e central onde muitos estudantes entram no autocarro ou metro com destino à faculdade. A própria atividade praxística, referida por alguns, leva a que a zona envolvente da faculdade seja explorada e daí advém a referência a espaços próximos como o caso da rua da torrinha. Mas também é notório que em estudantes Erasmus ou que residem na faculdade o seu grau de pormenor aumenta igualmente em espaços circundantes à mesma. Ainda a nível dos mapas mentais destacamos o valioso contributo em que se tornaram, desconstruindo os receios e dúvidas que antecederam à sua aplicação. Foi através dos mesmos que conseguimos ler a cidade aos olhos dos estudantes, através das suas lentes interpretativas da mesma. Olhares diferentes que variam consoante algumas variáveis, sendo as mais determinantes o curso e a residência. Vemos que estudantes de Sociologia atribuem à cidade uma componente crítica e de denúncia social, atribuindo a alguns espaços determinadas expressões e referências; por outro lado, os estudantes de mestrado em Ensino concebem a cidade numa lógica mais de imagem visual, ou seja, quase como se posicionam-se num local onde vislumbrem a paisagem portuense; os estudantes de línguas, literaturas e culturas visualizam a cidade quase como uma imagem área tendo sido essa a dominante. Mas a nível da residência também existem diferenças na medida em que a relação com a cidade aumenta/diminui variando grau de detalhe sobre a mesma.

Percebemos que o Porto é partilhado, na sua generalidade, como uma cidade voltada para a história e para a cultura, uma cidade que é vivida e apropriada pelos estudantes. É também uma cidade com uma facilidade de *imaginabilidade* poderosa pois os espaços próprios e característicos como a Casa da Música, a Estação de São Bento e a Ribeira assim o permitem. É também passível de *legibilidade* pois verifica-se que existe uma capacidade de organização do espaço da cidade na maioria dos mapas através da orientação em pontos estratégicos. É, por si só, um Porto que se multiplica em vários *Portos*. E se assim é, deve-se ao facto de a cidade se construir

simbolicamente por elementos referenciais aos indivíduos criando um Porto em cada Nós.

Contudo, temos de ter em linha de conta que muito ficou por fazer ou dizer, abrindo pistas para um estudo mais alargado e possivelmente comparativo, se seguirmos na linha das representações da comunidade académica, com outras faculdades/universidades da cidade. O que esta investigação evidenciou é que os estudantes são um poderoso meio para a conhecer pois a sua heterogeneidade revela-se em diferentes formas de apropriação da mesma. Teria sido importante ter conseguido um maior número de respostas do inquérito, bem como a insistência em aplicá-lo em papel.

Sabendo que as páginas se esgotam e que muito ficou por dizer, tomamos a liberdade de terminar com esta frase que tão bem emoldura o Porto que ficamos a conhecer: “Se o Porto cidade-central e cidade multimunicipal é, hoje, um espaço aberto ao mundo, é também uma cidade de bairros tradicionais e de “portuenses da gema” que vão resistindo. É, ainda, uma cidade saudavelmente provinciana na forma como se liga ao Minho e ao Douro na paisagem e na cultura e é, está claro, uma cidade orgulhosa do seu carácter.” (Fernandes, 2016:28).

Bibliografia

ALMEIDA, António Vitorino (1987) – “O Som da Cidade.”. *Povos e Culturas*, 2, p.563-569.

AMARAL, Luís Carlos e DUARTE, Luís Miguel (1985) – “Os Homens que pagaram a Rua Nova: Fiscalização, Sociedade e Ordenamento Territorial no Porto Quatrocentista”. *Separata da Revista de História*, Centro de História da Universidade do Porto [em linha]. Vol. VI, p.7-96. [Consult. 5 outubro 2015]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9468/2/5866000066120.pdf>

BAUDELAIRE, Charles (1997) - *Sobre modernidade: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra*. ISBN 85-219-01984

BENJAMIM, Walter (2001) – “Paris, capital do século XIX”. “. In FORTUNA, Carlos (org) - *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-80-27-78-8.Cap. 3, P.67-82

BLUMER, Herbert (1969) - *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall. ISBN 0-520-05675-2

BRANCO, Camilo Castelo (2015) – *Amor de Perdição*. Porto Editora. 978-972-0-04961-2

BURMESTER, Alexandre (2010) – “Mapa Sensorial do Porto”. **a Baixa do Porto** [em linha]. [Consult. 7 outubro 2015]. Disponível em: <http://portoantigo.taf.net/dp/node/6578>

CAMPENHOUDT, Luc Van e QUIVY, Raymond (1992) – *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva. ISBN 972-662-275-1

CASALEIRO, Paula e QUINTELA, PEDRO (2008) - “As paisagens sonoras dos centros históricos de coimbra e do porto: um exercício de escuta.” In *VI congresso português de sociologia* [em linha]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. p. 1-13. [Consult. 24 outubro 2015]. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/127.pdf>

CLETO, Joel (2016) – “Lendas numa cidade líquida”. *O Tripeiro*. 7ª série, nº1, p.20-22. ISSN 0041-3070

CRESWELL, John W. (2007) – *Research Design*. Califórnia: SAGE. ISBN 978-1-4129-6556-9

DE ANDRADE, Eugénio (1993) – *A cidade de Garrett*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade. ISBN 2100004416789

DE ANDRADE, Eugénio (2011) – *Poesia – Eugénio de Andrade*. Modo de Ler. ISBN 9789898364173

DE ANDRADE, Eugénio (2013) – *Os Afluentes do Silêncio*. Assírio & Alvim. ISBN 978-972-37-1704-4

DINIS, Júlio (1948) - *Uma família inglesa*. Livraria Simões Lopes

FERNANDES, José Alberto Rio e VASCONCELOS, Pedro de Almeida (2002) – “Porto e Salvador: as proximidades de dois percursos urbanos distintos”, *O Tripeiro* [em linha]. 7.ª série, n.º 8, p. 228-254. [Consult. 15 outubro 2015]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo12481.pdf>

FERNANDES, José Alberto Rio (2004) – “ A cidade, os municípios e as políticas: O caso do Grande Porto”. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [em linha]. Nº13, p.227-251. [Consult. 2 outubro 2015]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo12471.pdf> ISBN 0872-3419.

FERNANDES, José Alberto Rio (2016) – “ A cidade cosmopolita”. *O Tripeiro*. 7ª série, nº1, p.26-28. ISSN 0041-3070

FERNANDES, António Teixeira (1992) – “Espaço social e suas representações”. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [em linha]. Vol. II, Série I, p. 61-99. [Consult. 2 outubro 2015]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6661.pdf>. ISSN 0872-3419.

FERREIRA, Claudino (2003) – “Os grandes eventos e a cultura em Portugal: sobre os Impactos culturais da Expo’98 e os Públicos do Porto 2001”. *Revista Crítica de*

Ciências Sociais [Em linha]. Nº67, p.135-142. [Consult. 26 março 2016]. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1219>

FORTUNA, Carlos (1998) – “Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos”. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [em linha]. Nº 51, p.21-41. [Consult. 8 outubro 2015]. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=666>.

FORTUNA, Carlos e PEIXOTO, Paulo (2000) – “As novas e as velhas imagens das cidades: um olhar sobre a transformação identitária de cinco cidades portuguesas”. In *IV congresso português de sociologia* [em linha]. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. p. 1-22. [Consult. 8 outubro 2015]. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462deae230d68_1.PDF

Fortuna, Carlos. (Org.) (2001) - Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia (2ª ed.). Oeiras: Celta Editores.

GIDDENS, Anthony (1991). As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp.

GUERRA, Paula (2002) – *A Cidade na Encruzilhada do Urbano – Algumas modalidades de relação e um estudo de caso acerca do processo de recomposição social e espacial do tecido urbano portuense na década de 90*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Mestrado em Sociologia.

GUICHARD, François (1994) – *O Porto no século XX*. Porto: Porto Editora

HALBWACHS, Maurice (2006) – *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro

LEFEBVRE, Henri (2006) - *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

LOPES, João Teixeira (1999) – “Do Porto romântico à cidade dos centros comerciais: breve viagem no tempo”, *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [em linha], v. IX, 1ª série, p. 27- 61. [Consult. 10 outubro de 2015]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1467.pdf>. ISSN 0872-3419.

LOPES, João Teixeira, BAPTISTA, Luís Vicente e COSTA, António Firmino da (2003) – “Nas rotas da cidade”. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [Em linha]. Vol. XIII, p.123-130. [Consult. 26 março 2016]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8441.pdf>

LOPES, João Teixeira (2007/2008) - “Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público.” *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* [em linha]. Vol. XVII/XVIII, Série 1, p. 69-80. [Consult. 5 outubro 2015]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5508.pdf>. ISSN 0872-3419.

LOPES, Paulo Moreira (2014) – “Sete perguntas a Bruno Monteiro”. *Correio do Porto* [em linha]. [Consult. 18 outubro 2015]. Disponível em: <http://www.correiodoportop.pt/7-perguntas/sete-perguntas-a-bruno-monteiro>

LYNCH, Kevin (1960) – *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70. ISBN 972-44-0379-3.

MELA, Alfredo (1999) - *A sociologia das cidades*. Lisboa: Editorial Estampa. ISBN 972-33-1390-1

MONTEIRO, Bruno (2012) - *A política em todos os seus estados: génese e estruturação da mobilidade política no patronato, na intelectualidade e no operariado portuenses na segunda metade do século XX*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em Sociologia.

MOREIRA, Sara Marques (2012) – “Paula Guerra trouxe o Porto para a Sé”. *Canal Superior*. [em linha]. [Consult. 17 outubro 2015]. Disponível em: <http://informacao.canalsuperior.pt/cooltura/14045>

OLIVEIRA, António (2013) - “O Porto é só uma maneira de me refugiar na tarde”. *Babilónia - Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, América do Norte* [em linha]. Nº12, p.77-83. [Consult. 21 outubro 2015]. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/view/4108/2806>

OLIVEIRA, Avelino e BRANCO, Paulo Castelo (2016) – “Mobilidade urbana como elemento chave no desenvolvimento territorial”. *Ciclo de Conferências Mestrado em Sociologia*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PEREIRA, Gaspar Martins e SERÉN, Maria do Carmo (1994) – “O Porto Oitocentista”. In RAMOS, Luís A. de Oliveira (coord) — **História do Porto**. Porto: Porto Editora, p. 378-521.

PEREIRA, Gaspar Martins (1997) – *No Porto Romântico, com Camilo*. Porto: Casa de Camilo/”O Progresso da Foz”.

PEREIRA, Gaspar Martins (2011) – “As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX”. In SANTOS, Carlota (coord) – **Família, Espaço e Património**. Porto: CITCEM, p.477-493.

PEREIRA, Gaspar Martins (2012a) – “O Porto no Imaginário Literário de Vasco Graça Moura.” In LEÃO, Isabel Ponce de; BARROSO, Eduardo Paz (org.) — *Vgm: cinquenta anos de vida literária de Vasco Graça Moura. Aliás: uma homenagem*. Porto: Modo de Ler, p. 56-69.

PEREIRA, Gaspar Martins (2012b) – “Poemas do Porto de Vasco Graça Moura. Prefácio a MOURA, Vasco Graça” — *Visto da Margem Sul do Rio o Porto*. Porto: Modo de Ler, p. 11-15.

PEREIRA, Virgílio Borges (2005) – “Breves apontamentos sociais sobre a reconfiguração do centro na cidade do Porto”. *Separata de: UPorto: Revista dos Antigos Alunos da Universidade do Porto* [em linha], n.º 17, setembro de 2005, p. 20-21. [Consult. 17 outubro 2015]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14190/2/VPereiraUporto000156742.pdf>

PEREIRA, Virgílio Borges (2011) - "A política de habitação do Estado e os seus efeitos sociais no Porto contemporâneo: uma perspectiva sintética e panorâmica". In Santos, Carlota (Coord.), *Família, Espaço e Património*. *CITEM* [em linha]. p. 547-564. [Consult. 13 outubro 201]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10717.pdf>

QUEIRÓS, João (2013) - " Precariedade habitacional, vida quotidiana e relação com o Estado no centro histórico do Porto na transição da ditadura para a democracia". *Análise Social* [em linha]. V.48, nº 206, p. 102 - 133.[Consult. 7 outubro 2015]. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_206_d02.pdf. ISSN 0003-2573.

RÉMY, Jean e VOYÉ, Liliane (2004) – *A cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento. ISBN 972-3z6-0331-4

ROUANET, Sérgio Paulo (1992) - “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”. *Revista USP. Dossiê Walter Benjamin* [em linha]. v.1, n.º 15, p. 49 -75. [Consult. 19 outubro 2015]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25668>

SIMMEL, Georg (2001[1903]) – A metrópole e a vida do espírito. In FORTUNA, Carlos, org. – *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-774-121-5. Cap.1. p.31-43

SILVA, Augusto Santos (2007) – “Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro”. *Sociologia, Problemas e Práticas* [Em linha]. Nº54, p.11-33. [Consult. 25 março 2016]. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n54/n54a02.pdf>

SILVA, Célia Taborda (2012) – “A Alteração do Espaço e Quotidiano cidadão: o Operariado do Porto Oitocentista.”. *Babilónia* [em linha]. Nº12, p. 23-36. [Consult. 2 outubro 2015]. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/viewFile/4103/2801>

SOJA, Edward D (2000) – *Postmetropolis. Critical Studies of Cities and Regions*. USA: Blackwell Publishers Ltd. ISBN 1-55718-000-3

VIDAL, Diogo G. (2015) – “Sons da cidade – uma revisão das paisagens sonoras de Carlos Fortuna”. *Plataforma Barómetro Social* [em linha]. [Consult. 20 outubro 2015]. Disponível em: <http://barometro.com.pt/archives/1409>. ISSN 2182-1879.

VIDAL, Diogo G. (2016) – “Deambulando pelo Porto: notas introdutórias para uma Sociologia do Quotidiano”. *Revista Café com Sociologia* [em linha], v.5, número 1, p. 7-10. [Consult. 13 junho 2016]. Disponível em: http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/512/pdf_1

VILAÇA, Helena (1991), “Associativismo urbano e participação na cidade”, *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras do Porto* [em linha] , série 1, p. 175-85. [Consult. 1 dezembro 2015]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3081.pdf>

WIRTH, Louis (2001[1938])- "O urbanismo como modo de vida". In FORTUNA, Carlos (org) - **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia**. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-80-27-78-8. Cap. 2, p. 45-6

Anexos

1. Cronograma de Pesquisa

| Etapa da Investigação | Mês | | | | | | | | | |
|---|-----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | S | O | N | D | J | F | M | A | M | J |
| 1) Escolha do tema | ■ | | | | | | | | | |
| 2) Revisão do estado da arte | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| 3) Desenho da pesquisa | | | ■ | ■ | | | | | | |
| 4) Preparação dos 5) instrumentos de recolha 6) de informação | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| 7) Execução das técnicas de recolha de dados | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| 8) Análise dos dados 9) Recolhidos | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| 10) Redacção | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ |
| 11) Revisão e edição final | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |

2. Inquérito por questionário

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO MESTRADO EM SOCIOLOGIA

O presente questionário faz parte da realização da dissertação de Mestrado em Sociologia - “**Um Porto em cada Nós: Imagens, representações, memórias e semânticas da cidade. O caso do Porto**” – pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Através deste estudo pretende-se identificar os elementos que constituem o universo simbólico da cidade do Porto por parte de uma população específica, os estudantes da FLUP. Concretamente, procura-se conhecer quais as imagens, representações, memórias e semânticas que são atribuídas à cidade pela população. Garante-se total anonimato e confidencialidade no processo de tratamento e análise dos dados. Demonstramos, desde já, o nosso agradecimento pela disponibilidade demonstrada.

I| Universo Simbólico da Cidade

1. Quando pensa na cidade do Porto quais as 5 palavras que lhe associa de imediato? (coloque pela ordem que lhe vão surgindo)

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

2. Na sua opinião quais são as 5 maiores referências patrimoniais e/ou espaciais da cidade do Porto? (indique por ordem de importância)

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

3. Que personalidades, do presente ou do passado, associa à cidade do Porto? (indique por ordem de importância)

1. _____
2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

4. Conhece as seguintes expressões?

a) “Os habitantes do Porto são tripeiros.”

b) “Porto trabalha, Coimbra estuda, Braga reza e Lisboa diverte-se.”

1 Sim

2 Não (Avance para a questão 5)

4.1. Considera que as mesmas se adequam ao Porto de hoje?

1 Sim

2 Não

5. Numa palavra como descreveria a cidade do Porto?

II| Experiência na cidade

6. Qual a sua zona favorita da cidade do Porto?

6.1. Das seguintes opções indique aquela que melhor se adequa às memórias que possui sobre essa mesma zona. (Indique apenas uma)

1 Lazer

4 Local de passagem

2 Emocional/Afetiva

3 Infância

7. Já alguma vez se sentiu perdido na cidade do Porto? 1 Sim 2 Não (passe para a questão 8)

7.1. Das seguintes opções indique o sentimento que experienciou quando se sentiu perdido no Porto. (Indique apenas duas)

1 Liberdade

4 Pânico

7 Prazer

2 Confusão

5 Tranquilidade

8 Insegurança

3 Medo

6 Desespero

9 Segurança

8. Que meio/s de transporte utiliza para se deslocar para a Faculdade?

1 A pé 2 Autocarro 3 Comboio 4 Metro 5 Viatura própria 6

Outro: _____

8.1. Nesse trajeto, indique entre 1 a 5 elementos que identifica como simbólicos na cidade do Porto:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

III| Apropriação da cidade

9. Das seguintes práticas indique as que mais realiza na cidade do Porto. (Indique apenas duas)

- 1 Passear nas ruas 5 Fotografar 9 Estudar
2 Ir a museus/exposições 6 Prática desportiva
3 Ir ao teatro 7 Vida noturna
4 Ir ao cinema 8 Passear em centros comerciais

10. Avalie, na seguinte escala, a cidade do Porto nas categorias apresentadas.

| Categories | (1)Péssi mo | (2)Insatisfa z | (3)Satisfa z | (4)Bo m | (5)Muito Bom |
|--------------------|----------------|-------------------|-----------------|------------|-----------------|
| Turismo | | | | | |
| Educação | | | | | |
| Lazer | | | | | |
| Transportes | | | | | |
| Gastronomia | | | | | |
| Cultura | | | | | |
| Planeamento Urbano | | | | | |

11. Da seguinte listagem apresentada indique quais os prémios/reconhecimentos atribuídos à cidade que conhece/desconhece. De seguida, indique o grau de importância que atribui aos mesmos.

| Prémios e Reconhecimentos | Conheço | Desconheço | Pouco Importante | Indiferente | Muito Importante |
|--|---------|------------|------------------|-------------|------------------|
| Centro Histórico do Porto – Património Mundial da Unesco desde 1996 | | | | | |
| “Melhor Destino Europeu 2014” | | | | | |
| “Melhor Destino Romântico ‘secreto’” | | | | | |
| “Destino Gastronómico ano 2013” | | | | | |
| 1º prémio no Festival Internacional de Filmes de Turismo em 2012 | | | | | |
| "Prémio Mundial de Inovação em Engenharia de Pontes BERD-FEUP WIBE 2017" | | | | | |

IV | DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

12. Idade: _____

13. Sexo: 1 Masculino 2 Feminino

14. Nacionalidade: 1 Portuguesa 2 Outra. Qual? _____

15. Naturalidade (freguesia e concelho): _____

16. Estado Civil

1 Solteiro(a)

4 Divorciado(a)\Separado(a)

2 Casado(a)

5 Viúvo(a)

3 União de Facto

17. Programa Erasmus ou outro de intercâmbio universitário? 1 Sim 2 Não

18. Curso e Ciclo de Estudos: _____

19. Estudante-Trabalhador? 1 Sim 2 Não

20. Zona de residência (habitual): 1 Área Metropolitana do Porto 2 Outra

21. Distância média da sua residência ao centro do Porto: 1 < 50Km 2 50-100Km 3 > 100Km

22. Nível de Escolaridade do Pai

| | |
|--|--|
| Sabe ler e escrever sem grau de ensino (EQF 1 ^h) | |
| 1º ciclo do ensino básico (EQF 2) | |
| 2º ciclo do ensino básico (EQF 3) | |
| 3º ciclo do ensino básico (EQF 4) | |

| | |
|---------------------------|--|
| Ensino secundário (EQF 5) | |
| Bacharelato (EQF 6) | |
| Licenciatura (EQF 6) | |
| Pós-graduação (EQF 7) | |
| Mestrado (EQF 7) | |
| Doutoramento (EQF 8) | |
| NS/NR | |

22. Nível de Escolaridade da Mãe

| | |
|--|--|
| Sabe ler e escrever sem grau de ensino (EQF 1) | |
| 1º ciclo do ensino básico (EQF 2) | |
| 2º ciclo do ensino básico (EQF 3) | |
| 3º ciclo do ensino básico (EQF 4) | |
| Ensino secundário (EQF 5) | |
| Bacharelato (EQF 6) | |
| Licenciatura (EQF 6) | |
| Pós-graduação (EQF 7) | |
| Mestrado (EQF 7) | |
| Doutoramento (EQF 8) | |
| NS/NR | |

ⁱ Níveis de acordo com o European Qualifications Framework

Obrigado pela sua colaboração, o inquérito termina aqui.

Para esclarecimentos adicionais pode contactar através dos seguintes contatos.

Diogo Guedes Vidal

Up201107311@letras.up.pt | diogoguedesvidal@hotmail.com